



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de recursos do programa Minha Casa, Minha Vida para municípios com menos de 50 mil habitantes e de seleção para o Pró-Moradia

Brasília-DF, 12 de janeiro de 2010

Meu caro amigo e companheiro presidente do Senado Federal, senador José Sarney,

Minha querida companheira ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus queridos companheiros ministros Marcio Fortes, das Cidades; Nelson Machado, interino da Fazenda; Alfredo do Nascimento, dos Transportes; José Pimentel, da Previdência Social; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; e o nosso companheiro Alexandre Padilha, das Relações Institucionais,

Companheiros governadores Alcides Rodrigues, de Goiás; Sinval Barbosa, de Mato Grosso, governador em exercício; Francisco José Pinheiro, do Ceará, também governador em exercício; José Targino Maranhão, nosso querido Zé Maranhão, da Paraíba; Wellington Dias, nosso querido (incompreensível) do Piauí; nossa sempre primeira-dama do estado e do Nordeste, Wilma Maria de Faria, do Rio Grande do Norte; nosso companheiro Eduardo Braga, do estado do Amazonas; e o nosso companheiro Carlos Henrique Gaguim é o novo governador do estado de Tocantins,

Quero cumprimentar os senadores Antônio Carlos Valadares, o nosso companheiro do estado de Sergipe,

Quero cumprimentar o Suplicy – já foi embora –; o Inácio Arruda, nosso companheiro do estado do Ceará; o João Ribeiro, do estado do Tocantins; e o Sadi Cassol,



Deputados, quero cumprimentar o Cândido Vaccarezza, líder do PT, quero cumprimentar o Carlos Zarattini, a Eliene Lima, o companheiro deputado Jairo Carneiro, o nosso companheiro José Mentor, o nosso companheiro Júlio Cesar, Lázaro Botelho, Lupércio Ramos, Marco Maia, o nosso companheiro Mário Negromonte, Paulo Pimenta, Sandro Mabel, Roberto Balestra, Ricardo Barros, Rocha Loures, Valtenir Pereira, Wilson Picler e Zezéu Ribeiro, que estava cochilando aí agora, eu vi.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

E quero cumprimentar o nosso companheiro, prefeito de São Simão, Francisco de Assis Peixoto, que falou aqui em nome dos prefeitos,

Quero cumprimentar também a senhora Maria Darci Mota, diretora-presidente da Companhia de Habitação de Santa Catarina,

E quero cumprimentar o Roberto Sérgio Abdalla, representante da Associação Brasileira de Crédito Imobiliário e Poupança,

Quero cumprimentar a imprensa brasileira que está aqui,

Os prefeitos, as prefeitas, todos os funcionários do governo federal, os secretários estaduais, municipais e adjacências.

Bem, primeiro, vocês sabem que eu aprendi nesta curta vida, porque eu sou um jovem, que muitas vezes a gente cita o nome dos deputados e senadores, as pessoas falam: “Nossa, mas por que citar nominata com tanta gente?”. É que depois que a gente precisar votar um projeto no Congresso, quando a gente vai conversar com um deputado, ele fala: “É, eu estava lá, nem falou o meu nome. Agora precisa de mim”. E isso não é só deputado, não. Peão na porta de fábrica fazia assim: “É, só vem aqui na época de eleição, só para entregar boletim”. Então, a gente precisa... Eu sou grato porque até agora 99,99% das coisas importantes que nós mandamos para o Congresso Nacional, o Congresso Nacional aprovou, na maioria. Muitas vezes a gente



manda um projeto de lei maravilhoso, manda um pônei e eles transformam em um camelo. Mas muitas vezes é o Executivo que manda um camelo e vocês transformam em um pônei bonitinho, uma coisa muito melhor. Eu sou testemunha de que, na maioria das vezes, os projetos melhoraram dentro do Congresso Nacional, numa demonstração de que, com divergência ou sem divergência, o fato de nós termos a representação plural da sociedade dentro do Congresso Nacional, a gente consegue sempre encontrar um jeito de fazer as coisas melhorarem.

Eu não vou ler o meu discurso, Paulo Bernardo – eu queria que você segurasse, para o meu assessor vir buscar –, porque o meu discurso está mais ou menos que nem o do Marcio. Não sei se vocês estão lembrados, no tempo da União Soviética, quando o secretário-geral do Partido Comunista ia ler o relatório dele. O meu discurso está um relatório. É a mesma coisa do discurso do Marcio, com números: uma casa, duas telhas, dois telhados, um tijolo, um poste para cá.

Então, eu vou tentar aqui apenas dizer para vocês o seguinte. Primeiro, eu queria desejar a vocês, a todos sem distinção, um ano de 2010 infinitamente melhor do que todos os anos que nós tivemos anteriormente. E digo isso porque tudo que nós estamos visualizando, tudo, demonstra que 2010 vai ser um ano muito importante para este país. Tem gente que ainda não quer acreditar, tem gente que ainda teima em ficar vendo que coisas ruins vão acontecer. Aliás, tem gente que pega coisas insignificantes e transforma em coisas importantes para eles.

Eu tenho, nesse momento... Eu não sei, Sarney, com todo o respeito ao teu mandato de presidente e dos companheiros, eu não sei se em algum momento da história deste país um presidente pôde viver um ano de tanta expectativa como eu estou vivendo 2010. E, dizendo isso, eu estou dizendo aos prefeitos que ainda tem 2010, 2011 e 2012, portanto, ainda tem três anos... é que vocês, prefeitos, serão os grandes ganhadores do sucesso que a política



econômica deste país tiver. Vocês serão, na verdade... porque nós aprendemos – e essa é uma lição de vida –, nós aprendemos que é um erro, uma ignorância alguém imaginar que, por ser mais sabido que os outros, ele pode governar este país daqui de cima sem entender que a cabeça não anda se a gente não tiver pé. Então, é preciso que o corpo todo esteja em harmonia para que uma nação possa dar certo. E nós aprendemos a trabalhar com governadores de estado e aprendemos a trabalhar com prefeitos deste país sem perguntar a eles absolutamente nada. Porque antigamente o governo central preferia ficar com o dinheiro para que os prefeitos viessem aqui pedir esmola. E vocês sabem que quem tem dinheiro tem sempre uma facilidade muito grande de exercitar o poder. Dinheiro e informação, cargo e caneta são quatro formas de exercitar o poder.

O que nós estamos construindo para deixar para quem vier depois é um legado novo. É que uma relação respeitosa entre os entes federados e uma relação de confiança entre prefeitos e governadores, governadores e governo federal, governo federal e prefeitos é o que pode consolidar uma revolução administrativa neste país, e está acontecendo por conta dessa relação de confiança. Essa é uma conquista que é nossa. Eu tenho um pedacinho, vocês têm um pedacinho, ou seja, é nossa. Nós estamos tentando construir um novo jeito de fazer as coisas acontecerem no Brasil.

E além do sucesso do programa Minha Casa, Minha Vida... A Maria Fernanda sabe, a Dilma sabe, o Marcio Fortes sabe que eu ando cobrando cada dia mais, ou seja, eu não me contento nunca com os números. Eu nunca, Dilma... Você precisa saber o seguinte: eu fui jogador de futebol, e fui quase dos bons. É que um dia a minha mãe falou: “Você tem que escolher: ou você se prepara para ser jogador ou para ser presidente”. Eu, então, escolhi me preparar para ser presidente. Mas o dado concreto é que eu sou da filosofia de que um time não pode nunca ir para a retranca porque fez 1 X 0. Ora, se a gente está gostando de fazer 200, nós temos que trabalhar para fazer 300. Se



a gente está fazendo 300, tem que se preparar para fazer 400, 500, ou seja, não tem que ter limite. Não pode, o papel do Estado não é uma coisa finita. Ele sempre pode mais na hora em que ele consegue criar entre os entes federados a disposição de se autoajudarem e não ficarem cada um culpando o outro. Porque é assim: prefeito culpava governador, que culpava presidente, que culpava o Congresso, que culpava o Papa, que culpava não sem quem. O resultado final é que terminava o mandato de todo mundo e a gente não via acontecer nada neste país. Tem prefeitos que terminaram o mandato inteiro, alguns foram até reeleitos, em tempos passados, sem nunca receber um centavo do governo federal, muitos. E não é possível você governar o País apenas aqui de cima. Quem conhece, na verdade, as estranhas do povo deste país é quem está lá, vivendo com o povo no dia-a-dia, é quem sabe qual a angústia dessa sociedade. Então, por que não envolvê-los?

Vocês estão lembrados que no encontro de prefeitos que nós fizemos em março, em que participaram os governadores, eu chamei atenção para uma coisa, que era a questão do analfabetismo. Eu estou convencido hoje que é muito difícil a alfabetização de adultos, sobretudo as pessoas mais idosas, é cada mais difícil você levá-las de volta. Mas só a prefeitura é que pode levar. Não é um programa, não é dinheiro, é você convencer o prefeito.

Eu já contei para vocês a briga do programa Bolsa Família. Havia muita gente que dizia: “Mas, Presidente, isso não é do PT. Você vai fazer o cadastramento pela prefeitura, Presidente? Está cheio de prefeito ladrão neste país. Está cheio de prefeito...”. Porque as pessoas têm uma facilidade de julgar. Ou seja, a coisa mais fácil é chamar alguém de ladrão, a mais difícil é você pedir desculpas quando você reconhece que não é. Eu dizia... O pessoal dizia: “Não, porque o movimento, o movimento vai cadastrar, o movimento vai não sei das quantas”. Eu, na verdade, não acredito em “espontaneísmo”. Ou a gente trabalha de forma profissional e a gente corresponsabiliza as pessoas, ou as coisas não acontecem.



É por isso que eu não tenho dúvida nenhuma de que não existe, no mundo, nenhum programa com cadastramento mais sério do que o programa Bolsa Família. Eu não conheço um beneficiário do Bolsa Família, não sei o nome de nenhum, porque não sou eu que faço. Quem faz são os prefeitos, o movimento social que ajuda a controlar lá, o Ministério Público. O nosso papel é disponibilizar, no final do mês, o dinheirinho que eles recebem sem pedir favor a prefeito, sem pedir favor a vereador, sem pedir favor a presidente ou a governador. É uma conquista deles, e eles vão ao banco e recebem o seu dinheiro.

Pois bem, nós aprendemos, aprendemos, e por isso as coisas estão dando certo. Esses números que o Sarney citou aqui, que a Maria Fernanda citou, eu vou dar um outro número para vocês. Ontem, Eduardo Braga, eu fiz uma reunião sobre o programa Luz para Todos com o Ministério de Minas e Energia, Eletrobrás. Vocês sabem que, inicialmente, a gente tinha o compromisso, pelo IBGE, de fazer 2 milhões de casas. Quando nós fomos a campo, nós descobrimos que além dos 2 milhões de casas colocadas pelo IBGE, tinha mais 1 milhão que não estavam cadastradas, a mais. Bom, então nós assumimos o compromisso de fazer também esse a mais. Acontece que quando você começa a fazer um programa, você começa fácil, e quanto mais distante vão ficando as casas, mais difícil. Só para vocês terem exemplo, esse Programa já gastou 5 mil... 5 milhões de... Não, não. Cinco milhões de quilômetros de fio, um milhão de postes e quase 800 mil transformadores. Ontem nós atingimos 2 milhões, 335 mil casas. Nós temos uma meta de fazer 568 mil ligações este ano.

Mas eu estou falando isso porque está ficando difícil. Lá no estado do Amazonas, você pegar um barco, tem que andar horas de barco, depois descer do barco e andar horas no meio do mato. E para carregar um poste de madeira, um poste de madeira bom custa... o peso dele significa, para cada poste, 390 quilos. Então, você imaginar as pessoas carregarem 390 quilos nas



costas no meio do mar [mato], ou para colocar em uma chatinha no rio, vai afundar, e ao chegar lá tem que ter muita gente para levantar. Um poste de cimento, que a gente fazia antes, pesa uma tonelada. Você imagine descer na margem de um rio e pegar esse poste, andar mais três, quatro quilômetros a pé com ele, tentando carregar esse poste. Então, está ficando difícil.

Então, vai ser construída, agora, uma fábrica – ela já existe no Paraná –, nós vamos fazer uma fábrica de postes... Não nós. O Ministério acordou com o empresário, ele vai implantar uma fábrica de postes de lã de vidro. Esse poste pesa apenas 130 quilos. Um cara como você, Vaccarezza, pesa mais que o poste. Portanto, fica muito fácil a gente, agora, utilizar. E vamos agora... Nem falei de você, Zezéu, nem falei de você. Agora nós vamos pegar todos os estados que estão mais atrasados e vamos trabalhar, este ano, para ver se a gente consegue fazer avançar o Programa. Se a gente não chegar a 100%, vamos chegar a 95%, 80%, 90%, mas o fato concreto é que está muito próximo de, um dia, a gente dizer que neste país todo cidadão apagou o candeieiro.

Uma outra coisa importante – a Dilma deu um pequeno sinal aqui – é que desde setembro do ano passado eu estou falando na construção de um novo PAC 2011-2015. E por que eu estou pensando em um novo PAC? É porque nós precisamos colocar dinheiro, primeiro na LDO, e precisamos colocar dinheiro no Orçamento que vai ser aprovado este ano para 2011. Nós não podemos esperar que quem começar o governo comece a fazer o Programa para começar tudo, porque ele vai perder um ano. Então, nós queremos pegar a *expertise* – gostou, Marquinho, de eu falar *expertise*? – que nós adquirimos neste PAC e construir uma espécie de segundo PAC. Nesse segundo PAC tem a Olimpíada de 2016, tem a Copa do Mundo de 2014 e tem um tanto de obras aí que vamos apresentar.

Mas uma coisa que nós queremos discutir com seriedade, e os prefeitos vão ser muito importantes, é o seguinte: nós precisamos priorizar a reparação nas regiões metropolitanas deste país, dos governos que ao longo das últimas



quatro décadas criaram cidades quase inabitáveis. Pessoas que moram longe, pessoas que correm risco quando chove, pessoas que correm risco de morar de forma indecorosa e indecente, foram sendo amontoadas com o maior descaso, e aí não tem santo, não tem partido santo, não tem vereador santo e não tem prefeito santo. Todos que governaram têm um pouco de responsabilidade, porque nós fomos permitindo que a sociedade brasileira fosse se amontoando de forma inadequada. E isso nos obriga, não apenas a ficar com dó quando acontece uma tragédia. Porque a tragédia, eu nem discuto tragédia. Tragédia é uma coisa tão anormal, que a gente não tem como medir. Se você tem uma cidade em que chove, em cinco horas, a quantidade de chuva que tinha que chover no mês inteiro, alguma coisa vai acontecer, alguma coisa vai acontecer. Eu estava no Guarujá, caiu uma chuva na quinta-feira, que eu pensei que ia encher o mar. Eu falei: tudo bem, quando o rio transborda, a água vai para o mar. Primeiro, passa na casa das pessoas que moram na periferia, depois ela vai para o mar. Eu falei: se o mar encher, vai para onde?

Então, eu fiquei... fico imaginando o seguinte: a tragédia de Angra, uma coisa que não dá para a gente imaginar a gravidade. Eu não quero nem saber, e não estou preocupado, quem é o culpado, porque agora todo mundo quer achar um culpado. Eu quero saber é de a gente evitar que a irresponsabilidade permita que pessoas construam casas em lugares inadequados. As leis, elas existem, as leis são proibitivas. Você não pode construir casa na beira de córrego, mas as pessoas constroem. Aí, se um prefeito quer tirar, vai um vereador da oposição lá fazer um acampamento contra. E assim vai. Eu digo isso porque já fiz muito. E essa irresponsabilidade vai permitindo que a gente vá fotografando o resultado da irresponsabilidade.

Então, eu falei para a Dilma: Dilma, nós precisamos trabalhar o PAC agora e apresentar uma grande proposta, para ver se a gente resolve o problema de drenagem dos municípios brasileiros, o problema de drenagem, que é um problema sério. E aí tem que ter, Paulo Bernardo, uma pactuação,



onde ninguém tente enganar ninguém. Se um grupo de pessoas está indo morar em um lugar inadequado, o prefeito tem que não permitir que vá. Que coloque aquelas pessoas em outro lugar. Vamos discutir, mas não pode as pessoas construírem dez. Se construírem dez, é apenas um amontoado de gente. Mas se construírem mil, vira um problema político e não tira mais. Aí aparece, aparece... eu, não mais, porque eu sou presidente, mas aparecia sindicalista, eu era um deles, que corria lá: “Aqui, ninguém mexe” (incompreensível). Aí aparece, aparecia movimento social, deputado, senador, vereador, tudo mundo achando que é normal aquilo. Aí, quando vem enchente, todo mundo se afasta e fala: “Eu não tenho culpa. A culpa é só do prefeito”. Não, eu acho que a culpa é o acúmulo de erros cometidos neste país, ao longo de décadas. Então, não dá para procurar um culpado, o que nós temos que refletir é como começar a trabalhar para que a gente possa sonhar daqui a 20 anos ou 30 anos não ter mais essas tragédias, não existirem mais.

Então, essa questão do saneamento básico, essa questão da drenagem, essa questão da habitação, passam a ser coisas prioritárias para nós. Obviamente que nós temos preocupação com as Olimpíadas, nós temos preocupação com a Copa do Mundo, mas isso é uma coisa passageira. O que é definitivo é a permanência do povo nas cidades, é o povo apinhado em ônibus, é o povo apinhado em trem. E é disso que nós, então, temos que nos preocupar, com muito carinho, para que a gente coloque dinheiro no orçamento de 2011, e depois que entrar, vai colocar 2012. E é uma coisa que não pode parar, tem que ser que nem carteira de advogado trabalhista. Precisa ter mais de mil projetos para poder começar a ganhar um dinheirinho. A não ser que seja advogado (incompreensível) empresa estatal, porque aí ganha logo. Quando é advogado fora de empresa estatal, tem mais dificuldade.

Então, nós precisamos ter uma carteira de investimento que não pare nunca mais. Se a gente passou 30 anos sem fazer, que a gente faça 30 anos



seguidos, para recuperar o tempo perdido neste país. Então, nós vamos trabalhar essa coisa com muito carinho e pretendemos apresentar para vocês.

Agora, eu queria terminar, fazendo um apelo. Os governadores já sabem (incompreensível): é preciso, e é um apelo, pelo amor de Deus, construam os projetos. Se você chegar ao ministro Padilha, ou ao ministro Marcio, com um projeto objetivo, com um projeto com começo, meio e fim, dificilmente faltará dinheiro para aquele projeto. Dificilmente, faltará dinheiro para fazer o projeto.

No primeiro, no PAC, em fevereiro de 2007, o que a gente descobriu é que ninguém tinha projeto, nem governo dos estados, nem governo municipal e nem governo federal, ninguém tinha projeto. Por que ninguém tinha projeto? Porque, como o País tinha passado... Eu até penso que isto é uma máquina de pipoca, aqui do meu lado, porque toda hora (incompreensível). Eu estava quase pensando: joga pelo menos o piruá para mim. O piruá é o milho que sobra. Quando eu morava na Vila Carioca, eu não podia comprar pipoca – vida de pobre é uma desgraça, né? –, eu não podia comprar a pipoca, a cheiona, assim, aquela que parece neve. Aí, quando eu saía, os outros já tinham comprado a pipoca, ficava o piruá, que era aquele milho que não estourou. Era aquele que eu comprava, e vivia feliz assim. Mas jogue uma para mim, meu filho, não deixe pipocar tanto aqui na minha orelha esquerda, não.

Então, veja, nós agora aprendemos... Já tem governadores com projetos, deve ter prefeitos com projetos... Pelo amor de Deus, trabalhem em projetos. Mas antes de dizer “tem pobre, tem favela”, apresentem um projeto de urbanização daquela favela, do córrego, apresentem o projeto. O projeto é que nem fotografia de filho da gente: a gente compra. Agora, só pedir dinheiro, é difícil.

Então, eu queria pedir para os prefeitos: vocês têm três anos de mandato. Se não têm projetos ainda, dediquem os próximos tempos a projetos. Se não tiverem como fazer um projeto, procurem a Caixa Econômica no estado. Se não tiver, procurem o governador para o governador ajudar. Todos



os governadores... Acabou aquele tempo em que prefeito era inimigo do governador, o governador era inimigo do prefeito. Hoje todos nós aprendemos que temos que trabalhar juntos. Não existe mais espaço para pequenez política, não existe mais espaço. Mas se vocês tiverem um projeto - eu posso garantir, porque eu conheço o funcionamento do Planejamento, da Fazenda, da Casa Civil - com um projeto na mão não falta dinheiro, não falta dinheiro. Então, eu acho que nós agora precisamos reparar os desmandos que foram feitos neste país, e reparar a inexistência de projetos, porque aí nós vamos concluir as coisas corretamente neste país.

No mais, companheiros e companheiras, eu queria alertar vocês de uma coisa. Nós vamos ter eleições este ano. Todo mundo sabe que época de eleições é um ano sempre muito quente. Vocês já estão vendo, mais ou menos, o perfil do tipo de disputa que vai ter, do tipo de agressão, do tipo de insinuação. Eu só queria pedir para vocês o seguinte: aconteça o que acontecer, vocês não permitam que a relação institucional entre os entes federados sofra qualquer problema por conta de uma eleição. Uma eleição passa, e a vida continua.

Eu estou imaginando que como os meus adversários são todos muito letrados, eles vão querer fazer um debate em alto nível, em (incompreensível) programático, quem vai fazer mais, quem vai... Eu espero que seja isso. Pelos sinais que eu vi, me parece que na ausência de discurso programático, vale chutar do peito para cima. O que eles não sabem é que eu sou capoeirista, não sabem e, portanto, eu estou muito preparado para não deixar a coisa chegar no meu peito. E eu tenho certeza absoluta que nós vamos conseguir perpassar este ano vendo a economia... Vocês gostaram do “perpassar” que eu falei aqui? Quando eu terminar o mandato eu vou fazer o Enem, vou entrar no ProUni, vou procurar uma cidadezinha e fazer uns cursinhos aí.

Mas uma coisa que eu queria pedir para vocês é o seguinte. Eu acho que neste ano a economia brasileira vai crescer bem, acho que nós vamos



gerar muitos empregos neste país. Agora, é importante que a gente cresça bem, que a gente gere os empregos, mas que a gente não se esqueça nunca, nunca, que tem uma parcela da sociedade que ainda é mais pobre e que ainda precisa mais de nós, precisa mais do prefeito, precisa mais do governador, mais do presidente da República. Nós queremos que todos cresçam. Eu quero que os empresários ganhem dinheiro, porque quando eles ganharem dinheiro vão aumentar a fábrica, vão contratar mais trabalhadores, vão gerar mais salário, que vai gerar mais emprego, que vai gerar mais renda. É isso que eu quero.

Então, podem ficar certos do seguinte: eu não vou pedir para me chamarem de “Lulinha, paz e amor” em 2010, porque eu não sou candidato. Mas estejam certos de uma coisa: eu estou tão convicto do que vai acontecer neste país, estou tão convicto do que vai acontecer no processo eleitoral, que nada, absolutamente nada vai fazer com que eu perca um milímetro do meu bom senso, e desviar este país do caminho que nós estamos hoje. Não há hipótese, não há hipótese. Então, eu só quero de vocês o seguinte: não permitam que o jogo rasteiro de uma campanha eleitoral estrague a grandeza da relação que nós conseguimos construir no nosso país.

Muito obrigado, companheiros. Boa sorte, e mais casas para todos nós.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de assinatura dos termos de cooperação com as 12 cidades-sede da Copa 2014 (mobilidade urbana)

Palácio Itamaraty, 13 de janeiro de 2010

Bom, primeiro, cumprimentar os companheiros ministros que estão aqui presentes,

Cumprimentar o ministro Gilmar Mendes, presidente da Suprema Corte brasileira; a ministra Dilma Rousseff; o ministro Orlando Silva; o ministro Alfredo Nascimento; o ministro interino, Ivan Ramalho, do Desenvolvimento; o ministro Edison Lobão, de Minas e Energia; o Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; o Sergio Rezende, de Ciência e Tecnologia; o Luiz Barretto, do Turismo; o Geddel Vieira Lima, da Integração Nacional; o Marcio Fortes, ministro das Cidades; Alexandre Padilha, de Relações Institucionais; e o companheiro Pedro Brito, da Secretaria Nacional de Portos.

É importante lembrar a vocês que sempre nós temos que citar o nome dos ministros, porque senão quando nós tomarmos uma decisão, que eles tiverem que cumprir em uma semana, eles podem demorar um mês, apenas porque a gente não citou o nome deles em um evento em que eles participaram. Então, eu espero que com isso eu tenha ganho um crédito para que eles sejam mais rápidos na elaboração dos programas da Copa do Mundo.

Quero cumprimentar os governadores José Roberto Arruda, do Distrito Federal; Jaques Wagner, da Bahia; Sérgio Cabral, do Rio de Janeiro; Eduardo Campos, de Pernambuco; José Serra, de São Paulo; Aécio Neves, de Minas Gerais; Blairo Maggi, do Mato Grosso; Francisco José Pinheiro, em exercício, do Ceará; Wilma de Faria, do Rio Grande do Norte; Eduardo Braga, do Amazonas; Roberto Requião, do Paraná,



Cumprimentar os senadores Renan Calheiros e a nossa querida companheira Serys, que eu nunca consigo falar o nome dela, o sobrenome, Slhessarenko. Poderia ser “da Silva” que era melhor, querida.

Os deputados federais Geraldo Magela, José Ribamar Alves, Lupércio Ramos, Marcelo Melo, Marcelo Ortiz, Ricardo Quirino e nossa querida companheira Vanessa Grazziotin,

Cumprimentar os vice-governadores,

Os prefeitos Gilberto Kassab, Eduardo Paes e Luizianne Lins,

Cumprimentar o Marcio Lacerda, que falou aqui, e o Luciano Ducci, em exercício, de Curitiba; Amazonino Mendes, de Manaus; João da Costa, de Recife; José Fogaça, de Porto Alegre; Micarla Weber, de Natal; Wilson Santos, de Cuiabá; e Edvaldo Pereira Brito, vice-prefeito de Salvador,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Ricardo Teixeira,

Cumprimentar os companheiros presidentes dos clubes de futebol aqui presentes,

Cumprimentar os jornalistas,

E dizer para vocês que hoje poderia ser um dia de muita alegria para todos nós, mas é um dia de tristeza. Eu queria dizer para vocês que nós tivemos um começo de final de ano um pouco triste, com os acontecimentos de Angra dos Reis, no Rio de Janeiro, com aquele deslizamento de terra em que morreu muita gente, tivemos morte das enchentes em São Paulo, tivemos no Rio de Janeiro – na cidade do Rio de Janeiro –, certamente tivemos em outras cidades...

E agora, ontem, nós fomos pegos com uma notícia que nos deixa realmente inconformados, que foi o terremoto do Haiti. O Haiti já vive o problema de ser o país mais pobre do mundo, já vive o problema, sabe... uma série de problemas não resolvidos e, sinceramente, aquele povo não merecia mais uma desgraça na vida deles. Então, eu queria pedir para todos vocês que,



de pé, a gente fizesse um minuto de silêncio em nome das vítimas das intempéries.

Muito obrigado a todos.

Bem, comunicar a vocês que o ministro Jobim embarcou hoje, junto com o comandante do Exército e o comandante da Marinha para o Haiti. Juntos, foram representantes dos ministérios dos Direitos Humanos, da Saúde, foram outros representantes de ministros, da Integração Nacional... porque tem um problema grave de comunicação no Haiti, e que todo mundo sabe que nós perdemos alguns brasileiros. Não temos ainda a confirmação de todos, mas já se sabe que foram 11 pessoas que morreram, das nossas Forças Armadas, que lá estavam no programa de paz da ONU. Sabemos que tem algumas pessoas desaparecidas, sabemos da morte da nossa companheira Zilda Arns, mas não temos ainda informação do conjunto, porque as comunicações não estão fluindo, até por conta do terremoto.

Então, nós estamos na expectativa de que quando os nossos ministros chegarem lá, eles possam fazer um levantamento para nós das coisas que nós precisamos fazer para ajudar o Haiti. Eu acabei de receber um telefonema, às 19h50, eu vou conversar com o presidente Obama para ver como é que a gente pode mobilizar outros países, para ver o que a gente pode, efetivamente, fazer. Queria pedir aos governadores de estado que se colocassem de alerta, se tiverem infraestrutura... O Sérgio Cabral já nos ofereceu os hospitais de campanha que ele tem. O Corpo de Bombeiros dele acaba de passar por uma experiência triste, mas uma experiência exitosa no resgate dos corpos, e nós vamos, certamente, precisar de ajuda e gostaríamos que os governadores colaborassem com o Haiti, e tudo isso pode ser discutido através do Comitê de Crise coordenado, no Gabinete Institucional, pelo general Félix. Vamos pedir a Deus que não aconteça mais nada de grave no mundo, de hoje até a gente realizar essa nossa Copa do Mundo.

Bem, eu penso, Ricardo, que a assinatura que nós presenciamos aqui



foi uma assinatura simbólica, porque os outros governadores e os outros prefeitos, ou já assinaram ou vão assinar, é um marco, eu diria, muito importante para a Copa do Mundo. E eu diria que é uma resposta a alguns pessimistas de plantão, que acham que o Brasil não deveria fazer a Copa do Mundo, que o Brasil não deveria fazer as Olimpíadas, que o Brasil não deveria fazer nada porque o Brasil é um país pobre. Eu fico pensando se a Copa do Mundo só pudesse ser feita nos países ricos, seriam exatamente os países ricos os que produziram os melhores jogadores do mundo, e há uma contradição, porque os maiores jogadores do mundo são produzidos exatamente nos países mais pobres do mundo. Não é o caso do Brasil, que há muitas décadas está entre a oitava, a nona, a décima economia, depende de quem mede e quais os índices utilizados, mas um Brasil que está demonstrando condições extraordinárias de se transformar em uma grande economia em um médio espaço de tempo.

O dado concreto é que o Brasil merece esse bom desafio. As discussões, elas acontecem, muitas vezes, porque na política, em fim de ano, por exemplo, coisa que não tem muita importância ganha importância, porque não tem notícia. Em época de carnaval, coisas irrelevantes ganham relevância, porque só tem carnaval. E quando nós decidimos a Copa do Mundo, houve uma série de discussões: os estados não têm condições, os clubes não têm condições, a CBF não têm condições, o governo federal não tem condições, o governo dos estados não têm condições, os empresários não vão participar... Tudo isso, bobagem. Vai participar o governo federal, vai participar o governo estadual, vão participar os governos municipais, vão participar os empresários e vai participar a própria imprensa, o que é uma condição *sine qua non* para a gente ter o sucesso da Copa do Mundo.

E esse pessimismo, a gente acabou de quebrar ele hoje, aqui. Ou seja, nós estamos aqui, assinando um documento, que vai ficar com a cara de todos nós, para mostrar que nós estamos mais do que assumindo compromisso, nós



estamos, na verdade, é, perante a sociedade brasileira, firmando um tratado de que nós vamos fazer não apenas a Copa do Mundo, mas a melhor Copa do Mundo, sem o fiasco do resultado final da Copa de 50. Sem o fiasco. Para isso, Ricardo Teixeira, precisa mandar olhar mais o time do Corinthians, agora, com essa juventude toda que está aí, se preparando para a Copa do Mundo.

A segunda coisa que eu considero extremamente importante no que nós fizemos hoje aqui. Eu vou dar um exemplo: o Conselho Curador do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço. Ele, habitualmente, liberava R\$ 1 bilhão para a questão do transporte. Ontem, por conta da Copa do Mundo e por conta das Olimpíadas, o Conselho Curador do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, que é a representação, que é um dinheiro do conjunto dos trabalhadores brasileiros, eles aprovaram R\$ 8 bilhões para o setor de transporte para o Brasil, no futuro.

Com o documento assinado aqui e os compromissos firmados aqui, não tem mais essa de prefeito fazer corpo mole, de governador fazer corpo mole ou de o governo federal fazer corpo mole. Aquele negócio de um ficar dizendo: “Olha, é do Rio, é de Pernambuco, é do Ceará, é do Mato Grosso, é de Brasília”. Não, agora todo mundo sabe os compromissos que tem e todo mundo sabe o que nós precisamos fazer para realizar a melhor Copa do Mundo que nós vimos nesses últimos tempos. Eu estou convencido disso, Ricardo. Estou convencido de que a autoestima do povo brasileiro, a confiança da sociedade brasileira, a confiança dos empresários, o ânimo dos governadores, a vontade... porque, também, para os prefeitos, como é que eles veem a Copa do Mundo, as cidades que vão sediar? É como a possibilidade de ganhar, para a cidade, uma fatia das coisas que sem a Copa do Mundo demoraria mais dez anos, mais 15 anos. A mesma coisa é o Rio de Janeiro com as Olimpíadas. Nós vamos ter que fazer, para o Rio de Janeiro, aquilo que em um estágio normal poderia demorar 30 anos, 20 anos. Vamos ter que fazer em seis anos.



Agora, eu queria alertar os governadores, os prefeitos e os ministros... e não sou eu que estarei mais no governo em 2011. Mas é um dado concreto: nós precisamos criar, companheiro Orlando, um movimento que possa envolver uma espécie de um tratado, de um ajuste de conduta entre os órgãos executores e os órgãos fiscalizadores, para que a gente não dê, na fiscalização das coisas – seja na questão ambiental, seja na Controladoria, seja no Tribunal de Contas ou em qualquer outro órgão – o mesmo tratamento, como se nós estivéssemos vivendo um tempo de normalidade. A Copa do Mundo tem data. Ela é em junho de 2014. Nós não podemos protelar, não podemos dizer: “Olha, tem uma fiscalização”, ou “A questão ambiental não foi resolvida”, ou “O Tribunal de Contas não permitiu isso”, ou “Não conseguimos tal coisa”. Vamos fazer em 2015, que é melhor? Em 2016? Não dá. Da mesma forma são as obras para as Olimpíadas. Tem que ter um tratamento totalmente especial.

Portanto, Ricardo, é importante que um comitê, que vai ser criado para cuidar disso, esse comitê comece a procurar esses órgãos que vão ter incidência no tempo em que a gente vai poder fazer as obras, para que eles possam, junto com prefeitos, governadores e governo federal, facilitar sem abrir mão das exigências legais que nós temos que cumprir, porque Copa do Mundo e Olimpíadas não significam sinônimo de ilegalidade. Significam sinônimo de agilidade. Ou seja, aquilo que você pode fazer em 45 dias, faça em cinco. Aquilo que você faz, trabalhando duas horas, você trabalha um sábado e um domingo e você faz as coisas que precisam ser feitas. É essa pressa e essa rapidez.

Eu vou dar um outro exemplo para não falar dos outros, para falar do governo federal. Na hora em que nós estamos discutindo a questão de financiamento para os estados fazerem estádios de futebol, fazerem coisas urbanas, nós não podemos, em nome do governo federal, através do Tesouro federal, fazer as mesmas exigências que a gente faz para um governador pegar 50 milhões, que a gente faz em tempo de crise. Nós temos que criar os



mecanismos que possam facilitar que esses empréstimos para esses eventos internacionais, com data marcada, sejam feitos com a maior rapidez possível. É um pouco de sabedoria e um pouco de esperteza.

E por último, meu caro Juvenal, esperar que os times se preparem, que criem mais jogadores, para que a Copa do Mundo... Senão nós vamos ter que emprestar outra vez para eles o Ronaldão, vamos ter que... o Roberto Carlos. Precisa criar gente... Olha o time do Corinthians jogando na Copa São Paulo, viu? Presta atenção, Ricardo.

Então, eu acho... Eu queria terminar dizendo o seguinte: olhe, para aquelas pessoas que achavam que a gente não tinha condições. Ah, o Morumbi não tem condições, o Maracanã não tem condições, não sei o que não tem condições. Ora, antes de as pessoas falarem, as pessoas poderiam conversar, sentar, estudar e ver – nós não estamos com essa bola toda de jogar uma coisa fora para fazer outra nova não – ou seja, nós temos é que aproveitar o potencial que a gente tem, a gente não precisa também acreditar em todas as exigências que os gringos fazem para gente, não é?

Nós, nós temos uma realidade. Nós queremos fazer o máximo – como diria um jogador da seleção brasileira: “Nós queremos fazer o nosso melhor, nós queremos dar o nosso melhor para a Copa do Mundo”. Mas nós somos um país que tem as nossas características, tem a nossa realidade e o povo brasileiro já vive esse cotidiano. Nós não vamos fazer um cotidiano para a Copa do Mundo e um cotidiano antes da Copa do Mundo, ou seja, o que nós queremos é melhorar a vida do povo brasileiro e, melhorando a vida do povo brasileiro, a gente vai ter condições extraordinárias para fazer a Copa do Mundo.

A única coisa que eu posso dizer, meu caro Ricardo, é que todos os compromissos que nós tivermos que assumir, nós assumiremos ainda este ano, porque quem vier depois de mim não tem mais que discutir, tem que executar as coisas que tem que fazer porque, senão, não dá tempo de a gente



realizar a Copa do Mundo. E, aí, se não aprontar o Maracanã, se não aprontar o Mineirão, se não aprontar o Morumbi, se não aprontar não sei das contas, nós vamos ter que levar para Fazendinha. E, aí, não vai ser uma coisa tão glorificante, muito menos o Parque Antártica, Serra, que não comporta uma Copa do Mundo. A Fazendinha, com um bom reparo, ainda comporta porque tem a marginal.

Então, eu só quero dizer para vocês que a nossa disposição, companheiro ministro Orlando e companheiro Ricardo, e presidentes de clubes, companheiros governadores e prefeitos, a nossa disposição é total e absoluta, porque nós temos clareza do que significa realizar um evento dessa magnitude no Brasil. Quem quiser ficar torcendo contra que fique. Nós vamos trabalhar e vamos realizar a Copa do Mundo e esperamos, se Deus quiser, fazer a melhor Copa do Mundo, a melhor Seleção, e a melhor performance em uma Copa do Mundo.

No mais, parabéns aos governadores, parabéns aos prefeitos, e sorte aos nossos clubes, que se preparem porque a Copa vem aí para valorizar os seus jogadores.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento da pedra fundamental e de início das obras da Refinaria Premium I

Bacabeira-MA, 15 de janeiro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Maranhão,
Minha querida companheira, governadora do estado, Roseana Sarney,
Meu caro companheiro José Sarney, presidente do Senado Federal,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia,
Meu querido companheiro Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais,

Quero cumprimentar o nosso companheiro João Alberto de Souza, vice-governador do estado do Maranhão,

Quero cumprimentar o desembargador Jamil Gedeon Neto, presidente do Tribunal de Justiça do Maranhão,

Os deputados federais Bene Camacho, Cleber Verde, Professor Sétimo e Washington Luiz,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Cumprimentar o companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de abastecimento da Petrobras,

Quero cumprimentar o nosso querido prefeito de Bacabeira, por meio de quem quero cumprimentar todos os prefeitos da região,

E quero cumprimentar o Alan Linhares, presidente da Câmara Municipal de Bacabeira,

Quero cumprimentar o Maurício Macedo, secretário da Indústria e



Comércio do Maranhão, por intermédio de quem cumprimento todos os secretários aqui presentes,

Quero cumprimentar os estudantes, os trabalhadores, os empresários, a imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

No dia de hoje, possivelmente, nenhum de vocês e, possivelmente, nenhum de nós tenha a exata dimensão do que vai acontecer nesta cidade, nesta região e neste estado nos próximos dez anos. A única coisa que nós estamos afirmando aqui é que em um investimento de R\$ 40 bilhões, o maior investimento em um estado, hoje, no Brasil, em uma obra apenas... não acredito que tenha no mundo, hoje, um investimento em refinaria do tamanho que estamos fazendo aqui no estado do Maranhão. O que nós estamos anunciando é que vamos começar a terraplanagem do terreno para fazer a Refinaria e que a primeira parte desta refinaria ficará pronta até 2013, e que a segunda parte ficará pronta até 2015, final de 2015. O que nós estamos dizendo é que [R\$] 40 bilhões serão utilizados para cuidar da refinaria.

Agora, eu não tenho dimensão – não sei se a Governadora tem, se o Lobão tem, ou o Sarney tem, ou o próprio Gabrielli tem. O que vai acontecer aqui nesta região? Porque, atrás de um empreendimento como esse, serão bilhões de dinheiro circulando no Estado, gerando salário, que gera consumo, que gera mais empregos, que gera mais consumo. Atrás de um empreendimento desse vêm outras empresas, que vão gerar mais investimentos, mais empregos, portanto, mais consumo, e mais empregos, e mais investimentos.

Por de trás de um empreendimento desse virão hotéis, virão restaurantes, virão estradas, e virão uma série de coisas que nós ainda não temos conseguido enxergar a plenitude das coisas que podem acontecer no estado do Maranhão. A única coisa que eu posso afirmar a vocês é que, a



partir deste momento, nós estamos todos juntos, começando a construir uma nova etapa na história do estado do Maranhão. E falo isso com muito orgulho, porque não seria importante fazer uma obra dessa se não tivesse o alerta do presidente da Petrobras: “Se nós não tomarmos cuidado de planejar a nossa cidade, de contratar mão de obra da região... – porque senão a gente vai trazer mão de obra de outros estados do Brasil e as pessoas daqui vão continuar desempregadas”.

É importante, portanto, a gente fazer, Roseana, quantas parcerias forem necessárias entre o Governo Federal, entre o governo estadual, entre a Petrobrás, para que a gente possa formar a mão de obra necessária para esta obra aqui no estado do Maranhão, e de preferência nas cidades vizinhas. É importante que a gente tenha um programa de levar água encanada para a casa das pessoas, de construir as casas que precisam ser construídas, de colocar saneamento básico para que a gente não permita que um empreendimento como esse faça girar, em torno do empreendimento, pessoas morando de forma desordenada, morando de forma inadequada, construindo as famosas favelas que nós conhecemos pelo Brasil inteiro. Já que nós estamos começando um novo empreendimento, é preciso que a gente comece esse empreendimento de forma certa, para não permitir que, daqui a cinco anos, a gente tenha mais problema social do que a gente tem hoje antes da implantação da Refinaria Premium.

Portanto, José Sergio Gabrielli, o teu alerta é muito importante, porque vale para os prefeitos. Os prefeitos precisam tomar cuidado para que não haja ocupação desordenada. É preciso que haja um estudo de ocupação do solo de cada cidade, que tenha um plano de urbanização das cidades, para que a gente possa fazer o surgimento de uma nova Bacabeira, e de outras cidades vizinhas, muito melhor do que aqui existe hoje, com mais qualidade habitacional, com mais qualidade no saneamento básico, com mais qualidade na educação, com mais qualidade na saúde e com mais qualidade nas



atividades culturais, que também o povo precisa ter em todas as cidades deste país. Portanto, eu quero agradecer o alerta do presidente da Petrobras, porque isso vale para mim, isso vale para a Roseana e isso vale para cada prefeito que está presente aqui.

A segunda coisa que eu considero extremamente importante é que, daqui a alguns anos, quando a gente olhar o mapa do Brasil, a gente vai constatar que o Nordeste brasileiro e o Norte do País não serão apresentados no mapa e nos resultados das pesquisas do IBGE apenas como a parte pobre do Brasil. A gente vai olhar o mapa, Sarney, e eu espero que a gente esteja junto para olhar o mapa, para ver o que vai acontecer. Porque não é pouca coisa. Os investimentos em refinaria aqui no Nordeste brasileiro, entre o Rio Grande do Norte, que é a menor, entre o Ceará, entre o Maranhão, que é a maior, e entre Pernambuco será, praticamente, um total de US\$ 45 bilhões em investimento, o equivalente a R\$ 90 bilhões, que serão investidos em refinarias no Nordeste brasileiro. Esse é um investimento que nunca foi feito na história do País e eu não consigo nem visualizar o que significam R\$ 90 bilhões, e muito menos US\$ 45 bilhões. O que eu sei é que nós vamos gerar mais oportunidade de desenvolvimento, vamos gerar formação de [mão de] obra, vamos gerar gente mais qualificada, mulheres e homens melhor formados, vamos pagar melhores salários, para que a gente possa daqui a alguns anos olhar o Brasil e a gente não ter uma região rica e outra região pobre, mas que a gente tenha um Brasil mais ou menos equânime, um país mais igual, mais justo e um país onde os governantes aprendam a olhar e a enxergar a totalidade do seu território, e não apenas olhar o umbigo que lhe interessa olhar, como habitualmente se faz neste País.

Uma outra coisa grave que sempre aconteceu no Brasil: é que, muitas vezes, um simples prefeito de uma cidade pequena começa a fazer uma obra, vem a eleição, ele perde a eleição, quem ganha para a obra porque não concorda com o prefeito que estava fazendo, e a obra fica parada. O prefeito



novo começa uma nova obra, vem a eleição, ele perde, o outro que entra para a obra, e assim vale para os estados, e assim valia para o Brasil. Acabou. Graças a Deus, acabou. Nós, que somos eleitos para cargos públicos neste país, e vou dizer uma coisa aqui muito séria: precisamos criar vergonha e entender que a única razão pela qual nós somos governantes é para atender os compromissos que nós assumimos, durante a campanha eleitoral, com o povo deste país. É a única razão pela qual merece a democracia, e a razão pela qual nós disputamos cargos.

Portanto, quando a gente vem aqui no início da terraplanagem, e a gente começa a olhar o que vai acontecer no Nordeste, Sarney, preste atenção: uma refinaria no Maranhão, uma no Ceará, uma no Rio Grande do Norte, uma em Pernambuco. A Ferrovia Norte-Sul, que você começou em 1986, [19]87, e que eu era um dos grandes críticos daquela Ferrovia. Você, no seu mandato, não pôde fazer muita coisa porque tinha que fazer projeto, acho que foram feitos 115, 125 quilômetros. Depois de você, passaram-se 17 anos, fizeram mais apenas 200 quilômetros. Pois bem, você vai ter oportunidade de, junto comigo, inaugurar 1.500 quilômetros da Ferrovia Norte-Sul. E já no PAC II, que vamos apresentar agora em março, nós vamos levar a Ferrovia Norte-Sul de Anápolis até Estrela d'Oeste, em São Paulo, para que se possa sair do Porto de Itaquí e ir até o Porto de Santos, e sair do Porto de Santos e vir até Itaquí de trem.

Não é apenas isso. Nós, nos próximos dois anos, vamos inaugurar quase 1.900 quilômetros da Ferrovia Transnordestina, ligando o Porto de Suape, o Porto de Pecém e Eliseu Martins, no estado do Piauí, para que a gente possa interligar o Nordeste brasileiro. E, possivelmente, no PAC II entre a continuidade da Transnordestina para interligar e modernizar, definitivamente, toda a rede ferroviária do Nordeste brasileiro, que foi abandonada há muito tempo. Quem olhar, vai ver a Ferrovia Leste-Oeste, que vai sair lá do Porto de Ilhéus, Sarney, lá do Porto de Ilhéus, na Bahia, e vai se juntar à Ferrovia Norte-Sul no estado de Tocantins, para que a gente faça a



integração ferroviária, para que a gente possa facilitar o desenvolvimento do nosso país.

Mais uma obra que me dá orgulho, e eu acabei de pedir para o presidente Sarney: faça uma comissão de senadores e vá visitar. Porque Dom Pedro II tentou fazer essa obra em 1840 e não sei quantos, e não conseguiu; porque outros, outros presidentes tentaram fazer... Acho que até o presidente Sarney pensou em fazer a transposição e a Bahia não deixava, e Sergipe não deixava, e Alagoas não deixava. Não os estados e o povo, mas os políticos da região. Pois bem, eu tive a oportunidade de visitar o Canal do São Francisco, e se Deus quiser, ainda este ano inauguraremos a primeira parte de um canal de 642 quilômetros, cortando o sertão nordestino, levando água para o Rio Grande do Norte, para Pernambuco, para a Paraíba e para o Ceará, para atender 12 milhões de seres humanos brasileiros que moram na região mais seca deste país.

Tem duas obras que o homem vai ver, da Lua, agora: uma é o muro da China e a outra vai ser o Canal do São Francisco, cheio d'água, levando água para o povo pobre, dar água de beber para os animais, e dar água para que o nosso povo possa beber e possa plantar.

Mas não é apenas isso. Nós resolvemos fazer uma estrada, ligando toda a costa nordestina, porque não tem sentido um turista vir da Europa para o Brasil, descer em um aeroporto do estado do Nordeste e ter que pegar um avião para ir para outro lugar. Ele, agora, vai poder ir de carro, de ônibus, com a família dele, conhecer todos os estados brasileiros do Nordeste, que é a BR-101. Boa parte dela será inaugurada já este ano.

E, por fim, eu queria fazer justiça ao ministro Lobão, que nós também iremos ver duas grandes obras de infraestrutura na área energética, que são as hidrelétricas de Jirau e a hidrelétrica de Santo Antônio, que começarão a produzir energia já em 2011 ou 2012. Mais outras coisas que nós vamos fazer.

Bem, isso tudo que eu acabei de dizer é para mostrar para vocês que



nada disso valerá a pena se a gente não investir numa outra coisa sagrada, e a mais sagrada, chamada educação brasileira. Eu tive, Sarney, a oportunidade de, nesta semana, sancionar a lei que a Câmara e o Senado aprovaram, de [para] criar a Universidade da América Latina, uma universidade de dez mil alunos, em que metade dos professores serão de países da América do Sul e América Latina, e metade dos estudantes... Todos os estudantes vão estudar em espanhol e em português, porque essa é a principal coisa da integração que nós queremos fazer aqui na América do Sul.

Mas, o que me deixou satisfeito, Sarney, é que, a partir das universidades, eu passei a ser o Presidente da República que mais fez universidades em toda a história da República brasileira. Mais ainda, nós terminaremos este mandato com 214 escolas técnicas, fora a de Bacabeira, que não estava prevista, que agora a Roseana já me deu uma cantada aqui no palanque, portanto, ela vai ter que sair. Porque nós, nós precisamos ter consciência de que não haverá desenvolvimento se não houver investimento na qualificação humana. As nossas meninas, as nossas moças e os nossos rapazes, as nossas mulheres e os nossos homens precisam estar qualificados profissionalmente e isso é através da melhoria da educação, da oportunidade de estudo, porque hoje aqui já tem gente que sabe a diferença entre um homem com profissão e um homem sem profissão, entre uma mulher com profissão e um homem [uma mulher] sem profissão. Muitas vezes, a mulher sem profissão é submissa ao companheiro dela, porque depende do prato de comida que ele põe dentro de casa. E uma mulher não pode ser submissa ao homem por causa de um prato de comida, ela tem que ser submissa a um parceiro porque ela gosta dele e quer viver junto com ele. E um homem nunca será um verdadeiro chefe de família se ele não conseguir cuidar decentemente da sua família. Quando a gente coloca filho no mundo, nós temos que criar, temos que educar e temos que dar de comer. E quem mais precisa neste momento é o povo pobre deste país, e dentre o povo pobre deste país, é o



povo do Nordeste. E é engraçado, Sarney, que eu não fui a uma escola de Economia para aprender isso. Eu via a minha mãe fazer bife para os oito filhos dela. Você sabe que pobre vai ao açougue, ele compra um bife, chega em casa e pega um martelo de amassar carne e bate no desgraçado do bife. Você compra um bifinho deste tamanho, aí você começa a bater com aquele martelinho e fica deste tamanho, mas fica parecendo “gillette”, de fininho. Aí, o que acontece? Uma mãe não dá um bife maior para um ou para outro. Não adianta o Lula, que era o caçula, ficar com dengo, achando que ia ganhar mais. Não! A mãe dá para todos o mesmo pedaço e o mesmo tamanho, ninguém vai comer dois se não tiver dois para todo mundo. Como é que ela faz se tiver um doentezinho? É naquele que ela faz um denginho maior ou dá uma coisa maior.

Então, para governar este país é preciso que a gente tenha muita sabedoria, mas é preciso que a gente utilize, muitas vezes, muito mais a sabedoria do sentimento, a sabedoria de uma mãe, a sabedoria de um pai, a sabedoria de um coração, do que aquilo que a gente aprende na faculdade. Aquilo é bom para certas coisas, mas ninguém ensina a gente a gostar de povo. Ninguém ensina a gente a ter sensibilidade, isso vem da alma da gente, de a gente olhar no olho de um companheiro e compreender qual é o drama do companheiro, compreender qual é o drama de uma companheira. Isso a gente não aprende na escola, lamentavelmente, não tem curso para isso. Essa é uma coisa que é a química entre a espécie humana, e essa química só é possível em quem tem sentimento no seu coração, em quem tem coragem. Sarney, nunca tenha vergonha de chorar em público. Um dos sentimentos mais puros, mais puros que um ser humano pode ter é não ter vergonha de dizer que ele está emocionado e está chorando, por conta das emoções dele. Eu, eu já sou um chorão inveterado. Você estava falando e eu já estava limpando os meus olhos com o meu paninho aqui, porque esse paninho não é só para enxugar o rosto, não. De vez em quando, é para disfarçar e passar assim no olho e tirar



as lágrimas que começam a juntar.

Mas eu queria terminar, eu queria terminar sem festa. Faz de conta que já está terminado o meu discurso aqui. Mas eu queria pedir para vocês que neste momento de alegria que vive o povo de Bacabeira e da região, neste momento de alegria que vive o povo do estado do Maranhão, neste momento de alegria que vive o povo do Brasil, misturada com um pouco de tristeza pelos incidentes das enchentes do final do ano, essas catástrofes que o ser humano ainda não consegue controlar... Mas, mesmo assim, o Brasil tem razão de sobra para estar vivendo um momento (falha no áudio).

Mas nós fomos pegos de surpresa por um terremoto em um dos países mais pobres do mundo. Eu, às vezes, fico pensando se é justo que o terremoto tenha se dado exatamente no Haiti, um Estado que não está organizado, um Estado negro do mundo, que foi o primeiro da América Latina a conquistar a sua independência, o primeiro Estado da América Latina e o primeiro Estado negro a conquistar a sua independência. Mas eles nunca tiveram chance na vida, porque há um tempo os ingleses invadiram, noutro tempo os franceses invadiram, noutro tempo os americanos. Ou seja, eles estão há pouco tempo, e de vez em quando teve golpe de Estado, teve corrupção, teve um monte de coisas. Agora que o Haiti começa a ter uma oportunidade de entrar em uma situação de tranquilidade, o presidente Préval está tentando construir uma harmonia para ver se o Haiti consegue dar um salto de qualidade, e acontece a desgraça que aconteceu, um terremoto que praticamente destrói uma parte do país, um terremoto que matou milhares de pessoas. Ainda não sabemos quantas, porque não tem estrutura para que haja uma apuração rápida. Não tem sequer máquina pesada para tirar o concreto que está em cima das pessoas. Tem uma universidade que caiu inteirinha, não sabemos quantos estudantes estão soterrados, não sabemos se tem vivos, se tem mortos. E o Brasil, mais uma vez, mostrando solidariedade, já mandamos cinco aviões para lá, já mandamos bombeiros, já mandamos 14 toneladas de alimentos, já



disponibilizamos US\$ 15 milhões, já mandamos 50 bombeiros com cachorros farejadores, para ver se a gente consegue encontrar. Mas está difícil trabalhar porque não tem rua para as máquinas trabalharem, não tem máquinas, algumas empresas brasileiras estão sendo solidárias, estão mandando. Uma das principais pessoas que estão lá é o general Guedes, que é aqui do estado do Maranhão. E nós, então, estamos fazendo aquilo que é possível. Vejam que até água para beber a gente tem que mandar de avião. Mas em um avião não cabe água para 3 milhões de pessoas que querem beber. Então, é uma situação muito triste. E eu queria que a gente fizesse em dois momentos...

Tivemos 14 soldados brasileiros mortos, 14 heróis brasileiros que estavam lá em nome da nossa Pátria, ajudando o povo do Haiti. E eu posso dizer para vocês que os soldados brasileiros são tratados com carinho, fazem festa de Natal na favela, distribuem chocolate. Este ano, mesmo, eu falei com a Nestlé para mandar chocolates para distribuir para as crianças lá do Haiti. Morreram 14 soldados, quatro estão desaparecidos, possivelmente já estejam mortos, mais o segundo homem das Nações Unidas que está lá, que é um brasileiro, que também está desaparecido, que já está morto, e a nossa querida Zilda Arns, uma mulher exemplar na luta pela solidariedade, que faleceu.

Então, eu queria pedir um minuto de silêncio em homenagem às vítimas do Haiti e aos brasileiros mortos no Haiti.

Muito obrigado.

E agora nós prestamos uma homenagem aos mortos do Haiti. Agora eu queria que nós, com uma salva de palmas, fizéssemos uma homenagem aos vivos do Haiti que estão precisando do mundo inteiro.

Muito obrigado, gente, e boa sorte para o povo de Bacabeira, para o povo do Maranhão, e para o povo brasileiro.

Até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da barragem Setúbal**

Jenipapo - MG, 19 de janeiro de 2010

Eu quero, primeiro, cumprimentar os meus queridos companheiros e companheiras de todo o Vale do Jequitinhonha, região que eu visitei muitas vezes e que tenho um apreço extraordinário pela capacidade cultural do Vale do Jequitinhonha.

Depois, eu queria cumprimentar a gloriosa Filarmônica Nosso Sonho. Eu confesso a vocês que eu jamais esperei chegar aqui na cidade – passo para inaugurar uma barragem – e ouvir o Hino Nacional tocado pela Filarmônica Nosso Sonho.

Também quero cumprimentar os companheiros da imprensa mineira e da imprensa nacional que estão aqui,

Quero cumprimentar os companheiros ministros que me acompanham, a ministra Dilma Rousseff, o ministro Patrus Ananias, o ministro Geddel Vieira e o ministro Luiz Dulci,

Quero cumprimentar os deputados federais Fábio Ramalho e Leonardo Monteiro,

Quero cumprimentar o João Santana Reis [João Reis Santana], secretário-executivo do Ministério da Integração Nacional,

Quero cumprimentar os prefeitos Marlio Geraldo Costa, de Jenipapo de Minas, e Eraldo Eustaquio Soares, de Chapada do Norte, por meio de quem eu cumprimento todos os companheiros prefeitos e prefeitas que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar o vereador Domingos Pascoal Guedes, presidente da Câmara de Vereadores de Jenipapo de Minas,

Quero cumprimentar o vereador José Emetério, presidente da Câmara



Municipal de Chapada do Norte,

Quero cumprimentar o senhor José Francisco Moura [Francisco José de Moura], presidente da CMT Engenharia,

O senhor José Geraldo Mendes, presidente da Egesa,

Quero cumprimentar o Celso Cota, presidente da Ruralminas,

Quero cumprimentar esses companheiros que estão aí, de amarelo, que são os trabalhadores que estão construindo a Barragem,

E, por fim, eu queria dizer para vocês como este mundo está pequeno. Eu, ontem, recebi uma carta do governador Aécio Neves, se explicando porque ele não poderia estar aqui hoje, porque ele tinha agenda em outro lugar. É bom reconhecer que nesses sete anos de governo, ele esteve em todas as obras que eu vi inaugurar em parceria com o estado de Minas Gerais.

Mas, mais importante ainda, é que eu recebi uma carta de uma pessoa que mora nos Estados Unidos. Chique! Mas essa pessoa deve ser daqui, porque o nome dela é Sandra Lisboa. Ou ela é daqui ou ela é de Belo Horizonte. Mas ela manda uma carta para mim, eu diria, bastante interessante. Ela escreve o seguinte: Presidente, acabo de ter conhecimento de sua visita a Jenipapo de Minas, agendada para amanhã, dia 19 de janeiro de 2010, para inauguração da barragem do rio Setúbal. Gostaria de solicitar ou de sugerir a Vossa Excelência incluir em seus discursos agradecimentos à comunidade pela luta do povo, não somente aos prefeitos, mas ao povo, pela continuidade das obras daquela barragem.

Diz ela: “Essa luta teve início em 1991, quando a Cemig decidiu interromper as obras de construção da barragem. Em um primeiro momento, sem apoio das autoridades políticas locais, um pequeno grupo de pessoas liderado por duas senhoras: Lúcia Batista e Terezinha Lisboa lutaram incansavelmente, lutaram, lutaram incansavelmente para não deixar que as obras fossem paralisadas. Sem sucesso, essas mulheres, entretanto, não



desistiram, organizaram vários movimentos pela barragem. Entre eles, primeiro: foi feita uma vala na estrada para impedir a passagem dos caminhões, quando foram orientados a deixar o canteiro de obras da barragem. Nesse evento, um advogado chegou a ameaçar dona Terezinha com um revólver. Ela não se intimidou e continuou liderando o movimento. Segundo: foi organizada uma viagem a Belo Horizonte, em um ônibus fretado e pago pela comunidade, para fazer um piquete em frente a Cemig, empresa, então, responsável pelas obras. Aberto o processo de ação popular na Justiça solicitando a concessão da barragem à comunidade, sendo o advogado no valor de 50 mil cruzeiros, pagos por Terezinha.

Em junho de 1992, Lúcia Batista e Terezinha Lisboa recebem mandado de intimação, como resultado de um processo de ação de reintegração de posse por parte da Cemig. Mais tarde, Terezinha negocia com a Cemig, que aceitou transferir os direitos sobre a barragem para a Ruralminas. Diversas visitas ao então presidente da Ruralminas, o já falecido Eduardo Brandão, conseguindo seu apoio nessa luta. Depois, visita do ministro Ciro Gomes, que resultou na assinatura do acordo de intenções para finalização das obras da barragem. Essa luta antecede o então prefeito de Jenipapo, Edson Figueiredo, que nesse momento entra em cena, conseguindo verbas para as obras. Dona Lúcia já é falecida e dona Terezinha Lisboa, hoje com 81 anos de idade, está viva e querendo lutar muito mais.

Então, eu queria contar esse fato para pedir para vocês uma grande salva de palmas para essas duas mulheres, que se transformaram em heroínas da construção desta barragem.

Agora, eu queria, sobretudo para a imprensa notar o que significa esta barragem do ponto de vista do custo, do ponto de vista de quanto deu o estado de Minas e quanto deu o governo federal, porque vocês vejam ali que tem duas placas. Ali tem uma placa: “Barragem Setúbal, Jenipapo de Minas Gerais, PAC-Programa de Aceleração, governo de Minas Gerais.” Aqui tem outra



placa, a mesma coisa, “governo federal”, quando seria mais barato ter uma placa só dizendo quanto cada ente federado deu e o povo, então, saberia entender e custaria menos para as empresas que mandaram fazer a placa, e a gente poderia fazer uma obrinha a mais aqui na nossa Jenipapo.

De qualquer forma, é importante... a dona Terezinha Lisboa, de quem eu falei, está aqui no palanque, ela chegou. É a esta mulher e à dona Lúcia que todos nós devemos esta barragem.

Espera aí, ô. Ô bicho, você grita, hein? Peraí. Ô gente, só para vocês entenderem aqui...

Agora, eu queria que vocês prestassem atenção e, sobretudo, que a imprensa da região anotasse aqui o seguinte: a barragem de Setúbal, que vai represar as águas do rio Setúbal, e possibilitará a irrigação do parque do Vale do Jequitinhonha, que é considerada uma das regiões mais pobres do estado de Minas e do Brasil, tanto é que esta região aqui faz parte do polígono das secas, se não me falha a memória. É importante saber que esta barragem, além de ela regularizar o rio, definitivamente, além de garantir água para as pessoas beberem e para os animais beberem, é importante lembrar que, desta água, nós temos que melhorar a produção agrícola para os trabalhadores rurais que produzem nesta região.

A barragem, ela beneficiará diretamente os municípios de Araçuaí, Chapada do Norte, Jenipapo de Minas e Minas Novas, envolvendo uma população de praticamente 150 mil habitantes. O reservatório formado, com capacidade de acumulação de 130 milhões de metros cúbicos de água, possibilitará o abastecimento urbano. Ah, inclusive uma coisa importante, que o Ministério da Integração, junto com o Ministério da Pesca e junto com os prefeitos, precisam cuidar, que é criar uma forma de as pessoas poderem criar peixe em tanques-rede nesta barragem, para as pessoas poderem ganhar um pouco mais de dinheiro e ter uma misturazinha na hora do almoço para poder dar mais “sustança” às nossas crianças.



Bem, para o reassentamento das famílias atingidas pelo reservatório, foram construídas 193 casas, distribuídas em duas agrovilas. Foram construídas também duas escolas, dois postos de saúde, 110 km de distribuição elétrica, 114 km de estradas, e 35 km de sistema de abastecimento de água. Agora, vejam que importante: o orçamento total dessa obra foi de R\$ 203,9 milhões: R\$ 183,5 milhões do governo federal e R\$ 20,4 milhões do governo do estado de Minas Gerais.

Bem, é importante, companheiros e companheiras, que a gente tenha a clareza absoluta de que este governo tem uma prioridade em governar para todo o Brasil, mas, dentro do povo brasileiro, a gente tentar ajudar a parte mais pobre deste país. Eu, eu digo sempre, eu digo sempre que as pessoas mais ricas não precisam muito do Estado. Quem precisa do Estado são as pessoas mais pobres. Um grande fazendeiro, ele pode ir ao Banco do Brasil e pegar o dinheiro a juros de mercado. Mas um pequeno produtor rural, se não tiver um Pronaf, com taxa de juros barata, ele não pode nem entrar no banco para pegar o dinheiro.

Um lago como este, uma barragem como esta não pode favorecer um grande empresário que vai colocar uma máquina para bombear água, e vai utilizar a água que poderia ser utilizada por mil, por 2 mil pessoas. É importante, então, que a gente tenha uma definição de prioridades para que a gente ajude aquelas pessoas que são mais carentes, na sociedade, a subirem um degrau na escada da conquista social neste país. E este Vale é uma região muito sofrida, que precisa muito da atenção dos governos municipais, do governo estadual e do governo federal.

Cada assentado, cada assentado, das 293 famílias que vão ser assentadas, vai ter 40 hectares de terra. Agora, vocês sabem que 40 hectares de terra sem irrigação produzem um tiquinho de nada. Agora, 40 hectares com água todo dia, vai ter uma produção extraordinária e vai melhorar a vida das pessoas que têm a terra, mas vai melhorar a vida da comunidade porque o



estado vai passar... a cidade vai passar a vender parte dos produtos produzidos aqui em outras regiões do estado de Minas Gerais. E, como estão pertos da Bahia, poderão até levar um pouquinho para poder engordar um pouquinho os nossos irmãos da Bahia.

Mas, companheiros... companheiros e companheiras, eu disse ao companheiro Geddel, no final do ano passado, que neste trimestre – os primeiros três meses do ano de 2009 [2010], nós vamos precisar visitar muito Minas Gerais. E vamos precisar pegar todas as obras que tem em Minas Gerais, que são muitas, inclusive de barragens, para que a gente possa inaugurá-las, porque a partir de junho... a partir de abril o Geddel já não estará mais no governo, a Dilma já não estará mais no governo, e quem for candidato não pode nem subir no palanque comigo. Então, é importante que a gente inaugure o máximo de obras possível para que a gente possa mostrar quem foram as pessoas que ajudaram a fazer as coisas neste país.

Normalmente, a oposição não gosta que o governo inaugure obras, normalmente. A oposição fica nervosa porque está inaugurando obras. Agora, eu fico sempre torcendo, gente, eu fico sempre torcendo, seja um prefeito do DEM, seja um prefeito do PSD, do PSDB, do PMDB, do PFL, de qualquer partido político, seja o governador Aécio, que é do PSDB, Deus queira que ele inaugure a cada dia uma obra, porque quanto mais obras ele inaugurar, mais o povo será beneficiado. Vamos acabar com a mesquinhaaria neste país de que dois caciques da política ficam brigando, e quem come “o pão que o diabo amassou” é o povo pobre deste país. Vamos acabar com isso.

Eu quero dizer para vocês que eu torço para que o governador de Minas inaugure tudo o que ele tiver que inaugurar, que nós inauguremos tudo o que tivermos que inaugurar, que os prefeitos inaugurem tudo o que tiverem que inaugurar, que o Patrus faça as concessões de todas as Bolsas Família que tem que fazer, que o Dulci cuide do ProJovem, de todos os jovens que querem estudar, porque este país precisa dar um salto de qualidade a cada ano.



Graças a Deus, o nosso país tem melhorado substancialmente; graças a Deus, o povo tem melhorado. Nós sabemos que é uma coisa difícil, não é uma coisa como ganhar na loteria agora, no final, na Mega-Sena, que duas pessoas ganharam aquele bolão. Nós sabemos que melhorar a vida do povo é gradual, é como subir uma escada, degrau por degrau, e com muito cuidado para a escada não quebrar e a gente não voltar à estaca zero.

Quero dar os parabéns ao companheiro Geddel, porque quando ele chegou aqui, esta obra tinha apenas o convênio. Eles começaram, e em dois anos eles estão entregando a obra. E no próximo inverno, se Deus quiser, eu já não serei mais presidente e virei aqui pescar uma boa traíra, quem sabe, pescar um bom peixe. Obviamente, com a carteirinha o Ibama, porque eu não posso pescar ilegalmente, eu tenho que ter a carteirinha do Ibama para poder pegar. Mas eu sou bom pescador, e certamente virei aqui pegar apenas uma traíra, com um anzol sem garra para não machucar a coitadinha. O anzol, o anzol sem garra, o anzol sem garra em um peixe é como colocar um brinco na orelha, hoje, de um homem ou de uma mulher, o buraco está feito, não dói. Se tiver garra, quando você vai tirar, vai sangrar o peixe e aí você não pode mais soltar ele na água. Então, é esse compromisso que eu quero ter com vocês.

Nós agora vamos ficar esperando a chuva, e quando chover este lago vai encher. Eu já pedi para o João Santana e pedi para o engenheiro: eu vi três árvores grandes lá no meio do lago. É preciso cortar essas árvores antes que este lago encha d'água, porque vai que o Lula vem aqui, já com os seus 70 anos de idade, daqui a alguns anos, dá um mergulho, e vai que ele engancha em uma árvore daquelas? Vai que ele engancha? Veja a situação de o presidente morrer afogado, preso em uma árvore, numa barragem que ele fez e que não se tirou a árvore! Então, pelo amor de Deus, tirem essa árvore.

Por último, companheiros, por último, eu quero, eu quero agradecer a vocês. A companheira Dilma, a companheira Dilma assumiu o compromisso aqui da [BR] 367. Essa estrada, já tinha um convênio entre o Dnit federal e o



DER estadual, era para fazer o projeto executivo. Nós vamos chegar em Brasília e ver como essas coisas estão, porque dinheiro nós temos e, se a obra tem necessidade, o que nós temos é que fazer essa obra.

No mais, companheiros e companheiras, eu... Olha, o outro já quer que eu venha a pé pescar. Não! Olhem, deixem-me dizer uma coisa para vocês: vocês podem ficar certos de que eu ainda voltarei muitas vezes ao Vale do Jequitinhonha, não como presidente da República, mas como cidadão brasileiro, admirador desta região. Ele está dizendo que eu tenho que pescar (incompreensível) a pé. Rapaz, mas eu assumi um compromisso com Jenipapo agora, rapaz! Primeiro, Jenipapo, depois ir a pé...

Bem, mas eu quero dizer para vocês que eu vou visitar muitas vezes o Vale do Jequitinhonha. Eu visito esta região desde 1980, já vim muitas vezes aqui, e o que me deixou impressionado aqui, Dilma, o que me deixou impressionado no Vale do Jequitinhonha é a riqueza cultural desta região. Poucas regiões do País têm a riqueza cultural que tem o Vale do Jequitinhonha. Este povo é pobre, mas é um povo que não desanimou nunca, nunca perdeu a esperança, e é um povo ativo, é um povo que anda de cabeça erguida porque sabe que a vida deles vai melhorar.

Um grande abraço, meus companheiros. Um grande abraço, companheiras. E até a próxima visita, se Deus quiser.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de inauguração do campus Araçuaí, do Instituto Federal Norte de Minas, e assinatura de convênio do Programa Brasil Profissionalizado
Araçuaí-MG, 19 de janeiro de 2010**

Olhem, primeiro, eu queria pedir desculpas aos companheiros que estão aqui, mas não é justo eu repetir o nome de todo mundo que já foi citado aqui. Então, eu quero, cumprimentando o prefeito, cumprimentar todas as pessoas que estão aqui presentes.

E queria pedir para vocês um favor: é muito difícil para um presidente da República, quando vem fazer uma visita institucional e inaugurar uma obra, as divergências políticas locais serem superiores. Porque, qual é a minha preocupação? A minha preocupação é que, em vez de a imprensa enaltecer a inauguração da escola, vai enaltecer a vaia que deram no prefeito, e ninguém ganha com isso, ninguém ganha com isso. Então, eu sempre acho que é muito difícil porque é uma visita institucional do Presidente da República, inaugurando um prédio institucional, e eu acho que as divergências políticas têm que ser manifestadas e a democracia, mas em um ato institucional a gente está dando pretexto para os adversários falarem mal de nós. É isso.

Segundo, eu também não vou citar aqui os números, e queria fazer um apelo aos companheiros da minha comitiva, que vêm na frente, aos coordenadores dos atos que eu participo. Eu, sinceramente, estava sentado ali e estava me perguntando por que a gente está fazendo este ato no sol, se a gente tinha um ginásio ali dentro, que poderia ter ocupado esse ginásio. Ou por que a gente não fez este ato, fez uma visita à escola, e fazer [fez] o ato dentro da própria cidade de Araçuaí, onde a chance de o povo ir a pé, sem precisar pegar ônibus, era muito maior. De qualquer forma, como nós temos mais cem escolas para inaugurar ainda, é importante que a gente não cometa mais esses



equivocos. É importante que a gente possa deixar o povo em uma situação confortável, porque vocês estão tomando sol na cara há, pelo menos, quatro horas já, ou cinco horas, e eu acho que isso não é justo. É apenas para a gente corrigir daqui para frente porque tem muita coisa. Nem todo brasileiro tem o casco duro como o povo de Araçuaí, que fica no sol o tempo inteiro. Você imagina se um ato desse é feito em uma terra de galego, todo mundo ia descascar que nem lagartixa! Aqui não, aqui os homens e as mulheres são muito especiais, muito especiais.

Mas eu também não vou citar meus números aqui, porque meus números já foram citados pela Dilma, pelo Paim, pelo reitor, pela professora que falou por todo mundo.

Eu, primeiro, queria dizer para vocês da alegria de encontrar um velho amigo, o Dom Enzo, o nosso eterno bispo da região de Araçuaí. Eu, desde os anos 80, que venho aqui, eu encontro com esse homem, sempre comprometido com o povo dessa região. Então, foi uma alegria muito grande. Fazia tempo que eu não falava com Dom Enzo, não sabia onde ele estava. A única coisa que eu sabia é que ele tinha se aposentado. Mas eu vi ele aí, bem de saúde, disposto a viver mais uns 130 anos ainda. Então, vamos torcer para isso.

A segunda coisa é a minha alegria de estar voltando em Araçuaí depois de muito tempo. Qual foi a última vez que eu vim aqui, Cacá? Hein? Não. Eu vim aqui na ponte de Itinga, na ponte de Itinga. Mas eu vim aqui na posse da Cacá no primeiro mandato. Não sei se o prefeito sabe, quando eu vim aqui na posse da Cacá, o prefeito que tinha perdido as eleições lacrou a porta da prefeitura para que a Cacá não entrasse. E nós tivemos que arrebentar a porta para poder entrar. Veja como era difícil a democracia naqueles tempos, porque era, primeiro, difícil pensar em uma mulher ganhar as eleições, e, depois, uma mulher negra ganhar as eleições, era muito mais difícil. Graças a Deus, a gente já venceu parte desse preconceito e a gente vai vencer todos os preconceitos



daqui para frente.

Eu vou ser muito curto, para poder... Não, ainda tenho que ir a Juiz de Fora, ainda tenho que inaugurar uma termelétrica e tenho que inaugurar uma Unidade de Pronto Atendimento em Juiz de Fora, e daqui para lá, vocês sabem que é longe. E ainda tem a galega me esperando lá em Brasília, que não é mole, que não é mole. Então, eu tenho que estar com um pé conversando com o povo e um pé com o cuidado na galega, porque a galega é dura. Então... vocês sabem que a vida é dura.

Deixa eu dizer uma coisa para vocês: eu sempre disse, e já disse aqui em Araçuaí outras vezes, que Deus escreve certo por linhas tortas. Às vezes, as coisas que não são previsíveis, que a gente nem imagina que possam acontecer, acontecem, e acontecem na vida da gente. Eu perdi três eleições porque uma parte do povo pobre tinha medo de mim. As pessoas pensavam que eu era isso, que eu era aquilo. As pessoas se incomodavam com a minha barba, as pessoas se incomodavam porque eu vinha do sindicato, as pessoas se incomodavam porque eu era metalúrgico. Depois diziam que eu era comunista, depois diziam que eu ia fechar igreja evangélica. O que não deixou de acontecer no Brasil foram mentiras para que eu [não] chegasse à Presidência da República. De forma muito paciente, eu perdi três eleições. Nunca reclamei, nunca. Eu perdia, e depois das eleições eu ia para a rua conversar com o povo, normalmente a partir de janeiro, porque o povo estava cabisbaixo, “perdemos mais uma”... Tinha gente que achava que até o Lula poderia desistir de ser candidato, porque “o coitadinho só perdia”. Parecia o time do Corinthians, só perdia, só perdia. E aí eu sempre fui perseverante na minha vida, e quis Deus que eu estivesse vivendo este momento, este momento de estar aqui em Araçuaí, inaugurando um instituto tecnológico, o famoso ICET, que quando estiver pronto vai ter 1.200 alunos estudando nele, qualificando as nossas moças e qualificando os nossos rapazes.

Porque para um pai e para uma mãe não tem nada mais sagrado do que



eles verem o seu filho ou a sua filha com um diploma profissional na mão, não tem nada. Se uma menina estiver bem formada e um menino estiver bem formado, pode soltá-los pelo Brasil afora, que eles vão arrumar emprego em qualquer lugar. Agora, se eles não tiverem formação, ou eles ficam desempregados aqui em Araçuaí ou, se for homem, vai cortar cana lá em São Paulo. Não é justo e não é humano com o povo pobre de Minas Gerais, com o povo pobre do Vale do Jequitinhonha, a gente permitir que ele tenha, como perspectiva de futuro, ser contratado por uma usina de Ribeirão Preto ou de Sertãozinho para ele cortar cana. Nós não temos vergonha de sermos cortadores de cana, mas nós não queremos que os nossos filhos sejam cortadores de cana. Nós queremos que eles sejam engenheiros, que eles sejam médicos, que eles sejam professores, que eles sejam enfermeiros, ou seja, que eles tenham qualificação profissional para que eles possam dar para a família deles aquilo que nós não conseguimos dar para a nossa família. É assim que um pai vê um filho, é assim que uma mãe vê um filho.

Então, esta escola aqui, para mim é quase como se fosse uma obra de Deus. Trazer aqui para Araçuaí, trazer aqui... aqui é um pouco... bem na periferia, não é? Porque ali eu estou vendo uma casa já de classe média ali em cima. Aqui, é praticamente na roça. Portanto, para as pessoas virem aqui, ou as pessoas tinham que ter carro ou a gente tinha que colocar ônibus, porque a pé não daria para vir aqui. Pois bem, e aí por que eu fico feliz de ver essa escola? Fui lá dentro, maravilhosa, vários cursos. É porque, veja: é a primeira vez na história do Brasil que o Brasil tem um presidente e um vice-presidente que não têm diploma universitário.

O nosso querido companheiro José Alencar, que é um homem fabuloso, um homem extraordinário, eu não conheço ninguém com o caráter e com a lealdade do José Alencar. É um empresário muito, muito rico, é um homem que tem muita gente que trabalha nas empresas dele – hoje não é mais ele, é o filho dele que administra –, e esse homem foi ser vice de um sindicalista e teve



um comportamento impecável do ponto de vista da relação humana. Esse homem também não tem diploma universitário e saiu de casa com 14 anos de idade.

Agora, vejam uma coisa: vejam como Deus escreve certo por linhas tortas. Exatamente um presidente e um vice-presidente que não têm diploma universitário, nós vamos passar para a história como os presidentes que fizeram mais universidades e mais escolas técnicas neste país. O orçamento da educação saiu de [R\$] 20 bilhões para R\$ 50 bilhões. De [R\$] 20 bilhões para R\$ 50 bilhões.

Quando nós aprovamos o PDE, nós fizemos uma revolução na educação neste país. Hoje, nós já temos contratadas 1.500 creches nas cidades brasileiras, porque os prefeitos, normalmente, não têm dinheiro para fazer a creche. Então, o que a gente está fazendo? Nós estamos financiando a creche para que depois a prefeitura possa gerenciar aquela creche. E por que as creches são importantes? As creches são importantes porque, na medida em que a mulher começa a se formar profissionalmente, e a mulher começa a ir para o mercado de trabalho, ela começa a ter um problema: com quem deixar os filhos? Às vezes, ela vai ganhar pouco, e ela não pode pagar menos para a empregada ainda, porque senão seria exploração do miserável em cima do miserável. Se ela tiver uma creche, ela vai colocar a criança dela na creche, vai trabalhar, quando voltar à tarde, passa na creche e pega a criança. Eu não sei se Araçuaí já fez convênio com o ministério da Educação. Se não fez para fazer a creche, prefeito, pega o Paim aí, já faz a inscrição com ele agora, porque ele só tem mais onze meses de mandato, como eu. Pode ir pegando agora.

A segunda coisa, companheiros, a segunda coisa é que eu acho sagrado, é sagrado, aprender uma profissão. E eu queria dizer aqui uma coisa que eu digo no Brasil inteiro, mas não disse aqui ainda: eu devo o que eu sou a um curso profissional que eu fiz quando eu tinha 14 anos de idade. Todo



mundo sabe... Você assistiu o filme? Gostou? Chorou bastante? Veja, então, eu devo tudo o que eu sou a uma profissão que eu aprendi. Porque uma mulher com profissão, ela vira independente; uma mulher com profissão, ela não fica aguentando desaforo dentro de casa, do marido, porque coloca o feijão dentro de casa. Um jovem, um jovem com uma profissão, um homem, ele também vai poder dar a certeza à sua família de que ele vai cuidar e vai educar os seus filhos com muito mais qualidade do que aquilo que o seu pai conseguiu educá-lo. É por isso que eu acredito cegamente em escolas profissionais. Acredito e vamos fazer. Deus queira que quem vier depois de mim – eu fiz 214? – que faça 300, que faça 400, que invista muito mais.

Eu, sinceramente, sabe que eu não posso discutir eleição. Eu, a única coisa que eu tenho certeza, é que nós vamos fazer a sucessão presidencial. Que me desculpem, que me desculpem os adversários, mas nós vamos ganhar para poder ter continuidade essas coisas, porque se para, se para tudo o que está acontecendo neste Brasil e a gente volta ao passado, todo mundo sabe como é que é. Portanto, ninguém precisa acreditar em fantasias ou em promessas de última hora. Quem faz, faz. Quem não faz, promete. É assim a vida deste país.

Portanto, eu quero dizer para vocês, para terminar, que isso é apenas o começo, isso é apenas o começo. Uma coisa importante que está acontecendo no Brasil hoje – e eu viajo o Brasil inteiro – é que os prefeitos não estão mais reivindicando mais coisinhas pequenas. Em cada cidade que você chega, o prefeito está reivindicando uma universidade, ou pelo menos um campus avançado; ele está reivindicando uma escola técnica, ele está reivindicando uma creche. Significa que todo mundo começa a perceber que a educação é a mais importante escada para uma pessoa subir na vida, é através da educação.

Vocês viram que nós criamos o piso profissional dos professores. Não é tudo aquilo que o professor merece. Mas mesmo aquele piso que nós criamos,



novecentos e poucos reais, tem nove estados que estão com processo na Justiça para não pagar o piso dos professores. Depois as pessoas falam: “Ah, professor... O professor é meu mestre! A professora é minha segunda mãe!” As pessoas, na verdade, mentem, porque dentro de uma sala de aula a professora tem que educar uma criança, muitas vezes tem que tirar piolho de uma criança, muitas vezes tem que tirar caspa de uma criança, muitas vezes é obrigada a descobrir a doença que a criança tem, e as pessoas acham que pagar R\$ 915 é muito. Quando, na verdade, pelo que vale uma professora ou um professor, é muito pouco R\$ 915 para o trabalho que as pessoas fazem.

Mas o dado concreto é que nós encontramos o caminho, nós encontramos. A partir de agora não tem mais retrocesso. Daqui para a frente, a tendência é só melhorar e só avançar. Imaginem que a gente está subindo uma escada, e nós estamos subindo, a cada ano, um degrau. Vai ter um dia em que a gente vai chegar no fim da escada e a gente vai estar com uma educação de extraordinária qualidade no Brasil inteiro, a gente vai estar com a Saúde resolvido o problema.

É importante, Prefeito, aqui em Araçuaí, se não tiver uma UPA, você tratar de reivindicar, tratar... Pega os deputados aqui, pega os deputados aqui, para começar a cobrar, porque nós vamos fazer 500 UPAs ainda em 2010. Até o dia 30 de dezembro a gente vai inaugurar 500 UPAs, que são Unidades de Pronto-Atendimento, que são colocadas nos lugares mais pobres da cidade para que as pessoas não tenham que enfrentar fila em um hospital. A pessoa vai ser tratada com decência e com dignidade. Então, é importante os companheiros deputados aproveitarem este ano, fazer o pedido para o Ministro da Saúde, porque nós vamos ter que inaugurar 500 UPAs, até agora.

E para terminar, para terminar, eu quero fazer um compromisso aqui, com vocês. Ó, para demonstrar que eu gosto de Araçuaí... Não, eu já recebi do Bispo aqui o documento pedindo hospital. Eu estou... eu vou me encontrar... eu vou me encontrar agora com o Ministro da Saúde, em Juiz de Fora, e vou



conversar com ele e falar do pedido. Eu vou voltar a Itinga, mulher, calma!

Olhem, deixem-me dizer uma coisa para vocês. Eu vou terminar, eu vou terminar, pedindo para o Patrus e para o Dulci me cobrem de uma coisa: a primeira turma que se formar nesta escola... Prestem atenção aqui, os estudantes – eu estou com a camisa, mas não sou estudante, aqui – os estudantes, os professores e os funcionários: a primeira turma a ser formada aqui, não importa quando, eu quero, meu companheiro, ser convidado para vir à formatura da primeira turma de Araçuaí.

Vocês sabem que na primeira vez que eu vim para cá, eu vim de carro de Belo Horizonte para cá, eu vim de carro. Para mim, helicóptero é só porque eu sou presidente. Quando eu não for presidente, ou é de carro ou de qualquer outra coisa. Então, eu quero assumir o compromisso de que eu voltarei a Araçuaí para participar da formatura da primeira turma deste Instituto Tecnológico que nós estamos fazendo aqui.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Santa Luzia

Juiz de Fora - MG, 19 de janeiro de 2010

Meus queridos companheiros e companheiras de Juiz de Fora,
Meu caro Secretário da Saúde,
Meu caro Ministro,
Meu caro Prefeito,

Eu, primeiro, Dilma Rousseff, eu queria dizer para você que eu tenho uma história de gratidão com este povo de Juiz de Fora, porque em todas as eleições que eu participei para presidente da República, se dependesse de Juiz de Fora, eu teria sido presidente desde a primeira eleição. Então, eu sou muito grato a vocês.

Agora, queria que vocês me permitissem ter uma conversa com os companheiros e as companheiras como se eu fosse um irmão e um companheiro, e não apenas o presidente da República. Eu vou contar para vocês qual é a preocupação que eu tenho em um ato como este. A preocupação que eu tenho é com a fotografia que será mostrada amanhã na imprensa de Minas Gerais, na imprensa de Juiz de Fora, e pela televisão, na imprensa nacional. Eu me preocupo porque daqui para a frente eu vou ter que colher tudo aquilo que nós plantamos. Eu vou ter que viajar o Brasil inteiro, inaugurando as obras que nós fizemos junto com prefeitos, junto com governadores, e nós vamos ficando em uma situação complicada, porque nós estamos em ano eleitoral e o acirramento da disputa começa a acontecer. E o meu medo é que amanhã, em vez de a imprensa explicar o que eu vim inaugurar aqui, a imprensa dê destaque apenas à animosidade que existiu



entre o povo que veio à inauguração, com relação ao Prefeito e ao Secretário. E isso não... Isso, obviamente que pode... quem sabe, muitos de vocês estavam esperando há meses uma oportunidade para vaiar o Custódio, quem sabe, estavam esperando. Mas, queria dizer aos meus companheiros que não é correto esperar a vinda do presidente da República para inaugurar uma obra, para fazer isso.

Veja, é porque eu tenho governadores de outros partidos políticos e eles podem fazer o mesmo comigo quando eu for inaugurar uma obra lá. O que vai acontecer é que nós vamos parar de inaugurar as obras, caso a animosidade continuar. Porque, veja, isso aqui... Veja, eu não estou pedindo para ninguém gostar mais ou gostar menos de alguém. Eu sei que teve uma disputa eleitoral no final do ano passado aqui, acirrada. Eu sei disso. Mas eu só estou dizendo para vocês que eu, daqui, estou aprendendo uma lição. Quem sabe seja Deus que fez acontecer o que aconteceu aqui hoje, porque eu vou ter que tomar cuidado nas viagens daqui para a frente, porque são muitas obras que nós temos que inaugurar. Só UPA são 290 e até o final do ano são 510. O que vai acontecer? Nenhum prefeito vai querer ir comigo mais inaugurar, nenhum governador vai querer mais ir comigo inaugurar, e a obra é de parceria. Então, nós precisamos estar juntos.

Eu tenho quase um milhão de casas para entregar. Ou seja, nós temos o programa Minha Casa, Minha Vida, que só aqui em Juiz de Fora, são quantas mil casas? Três mil casas aqui em Juiz de Fora. Então, veja, obviamente que eu vou ter que pensar como é que a gente vai fazer, porque é um clima que não ajuda.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: primeiro, ninguém tem dúvida de que eu sou amante da democracia. Segundo, ninguém tem dúvida de que, para mim, a vaia e o aplauso têm o mesmo valor. Tem gente que gosta e tem gente que vaia. Agora, eu estou em uma atividade institucional. Isto aqui não é uma atividade do Presidente... do Lula apenas. É uma atividade



institucional da Presidência da República. Aqui deveria estar o Governador, porque ele colocou R\$ 2,5 milhões para construir isto aqui, e nós vamos colocar R\$ 2,5 milhões para manter o funcionamento disto aqui, mais a Prefeitura vai entrar com 25%, e mais o estado com 25%, porque o financiamento disto aqui, vocês sabem que o mais barato, o mais barato é fazer o prédio. Para manter funcionando, vai custar R\$ 3 milhões por ano, para manter funcionando. Então, é muito mais caro.

Então, é preciso que a parceria funcione. Quando chegar na época das eleições, aí, sim, aí eu vou vir aqui fazer comício, e eu tenho o meu candidato, eu tenho minha candidata, eu tenho minha candidata. Certamente, o Aécio tem a dele, certamente o Custódio tem o dele. Aí, se o Custódio for no meu comício, eu meto-lhe uma vaia. E se eu for no comício dele, eles vão me vaiar também.

Então, a partir de junho deste ano começa a campanha. Aí, sim, quem for Cruzeiro é Cruzeiro, quem for Atlético é Atlético, quem for Flamengo é Flamengo, quem for Vasco é Vasco, quem for Botafogo é Botafogo. Mas agora nós estamos em uma festa institucional, inaugurando esta coisa aqui.

Olhem, isto aqui vai ser uma revolução neste país. Serão 500 UPAs pelo Brasil. Tem UPA que vai até 100 mil habitantes, UPA que vai para regiões de 100 mil a 200 mil habitantes, e UPA que vai de 200 mil a 300 mil habitantes. Aqui ainda não está equipado, mas no terceiro andar será montado... todo o andar de cima para o Brasil Sorridente, para cuidar dos dentes das mulheres, das crianças e dos homens deste bairro. Aqui é o bairro Santa Rita? Aqui é o bairro Santa Luzia! Porque me disseram o seguinte: “Ô Lula, o PT nasceu no bairro Santa Luzia, na década de 80”.

Aqui, no segundo andar, vai ter um tratamento de média complexidade, já vai ser uma coisa mais sofisticada. E no primeiro andar, vocês já ouviram, vai funcionar 24 horas por dia. Uma pessoa que chegar doente aqui, com um probleminha mais grave, não vai ficar correndo com uma ambulância atrás de



um hospital para internar. Já vai sair daqui com o lugar que vai ser internado, a família sabendo, para que as pessoas não sejam jogadas em qualquer lugar.

Nós pretendemos, este ano, como disse o Temporão... Hoje o sistema... o Samu, que são essas ambulâncias 192 que vocês veem por aí, ele está atendendo por volta de 100 milhões de brasileiros. Este ano nós vamos completar para atender a totalidade do povo brasileiro.

Nós, quando fizemos o programa Brasil Sorridente, a minha ideia era atender as pessoas mais pobres, porque a gente viaja pelo interior do Brasil, a gente vê meninos de 18 anos, de 19 [anos] sem dente na boca; a gente vê pessoas de 40 anos sem dente na boca. Então, a ideia era que o Brasil Sorridente atendesse essas pessoas. Acontece que nós montamos na cidade, e as pessoas que moram no campo, as pessoas têm mais dificuldade de vir para a cidade. Então, nós agora vamos entregar, este ano, 160 ambulâncias com equipamento odontológico dentro para que a gente viaje este país tratando dos dentes. Vamos fazer tratamento de canal, vamos fazer prótese, vai ter protético para fazer prótese. Não vai ser aquela prótese que não cabe na boca da pessoa, não. Vai ser feita sob medida. Vai ser feita sob medida, a pessoa vai experimentar, e nós vamos tratar esse povo com dignidade.

E aí, companheiros e companheiras, Juiz de Fora vai ter mais duas destas. Esta clínica aqui... Isto aqui estava sendo construído para ser uma policlínica. Aí, quando surgiu a questão da UPA, então o Prefeito e o Governador se entenderam com o Temporão e a gente fez esta UPA. Esta aqui é de primeira qualidade. Ela começa a funcionar amanhã? Depois de amanhã ela começa a funcionar, e nós queremos que a gente tenha no Brasil inteiro, porque se não fossem os nossos adversários em Brasília que tiraram aquele imposto da CPMF, a gente estaria levando era saúde para as crianças nas escolas, tratando dos olhos das crianças. Mas, não tem importância.

Eu sei que eu não posso falar de política, mas podem ficar certos: nós vamos ganhar as eleições agora em 2010 – podem ficar certos, podem ficar



certos – para que a gente possa dar continuidade a essa coisa que está acontecendo no nosso país.

Por isso... Vocês ficam gritando o nome da Dilma, se a Justiça Eleitoral achar que isto aqui é propaganda, cada um de vocês vai ser responsável por colocar um advogado para defendê-la, porque ela só pode falar em política depois do dia 3 de abril, quando ela deixar o governo. Aí ela pode falar de política, e só vai poder ser candidata – ela, o Serra, quem mais quiser – depois da convenção partidária. É importante tomar cuidado porque caldo de galinha e cautela não fazem mal a ninguém, não fazem mal a ninguém.

Então, companheiros, eu quero, de coração, eu quero, de coração, agradecer o carinho de vocês. Mas quero agradecer a parceria do Prefeito, a parceria do governo de Minas Gerais, e eu queria pedir para você, Custódio, e para você, Secretário, que não se preocupassem com a animosidade que houve aqui, porque nós precisamos construir muitas obras juntos, porque quando governador, prefeito e presidente trabalham juntos, quem ganha é o povo. Quando prefeito, governador e presidente começam a fazer politicalha, quem perde é o povo brasileiro, é o povo de Minas e é o povo de Juiz de Fora.

Um abraço, gente, e até outro dia, se Deus quiser.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de início da operação com etanol da Usina Termelétrica Juiz de Fora

Juiz de Fora - MG, 19 de janeiro de 2010

Bem, primeiro, meus companheiros, eu vou passar por cima da nominata, aqui, porque todo mundo já foi citado e eu queria apenas cumprimentar os funcionários da Petrobras, mais uma vez, e cumprimentar o José Sergio Gabrielli, e cumprimentar a direção da GE.

Eu penso que cada brasileiro, neste momento, começa a se perguntar o que está acontecendo com o Brasil. Eu não sei se vocês já viveram, na vida pessoal de vocês, tem época que, na casa da gente, na família da gente, nos amigos da gente, no trabalho da gente, parece que tudo dá errado. Parece que tudo dá errado: os filhos não vão bem na escola, a mulher e o marido estão tendo desentendimento até por causa da novela, a família briga por causa dos times de futebol, o salário nunca dá para atender as necessidades da família. Ou seja, tem, tem... A cidade não está bem. Ou seja, tem uma época na vida da gente que está tudo, parece, que meio virado do avesso.

Eu não sei se já aconteceu com vocês, muitas vezes, de acordar e achar que não está valendo a pena viver porque é tudo tão difícil. E o Brasil passou muitas décadas vivendo essa fase negativa. Foram mais de 20 anos em que praticamente uma geração toda não tinha notícia de geração de empregos, não tinha notícia de aumento de vagas nas universidades brasileiras, não tinha notícia do aumento de doutores e mestres nas universidades brasileiras. Só para vocês terem ideia do que aconteceu com o Brasil nesses 20 anos, nós tínhamos, em 1989, nós tínhamos, praticamente, 58 mil empresas de consultoria de engenharia, e em 2002, nós tínhamos apenas 8 mil. Ou seja, as pessoas não estavam mais estudando Engenharia. Muitas vezes, as pessoas



estudavam Engenharia e iam trabalhar no mercado financeiro. As pessoas que aprenderam a tratar [trabalhar] contando tijolo foram contar dinheiro e dar palpite na economia, e aí, era um tanto de analista econômico falando na televisão, os economistas desapareceram... O Virgílio, faz uns 30 anos que não dá uma entrevista como economista, e foi um bom economista do Dieese, durante muito tempo. Então, houve 20 anos, ou vinte e poucos anos, em que o Brasil entrou em uma maré em que as pessoas passaram a desacreditar de tudo.

Eu vou dar um exemplo, já que nós estamos discutindo a produção de uma termelétrica com uma turbina a etanol. Vocês estão lembrados que, na crise do petróleo, em [19]73 – os mais jovens certamente não estão lembrados, mas, como são estudiosos, devem estar lendo alguma coisa a respeito disso. Porque a história da humanidade não é construída apenas pelo futuro, é pelo passado, sobretudo, e o Brasil, a partir da década de 70, sobretudo a partir de [19]75, introduziu o Pró-álcool no Brasil, e nós começamos a produzir carro a álcool. Vocês estão lembrados que, no começo, o carro a álcool era muito difícil? Ele era mais barato, mas as pessoas não gostavam de comprar carro a álcool porque, quem tinha carro a álcool, e ia ligar o carro de manhã, quando estivesse frio, o desgramado precisa colocar mulher, sogra, neto para empurrar o carro, para o carro poder pegar. Ou ficava pisando, pisando, pisando, e o carro rateando. Então, as pessoas passaram a não gostar muito de carro a álcool.

Pois bem. Na década de 90, a gente tinha praticamente quase toda a frota de carro brasileiro a álcool. E, no ano 2000, a gente não tinha praticamente nenhum carro a álcool produzido mais no Brasil. Tinha sido negada a produção de carro a álcool. Veja o que aconteceu a partir de 2003 nessa história: já havia uma proposta antiga, de muito sindicato, de nós trabalharmos a renovação da frota brasileira com a produção de combustível limpo, produzido no Brasil, que era a base do etanol. Mas isso era uma espécie



de ficção. A gente conversava com os empresários, eu participei de muitas reuniões com a indústria automobilística e havia sempre muita cisma, até que, depois de muita discussão, em 2004, a indústria automobilística brasileira resolveu anunciar a produção de carro flex.

O Moraes, que é o presidente dos trabalhadores petroleiros, me disse uma coisa importante: “Antes de nós, a palavra flex, era muito utilizada com flexibilidade no mundo do trabalho, ou seja, facilitar a vida da dispensa dos trabalhadores brasileiros”. Agora, a palavra flex é utilizada para gerar empregos no Brasil com a construção do carro *flex fuel*, que foi uma revolução feita na indústria automobilística, onde o carro não tem mais o problema de pegar de manhã e hoje praticamente 90% dos carros produzidos, no ano passado, na indústria automobilística, foram carros que podem utilizar 100% de álcool, 100% de gasolina, 50%... Ou seja, faça-se qualquer mistura que o carro funciona com a mesma perfeição sem precisar mudar nada.

Mas, nós ainda, tínhamos um pequeno problema. Qual era o problema que nós tínhamos? Era a discussão da questão do clima no mundo e, conseqüentemente, a mudança da matriz energética. Nesse debate, muitas vezes, a inocência, ou talvez, a falta de conhecimento leve alguns companheiros a acharem que é simples a gente encontrar uma nova matriz energética, seja na área de combustível, seja na área de produção de energia elétrica.

Na área de combustível, nós estamos esperando há mais de 50 anos o carro com motor a hidrogênio, ou seja, isso precisa haver uma separação da partícula, que até agora não existe engenharia ou indícios de que alguém vai conseguir separar a partícula de hidrogênio da água para a gente poder produzir um motor a hidrogênio. Mas, de qualquer forma, essa discussão existe, e ela existindo, o Brasil sai na frente. Por que a gente sai na frente? Primeiro, porque nós somos o primeiro país do mundo a ter uma indústria automobilística que produz 90% do carro que pode utilizar álcool e que pode



utilizar gasolina. E algumas empresas estão produzindo um carro triflex, ou seja, você pode utilizar gasolina, você pode utilizar álcool e você pode utilizar gás, se quiser, porque tem um tanquinho de gás e tem um dispositivo que é só mudar lá uma chave, e você consegue utilizar álcool.

Portanto, o povo brasileiro, do ponto de vista desse combustível, está garantido, ainda mais que a Petrobras mandou um pernambucano mergulhar, e o cara chegou a sete mil metros de profundidade e encontrou o pré-sal, que é uma bênção de Deus porque em apenas uma região do pré-sal nós encontramos a mesma quantidade de petróleo que a Petrobras tinha de reserva depois de mais de 50 anos de trabalho. Portanto, nós temos uma grande perspectiva de que o pré-sal possa ser a grande segurança energética, e por que não dizer, segurança do desenvolvimento econômico, do desenvolvimento tecnológico, do desenvolvimento educacional deste país.

Pois bem, mas ainda assim, nós tínhamos um problema: a questão do clima. Todo mundo sabe que o Planeta está sendo aquecido por conta do gás de efeito estufa. Esse gás de efeito estufa, muitas vezes ele é gerado pelo carro que está queimando óleo diesel, pelo carro que está queimando gasolina, pela queimada que existe nas florestas e, portanto, as outras coisas, as fábricas que emitem CO² o tempo inteiro...

O dado concreto é que, cientificamente, já está provado que está havendo um aquecimento global, e essa discussão tomou conta do mundo, tomou conta dos ministérios de ciência e tecnologia, tomou conta dos ministérios do meio ambiente e tomou conta da governança global. Acontece que tem um pequeno problema: quem paga a conta? Sabe aquele negócio, que você vai almoçar com toda a família, senta à mesa, convida os cunhados, as cunhadas, os irmãos, as irmãs, os vizinhos, e aí quando o cara traz a conta, a conta está salgada. Aí tem aquele mais esperto que logo inventa de lavar a mão no banheiro na hora em que vem a conta. Não, e tem cara que pede a conta e já corre para o banheiro. Tem uns mais espertos que não voltam mais.



A coisa está mais ou menos assim. Obviamente que os países mais ricos são os países que se desenvolveram mais rapidamente, se industrializaram ainda no século XIX e, portanto, esses países têm, proporcionalmente, uma maior produção de CO², portanto eles têm mais obrigação de financiar o sequestro de carbono e, ao mesmo tempo, de diminuir as emissões de CO². Para diminuir as emissões de CO², tem duas coisas a serem feitas: a primeira é você diminuir o padrão de consumo do mundo ou melhorar esse padrão de consumo, fazendo inovação tecnológica e diminuindo a emissão de CO², e aí custa dinheiro. Aí é preciso saber quem vai pagar a conta. E a segunda hipótese é você pagar para os países que ainda têm muita floresta ou para os países ainda não desenvolvidos, que têm possibilidade de florestar muita área, que esses países possam plantar muita árvore, para poder sequestrar o carbono já existente no ar. E aí é que está a briga: quem vai pagar a conta?

E o Brasil se apresentou em Copenhague com uma posição séria, com uma posição bastante forte. É por isso que o Brasil apresentou os seus números de diminuir as emissões de CO² de 36% a 38,9% até 2020, de diminuir em 80% o desmatamento da Amazônia, mas ainda assim a gente não estava contente, porque é preciso fazer mais e garantir, para o futuro, muito mais.

E o que nós temos que fazer? Tem gente que acha que a energia eólica é a solução. Não é. A energia eólica é uma coisa complementar e auxiliar. A gente nunca pode imaginar que a energia eólica vai ser a base da matriz energética de um país que quer crescer 5% ao ano. Não é possível. Mas nós, brasileiros, temos uma matriz, que só exploramos até agora 30% dela, que é a energia hídrica, portanto, é fazer hidrelétricas, respeitando a questão ambiental. E logo, logo, nós vamos apresentar uma novidade para o Brasil, que é uma coisa chamada hidrelétrica plataforma. Nós vamos utilizar a mesma metodologia das plataformas da Petrobras, em que a gente vai desmatar



apenas para fazer a hidrelétrica, depois vai reflorestar tudo outra vez, e, depois, os trabalhadores que vão trabalhar lá, Moraes, vão de helicóptero, vão que nem em uma plataforma. Para que não tenha ninguém xeretando lá perto, para que não tenha gente querendo construir casa lá, ocupação... O trabalhador vai de helicóptero, fica lá 14 dias, como na Petrobras, e depois vai o helicóptero buscar, que é para a gente poder fazer um exemplo para o mundo, de hidrelétrica.

Mas, ainda assim, faltava uma coisa: como potencializar a utilização do etanol na produção de energia elétrica? E aí, é que hoje Juiz de Fora e o Brasil estão falando para o mundo, estão falando para o mundo. A parceria construída entre a Petrobras e a GE está anunciando a capacidade já de produção em escala de turbina, que faz a conversão de uma turbina a gás para uma turbina a álcool. Essa é a revolução na produção de energia elétrica, porque a gente tem muita turbina de óleo diesel, que é muito poluente e gasta muito, a gente tem termelétrica a gás, mas que nós ainda não temos autossuficiência no gás, precisamos importar gás de outros países. Mas, no álcool, nós temos autossuficiência, temos terra, tecnologia e condições de plantar mais muito etanol neste país, gerando mais empregos. Sobretudo agora, que, sob a coordenação do Dulci e a participação do movimento sindical, a gente conseguiu humanizar o mundo do trabalho, para que o cortador de cana não seja mais escravo. Que ele tenha banheiro, que ele tenha comida quente, que ele tenha água gelada, que ele tenha transporte adequado para que ele possa transitar.

Bem, nós... E eu queria dizer para a GE e dizer para a Petrobras que eu penso que o fato de hoje é um fato histórico. Porque, daqui para a frente, muitos países vão perceber que duas empresas: uma que dá garantia da matéria-prima e a outra que dá garantia da tecnologia como a GE. Uma, a Petrobras e outra, a GE, se juntaram e conseguiram produzir o milagre de produzir uma turbina que vai produzir energia à base do etanol.



E aí eu penso que o mundo desenvolvido vai ter que olhar com outros olhos o etanol. Acho que os próprios Estados Unidos, que produzem muito etanol de milho, vão ter que repensar, porque fica muito caro produzir etanol de milho, e também porque vai faltar matéria-prima para dar ração para as nossas galinhas, para os nossos galos, para os nossos porcos, para os nossos bodes. Nós haveremos de, um dia, convencer os nossos companheiros americanos de que não é, eu diria, uma boa política, você produzir mais etanol de milho; é importante produzir de cana. Se não tiver terra lá, porque tem muita terra nos Estados Unidos, façam parceria conosco que nós temos terra para oferecer para a gente produzir cana-de-açúcar à vontade neste país.

E eu penso que todo o mundo desenvolvido, na hora em que tiver que assumir o compromisso de cumprir o Protocolo de Quioto, de diminuir as emissões de gases de efeito estufa, eles vão ter que entrar na questão do etanol como nunca entraram. Por enquanto, eles tratam o etanol como se fosse uma coisa de um país de Terceiro Mundo, como se fosse uma coisa do Brasil. Agora eles vão ter que tratar com muito mais respeito porque, do ponto de vista tecnológico, Petrobras e GE fazendo essa dobradinha, é como Pelé e Coutinho, é como Dirceu Lopes e Tostão, é como Cerezo e Paulo Isidoro, é como Zico e Júnior, é como Pelé e Coutinho. Vai daí para fora. Garrincha e Didi...

Então, eu acho que a gente só tem que dar parabéns à Petrobras, dar parabéns à GE e dar parabéns a Minas Gerais e a Juiz de Fora, porque esse filho novo da matriz de combustível mundial e da produção de energia elétrica nasceu na cidade de Juiz de Fora, e daqui, certamente, vai ganhar o mundo.

Parabéns, General Electric. Parabéns, Petrobras. E parabéns, Juiz de Fora. Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Brasil de Sua Alteza, o emir do Catar, Xequê Hamad Bin Khalifa Al Thani

Palácio Itamaraty, 20 de janeiro de 2010

Sua Alteza real xequê Hamad Bin Khalifa Al Thani, emir do Estado do Catar, e sua Alteza real xeica Mozah Bint Nasser,

Minha companheira Marisa Letícia,

Xequê Hamad Bin Jassim Al Thani, primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros do Catar, por meio de quem cumprimento os demais ministros da delegação do Catar,

Meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República, e sua senhora Mariza Alencar,

Ministro Gilmar Mendes, presidente do Supremo Tribunal Federal,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores, por meio de quem cumprimento os demais ministros brasileiros, e embaixatriz Ana Maria Amorim,

Senhores embaixadores,

Senhores empresários,

Senhores jornalistas,

Parlamentares,

Amigos e amigas,

A primeira visita oficial de um chefe de Estado do Catar ao Brasil oferece uma oportunidade histórica. Foi com esse empenho que Vossa Alteza sediou a II Cúpula América do Sul-Países Árabes no ano passado. Somos duas regiões separadas pela geografia, mas unidas na busca de respostas solidárias aos desafios de um mundo cada vez mais interdependente. Com o mesmo ânimo,



realizaremos no Rio de Janeiro, em maio próximo, a Aliança de Civilizações. Quero homenagear a Xeica Mozah, que tem assumido papel de liderança nesse foro, em defesa das causas universais.

Somos confiantes num futuro que se constrói a partir da rica diversidade de nossa herança. Essa mensagem de tolerância e esperança também forjou o Brasil, um país que une povos e culturas. Esse é o espírito que nos levou a atuar, desde 2004, no Haiti, em parceria com as Nações Unidas. No momento em que enfrentamos as trágicas consequências do terremoto que se abateu sobre aquele país-irmão, somos reconhecidos pela pronta disposição do Catar em contribuir com ajuda emergencial.

Essa vocação de solidariedade também nos aproxima na busca de alternativas para o conflito no Oriente Médio. Defendemos a constituição de um Estado palestino viável e a existência de Israel em condições de segurança.

A influência do Catar na questão palestina e a atuação de Vossa Alteza em prol do processo de paz de Darfur, no Sudão, assim como na estabilização política libanesa têm merecido reconhecimento mundial.

O mecanismo de consultas políticas bilaterais que estamos lançando reforçará a capacidade de nossos países de trocarem informações e engajarem-se nesses esforços de reconciliação. Por isso, o chanceler Amorim viajou ao Oriente Médio no início do ano passado, para apoiar os esforços em favor de um cessar-fogo em Gaza. Com igual convicção, recebi visitas dos presidentes Peres, Abbas e Ahmadinejad. E visitarei Israel, a Palestina e a Jordânia em março, e o Irã, em maio. Agora, também, visitarei o Catar em maio.

Meu caro amigo,

Os acordos que assinamos hoje, de cooperação econômica e comercial e de serviços aéreos, além dos acordos entre nossas empresas privadas, espelham as potencialidades que unem duas economias dinâmicas e complementares.



Desde 2003, o comércio bilateral cresceu substancialmente, ultrapassando os 440 milhões de dólares, em 2008. Entretanto, o Catar permanece destino pouco conhecido dos exportadores brasileiros.

A realização, à margem da II ASPA, do Foro Empresarial Árabe-Sul-Americano, ajudou a reverter esse quadro. A conclusão de um tratado de livre-comércio Mercosul-Conselho de Cooperação do Golfo irá alargar ainda mais esses horizontes promissores. Contamos com o empenho do Catar para concluirmos esse acordo.

Estou certo de que a delegação empresarial que acompanha Vossa Alteza identificará, no Brasil, entusiasmo e disposição para ampliar e diversificar as oportunidades de investimentos.

Meu país oferece os atrativos de um mercado interno em franca expansão e com amplas oportunidades em setores de ponta. O Programa de Aceleração do Crescimento, a Copa do Mundo de 2014, as Olimpíadas de 2016 e a solidez do mercado financeiro nacional são outras âncoras a serem exploradas.

O Catar também se abre para a participação de empresas brasileiras no ambicioso programa de obras de infraestrutura em setores onde nossas empresas são bastante competitivas. A esperada ligação aérea direta entre o Brasil e o Catar certamente intensificará ainda mais as oportunidades de negócios.

Alteza,

No momento em que o Catar se consolida como referência internacional, tenho plena confiança no quanto nossos países podem construir juntos.

Conte com o empenho brasileiro em consolidar a parceria que hoje estamos lançando, em prol da prosperidade e da felicidade de nossos povos.

Obrigado.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de honras fúnebres aos militares mortos no cumprimento do dever na Missão de Paz no Haiti

Hangar da Base Aérea de Brasília - DF, 21 de janeiro de 2010

Há momentos em que as palavras se tornam frágeis diante da brutalidade dos fatos.

A tragédia que se abateu sobre o Haiti, no dia 12 de janeiro de 2010, foi um desses episódios em que o destino cego e implacável parece ter assumido as rédeas da condição humana.

Nosso coração, que já estava partido pelo sofrimento desse povo-irmão, de raízes africanas como as nossas, recobriu-se duplamente de luto e dor nos dias que se seguiram.

Vinte brasileiros que se dedicavam à difícil tarefa da reconstrução haitiana perderam a vida em Porto Príncipe, no derradeiro testemunho do seu compromisso com a redenção do país.

Entre eles, estavam dois civis: nossa querida Zilda Arns, médica, pediatra, criadora da Pastoral da Criança, símbolo da fé brasileira na cooperação para a justiça social; e o diplomata Luiz Carlos da Costa, vice-chefe da Missão de Paz da ONU no Haiti, que já emprestara sua experiência de 40 anos em situações de conflito no Kosovo e na Libéria.

Estavam lá, também, os 18 bravos soldados do Exército Brasileiro que tombaram cumprindo a mais nobre missão humanitária já efetivada pelas nossas Forças Armadas.

Estou falando de destemidos compatriotas que chegaram ao Haiti levando a seguinte mensagem àquela gente sofrida: “Vocês não estão sozinhos. Viemos aqui em nome do Brasil. Trazemos segurança para suas famílias, trazemos paz. Trazemos remédios, solidariedade e, acima de tudo, o



respeito do povo brasileiro ao povo haitiano”.

Cada um desses homens reafirmou, durante sua vida, a vocação pacífica e solidária da nação brasileira. Sem nunca perder a firmeza e a coragem necessárias para combater a violência e a criminalidade que tanto assolavam o Haiti, nossos militares sempre souberam conviver harmoniosamente com a população local, e ganhar a sua estima.

O soldado brasileiro nunca foi confundido com invasores estrangeiros. Muito pelo contrário: foi a sua mão amiga que criou a confiança mútua entre a Força de Paz das Nações Unidas e os justos anseios da sociedade haitiana.

Por terem nos representado assim, com o sacrifício da própria vida, quero dizer, em nome do Brasil e dos brasileiros:

Obrigado, General-de-Brigada João Eliseu Souza Zanin.

Obrigado, General-de-Brigada Emílio Carlos Torres dos Santos.

Obrigado, Coronel Marcus Vinicius Macedo Cysneiros.

Obrigado, Tenente-Coronel Francisco Adolfo Vianna Martins Filho.

Obrigado, Tenente-Coronel Márcio Guimarães Martins.

Obrigado, Capitão Bruno Ribeiro Mário.

Obrigado, Segundo-Tenente Raniel Batista de Camargos.

Obrigado, Primeiro-Sargento Davi Ramos de Lima.

Obrigado, Primeiro-Sargento Leonardo de Castro Carvalho.

Obrigado, Segundo-Sargento Rodrigo de Souza Lima.

Obrigado, Terceiro-Sargento Douglas Pedrotti Neckel.

Obrigado, Terceiro-Sargento Washington de Souza Seraphin.

Obrigado, Terceiro-Sargento Arí Dirceu Fernandes Júnior.

Obrigado, Terceiro-Sargento Kleber da Silva Santos.

Obrigado, Terceiro-Sargento Tiago Anaya Detimermani.

Obrigado, Terceiro-Sargento Antônio José Anacleto.

Obrigado, Terceiro-Sargento Felipe Gonçalves Júlio.

Obrigado, Terceiro-Sargento Rodrigo Augusto da Silva.



Minhas senhoras e meus senhores,

Peço a Deus que permita mantermos sempre na memória a lembrança e o exemplo de nossos bravos compatriotas. E que Ele amenize este doloroso momento pelo qual passam todos os seus familiares.

Muito obrigado.

(211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da sede própria do Sindicato dos Trabalhadores em Processamento de Dados e Empregados de Empresas de Processamento de Dados do estado de São Paulo (Sindpd/SP)

São Paulo - SP, 22 de janeiro de 2010

Despublicado em: 01/07/2010

Republicado em: 04/11/2010

Eu quero cumprimentar a minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, o ministro Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais;

Quero cumprimentar o companheiro Antonio Neto, presidente do sindicato, por meio de quem cumprimento todos os trabalhadores em processamento de dados e tecnologia da informação;

Quero cumprimentar a esposa do companheiro Neto;

Quero cumprimentar os companheiros dirigentes sindicais aqui, o Paulinho, da Força, o Patá, o companheiro Medeiros, representando o Lupi;

Quero cumprimentar companheiros que eu reencontro depois de tanto tempo;

Cumprimentar a imprensa.

E dizer para você, Neto, em primeiro lugar, a minha vinda aqui hoje é de agradecimento ao companheirismo que você e seus companheiros têm dedicado na relação comigo antes de eu ser Presidente e depois de eu ter sido Presidente.

Eu, certamente, companheiros, carregarei como legado quando deixar a Presidência da República, uma marca que eu não acredito que exista, na face da Terra, nenhum presidente que tenha estabelecido a relação com o movimento sindical que eu tenho estabelecido mesmo depois de Presidente da República. Não acredito...



Eu conheço países muito importantes, com dirigentes muito importantes em que, para que os dirigentes sindicais sejam atendidos pelo Presidente, eu tenho que telefonar para o Presidente atender. Eu conheço países importantes em que eu já recebi muito mais os dirigentes sindicais deles do que o Presidente do país. Porque não há uma lógica de se receber dirigentes sindicais quando se governa o país, não há uma lógica, até porque na maioria dos países a governança é muito distante do mundo dos trabalhadores.

Eu participo do G-20 e daquela reunião, poucos os Presidentes... eu recebi duas vezes as centrais sindicais do mundo inteiro que só tinham referência a mim para entregar um documento. Na última reunião é que eu disse para eles que eles precisariam entregar para todos. Independentemente de eles terem relação ou não, que deveriam entregar o documento para todos os presidentes, porque eles ganhariam mais força. Fomos nós que conseguimos que a OIT participasse do G-20, porque o mundo do trabalho não estava representado.

Mas não é apenas isso. Eu sempre sonhei que uma coisa importante que deveria acontecer no Brasil, depois que eu fosse Presidente da República, era a gente estabelecer uma nova relação entre o Estado e a sociedade e entre o Governo e o povo. É por isso que eu vou terminar o meu mandato participando, todo dia 23 de dezembro, de um ato embaixo de uma ponte, ou na sede do Sindicato dos Bancários, em qualquer lugar, com os catadores de papéis aqui de São Paulo e do Brasil inteiro. E eles ainda são catadores porque querem continuar como catadores de papéis, porque ficaria mais barato pagar alguma coisa para eles deixarem de ser. Mas, uma coisa que me orgulha, é dar a eles a cidadania que eles têm, e que muita gente, as pessoas, não querem reconhecer que um simples catador de papel, às vezes, está reparando o desleixo de alguém que pensa que é mais importante que um catador de papel, que joga lixo em qualquer lugar na rua desta cidade, ou deste país. Só para vocês terem ideia, só o BNDES emprestou R\$ 220 milhões às cooperativas dos



catadores de papéis. Quando é que se imaginou neste país um banco como o BNDES, em que as pessoas, pequenos empresários, nem conseguiam entrar lá dentro, muito menos trabalhadores, emprestar dinheiro para catador de papel?

Hoje, Neto, hoje, as fábricas que produzem tratores no Brasil têm 80% das suas vendas subordinadas ao programa Mais Alimentos, que o governo disponibilizou R\$ 25 bilhões para agricultura familiar, para que eles conseguissem se modernizar, e já vendemos 21 mil tratores, em menos de um ano e oito meses. Em uma demonstração de que, o que o povo precisava na verdade, era a oportunidade de ter uma chance.

Eu, quando tenho andado pelo mundo e feito debate nos mais diferentes países, às vezes com a ministra Dilma, com o ministro Guido, com o Meireles, eu sempre faço uma discussão sobre a política de crédito, que muitas vezes não aparece nas discussões acadêmicas dos economistas, ou muitas vezes não é levado com muita importância pelos setores econômicos dos principais jornais deste país, porque não era uma coisa previsível. E não é que as pessoas tenham má vontade; é que aquilo não estava na lógica da aula de Economia.

Neto, você sabe quanto de dinheiro tem circulando neste país por conta do crédito consignado? R\$ 105 bilhões estão circulando na mão deste povo pobre, nos últimos anos. Uma coisa que as pessoas não percebem é que cada vez que a gente dá um aumento para o salário mínimo, nós colocamos [R\$] 20 bilhões a mais na economia brasileira.

E aí quando saem as pesquisas, que mostram que as classes D e E estão consumindo mais do que as classes A e B, é porque há muito tempo a classe pobre não tinha o direito de ter acesso a um financiamento. Aposentado não tinha direito a financiamento neste país, e hoje ele pode ir a um banco e tomar um financiamento descontado em folha; não pode comprometer mais que 30%.



Uma coisa que eu falo com muito orgulho – e certamente quem não morou com um candeeiro não tem a obrigação de saber – é o programa Luz para Todos. Neto, nós já investimos – antigamente se falava gastamos –, nós já investimos R\$ 14 bilhões, levando energia elétrica a 2 milhões e 300 mil lares deste país, atendendo mais de 11 milhões de pessoas.

Às vezes, a pessoa que não é bem informada diz assim: “É, mas esse Lula fica só cuidando dos pobres, e daí? E nós, como é que ficamos?” Acontece que na pesquisa que nós fizemos, 87% das pessoas que recebem luz em casa compram um televisor; 84% compram uma geladeira; 47% compram um aparelho de som, fora aqueles que fazem uma casa de farinha, fora aqueles que fazem um moinho, lá, para fazer o milho, fazer... fora aqueles que compram liquidificador. Ou seja, R\$ 14 bilhões, poucos governos neste país teriam coragem de assumir o Programa, que algumas ligações custam mais de R\$ 7 mil reais, e nós fazemos de graça, porque entendemos que o cara pode morar na Avenida Angélica, mas ele pode morar nos cafundós do Amazonas, ele tem direito de ter o mesmo bem material que tem as pessoas de melhor posse. Só para vocês terem noção: tem ligação na Amazônia que chegou a custar quase R\$ 50 mil. Você sabe que nós, por conta desse programa, Neto, nós já compramos 5 milhões de quilômetros de cabo. Isso daria para enrolar o planeta Terra umas 30 vezes. Nós já colocamos 1 milhão de postes neste país, e já colocamos mais de 800 mil transformadores, porque neste país, Neto, tinha gente que morava perto das hidrelétricas, os fios de alta tensão passavam por cima da casa deles e eles viviam à base do candeeiro.

Eu tenho a convicção de que... esses dias, o ministro Lobão fez uma exposição para mim e para a Dilma, porque quando a gente começou o Programa quando a Dilma era ministra, a gente queria atender 10 milhões de pessoas. Quando a gente entrou em campo para trabalhar, a gente descobriu que os números do IBGE estavam errados. Tinha mais de 1 milhão de pessoas a mais, sem energia elétrica. E nós, então, incluímos. E este ano, eu não sei se



a gente vai conseguir fazer 100%, mas certamente faremos 95%, 97%, 94%, porque a decisão do governo é, neste ano, fazer o que for necessário fazer para que a gente possa levar energia na casa do povo pobre. Por conta disso, 500.000 trabalhadores rurais voltaram a morar na roça por conta da energia elétrica. É um êxodo diferente. Em vez de as pessoas saírem, as pessoas estão voltando para o campo, sobretudo quem tinha sua casinha, porque lá no campo ele vai ter o que ele queria ter na cidade: ele vai ter acesso a bens que ele não tinha antes.

Uma coisa curiosa, Neto, que as pessoas precisam saber: um poste de madeira, daqueles que a gente coloca no meio do mato e na roça, pesa praticamente 390 quilos. Precisa muita gente para levantar um poste daqueles. Um poste de cimento pesa uma tonelada. Precisa muita gente para levantar ou um caminhão preparado, que não dá para andar no meio do mato. E nós descobrimos uma empresa no Paraná que produz um poste de lã de vidro que pesa apenas 130 quilos. E agora, nós vamos levar para o Amazonas poste de lã de vidro, que três homens carregam ele no ombro com muita tranquilidade, e muito mais fácil.

Eu fui agora a Juiz de Fora inaugurar a primeira termelétrica brasileira a álcool. Vocês sabem que o Brasil é o país do mundo que tem a matriz energética mais limpa. Na área de energia elétrica, nós temos 85% dela limpa, que é a energia produzida pela hidrelétrica. Na área total de energia, envolvendo combustível, nós temos 47% de energia limpa contra uma média de 13% no mundo inteiro.

Pois bem, nós inauguramos a primeira termelétrica a álcool, com uma parceria da Petrobras e da General Electric, e ela só pôde ser feita por causa da credibilidade da Petrobras, e a turbina que vai funcionar essa termelétrica é uma turbina de um jumbão 747, que vocês já viram por aí, o avião do Obama. Ora, se uma turbina daquelas pode utilizar álcool para fazer funcionar uma termelétrica, certamente que ela pode ser utilizada para fazer aquele avião



levantar.

Eu estou mostrando isso, Neto, porque eu estou vindo agora de Campinas, onde nós fomos inaugurar um centro de tecnologia de etanol, bioetanol, que vai produzir etanol de segunda geração, do bagaço da cana. Ou seja, aquilo que sobra, que nós tratamos como bagaço, ali ainda tem muito etanol. E nós investimos quase R\$ 70 milhões para fazer um centro que vai começar a tirar, possivelmente daquilo que sobra, que joga fora, do bagaço que não vale nada, que a gente queima, e da folha, a gente pode aumentar a produção do álcool na mesma quantidade de terra, em 40%.

É uma revolução que está para acontecer neste país nos próximos anos, que eu só espero estar vivo para poder acompanhar essa revolução, porque o mundo não tem saída. Se é verdade que o aquecimento global é tudo o que falam – e nós acreditamos porque, cientificamente, está provado que tem problemas –, se é verdade, é verdade também que os países desenvolvidos não podem mais ficar com termelétrica à base de carvão, que emite muito gás de efeito estufa, ou à base do óleo diesel.

Então, significa que o Brasil pode ofertar para eles o etanol necessário. Mais importante, é que eles têm que cumprir o Protocolo de Quioto. E, para cumprir o Protocolo de Quioto, eles vão ter que mudar a matriz energética, ou vão ter que colocar, como aprovou a Europa, 10% de álcool na gasolina. E quem produz álcool? O Brasil. Mas eu não quero só para o Brasil. O Haiti pode produzir cana para produzir álcool de segunda geração, e vender para os Estados Unidos, que estão ali pertinho dele. Porque o Haiti não pode continuar sendo o país mais sofrido do mundo. Aquele país foi o primeiro país das Américas, foi a primeira nação negra a conseguir a sua liberdade em 1804, e, de lá para cá, a vida deles virou um inferno, porque foram ocupados pelos Estados Unidos, ocupados pela França, ocupados pela Inglaterra, depois teve... O primeiro escravo que assumiu o poder virou imperador. O bichinho já ganhou, já virou logo imperador, que é o desvio de muita gente. Depois,



tivemos lá o Papa Doc, que ficou 30 anos, pai e filho, e que matou tanta gente, agora essa desgraça que aconteceu lá, com esse terremoto.

Não é justo, então nós temos que pensar... Porque, quando eu penso na política de biocombustíveis, Neto, eu não penso só para o Brasil; eu penso na África. A nossa Embrapa está na África, pesquisando – já pesquisou 17 países. A savana africana é igualzinha ao cerrado brasileiro. Portanto, com um pouco de tratamento da terra, a gente pode ver os países africanos produzirem a mesma quantidade de grãos que produz o Brasil, produzirem a mesma quantidade de etanol que produz o Brasil. A nossa Embrapa está na Venezuela, a nossa Embrapa vai para a América Central, porque nós queremos que todos os países do mundo, sobretudo os que têm as mesmas características do Brasil, possam ter a mesma possibilidade de fazer a revolução agrícola que fez o Brasil.

E eu penso que é isso que pode dar uma mudança de comportamento do Estado brasileiro, que não é mais a mudança da subordinação aos Estados Unidos ou a mudança da subordinação à Europa, a quem quer que seja. Este país tem tamanho e riqueza suficientes para ser soberano, para tratar todo mundo com respeito, mas para ser respeitado.

Quando eu deixar o governo, Neto, eu vou querer, numa reunião de sindicalistas, mostrar o mapa do Brasil, do que era antes e do que é agora. E até falei para o Neto: seria importante, Paulinho, seria importante, Patá, que vocês fizessem uma delegação de trabalhadores. A gente poderia até arrumar condições para vocês irem visitar o que é o canal do São Francisco, o que é um canal de 672 quilômetros, que vai levar água para quatro estados da Federação e que vai acabar com o sofrimento de 12 milhões de brasileiros que moram no semi-árido nordestino. Eu não sei se vocês vão sofrer o impacto que eu sofri, mas é uma mega obra.

Da mesma forma que eu gostaria que vocês conhecessem. Porque, também, os dirigentes sindicais ficam muito paulistas. Vocês só brigam muito



internamente porque vocês vivem aqui dentro. Se vocês saírem para viajar o Brasil, Neto, vocês vão ver coisas extraordinárias, a Transnordestina. Agora, em março, em março, os dirigentes sindicais que quiserem ir, eu posso levar. Eu vou a Salgueiro, em Pernambuco, ver duas coisas: a maior fábrica de dormentes do mundo e a maior – como é que chama, ô Dilma? – usina de brita, que lá em Salgueiro, ela sozinha vai ser maior do que as 40 maiores que têm em São Paulo, para fazer brita, para poder fazer quase 1.900 Km de ferrovia, ligando o Porto de Pecém ao Porto de Suape, e a Eliseu Martins, no Piauí. Se vocês quiserem ir comigo, em junho, nós vamos ter mais de 7 mil trabalhadores trabalhando em vários blocos nessa ferrovia.

A ferrovia Norte-Sul, eu fui contra ela em [19]87, eu xinguei o Sarney porque eu era contra a ferrovia Norte-Sul. Todos os governos, depois do Sarney até eu chegar no governo, fizeram 215 Km. Nós vamos fazer 1.515 Km da ferrovia Norte-Sul e depois, no PAC II – que a gente vai lançar agora em março –, nós vamos fazer com que ela saia de Anápolis, lá no estado de Goiás, e ela chegue à Estrela d'Oeste, em São Paulo, para poder chegar até o Porto de Santos. Nós vamos fazer a ferrovia Leste-Oeste, ligando o Porto de Ilhéus, na Bahia, até o estado do Tocantins, para a gente ligar também a ferrovia Norte-Sul e, conseqüentemente, a gente fazer um processo de integração no Brasil.

No PAC II, nós vamos colocar uma coisa que até então não era muito discutida no Brasil que é a combinação, que a gente falava muito da língua para fora, mas que era difícil fazer porque você não conseguia a licença ambiental para fazer uma hidrovia neste país, era muito difícil. Mas, finalmente, nós vamos apresentar um programa para que a gente possa fazer a combinação de rodovia, ferrovia e hidrovia, para que a gente possa tirar toda a produção do Centro-Oeste brasileiro pelo rio Madeira, pelo rio Tapajós e não precisar vir ao Porto de Santos para depois passar por cima de onde nós tiramos a nossa produção agrícola.



Então, eu penso que a cara do Brasil vai mudar muito. E quem vier depois de mim – e eu, por questões legais, não posso dizer quem é; espero que vocês adivinhem, espero –, quem vier depois de mim já vai encontrar um programa pronto, com dinheiro no Orçamento, porque eu estou fazendo o PAC II porque eu preciso colocar dinheiro no Orçamento para 2011, para que as pessoas comecem a trabalhar. E também, no PAC, a gente já vai ter que colocar a Copa do Mundo de 2014. Eu só não posso colocar que o Brasil vai ganhar o título, mas nós temos que fazer um sistema de transporte, vai ajudar a fazer os (incompreensível) de transporte. Nós estamos financiando até R\$ 400 milhões, para cada governador resolver o problema da Copa do Mundo, além das questões do transporte, e de rodovia e ferrovia, da mobilidade urbana que nós vamos ter que ajudar a fazer.

E, além disso, tem mais as Olimpíadas de 2016, que a gente não pode deixar para começar a construir as coisas em 2013. Tem que começar ontem, ontem, para que a gente possa provar que o Brasil vai ter competência de fazer uma Olimpíada.

Mas o mais importante do PAC II, companheiros, é uma coisa que eu acho que é prioridade: nós precisamos trabalhar com muito carinho os problemas das regiões metropolitanas deste país. Não é possível que a cada mês de janeiro, a cada final de dezembro, a cada carnaval, a gente veja cidades inteiras ruírem por conta da água. Eu não sou daqueles que culpo com facilidade as pessoas, porque nós temos a culpa [mania] de dizer: “É culpa do prefeito, é culpa...”. A verdade é o seguinte: muitas vezes, existe culpa gerencial porque se sabe onde vai encher e, portanto, poderia... poder-se-ia – gostou do “poder-se-ia”, Neto? –, poder-se-ia resolver.

Mas a gente sabe que, também, é uma coisa que custa muito caro e que, portanto, eu não vou jogar pedra em nenhum prefeito, em nenhum governador. Eu acho que é uma coisa que nós temos que assumir compromissos conjuntos, porque não é um problema de ninguém; é um



problema nosso, é um problema nosso. E nós temos que tratar com esses fenômenos da natureza como fenômenos da natureza. Ora, se chove, em uma hora, aquilo que era para chover em 20 horas, alguma coisa vai acontecer, alguma coisa vai acontecer.

Então, nós queremos cuidar da periferia deste país, da urbanização de favelas, do saneamento básico, da questão da saúde e da questão da criança, que nós vamos focar a confecção de creches, para que as mães possam ter liberdade de trabalhar e ninguém precisar amarrar uma criança no pé da mesa. Da mesma forma que cada bairro importante... nós vamos medir a população. Nós estamos fazendo 500 UPAs, ou seja, Unidades de Pronto Atendimento, e, só para você saber, nós vamos levar 10 UPAs para o Haiti, para fazer atendimento médico no Haiti, com médicos brasileiros, para trabalharem lá. Cada UPA pode atender uma população de até 100 mil, de 100 a 200 mil, de 200 mil a 300 mil, 24 horas por dia, com dentista, com radiografia, com... um negócio extraordinário. Nós vamos fazer 500 este ano, mas a ideia, no PAC II, é a gente fazer, em cada bairro periférico, fazer um Pronto Atendimento para que o povo brasileiro não tenha que sofrer tanto atrás da saúde.

Uma última coisa, companheiros, que eu queria dizer para vocês: eu sou muito agradecido ao movimento sindical brasileiro, não só porque dele fiz parte muito tempo, não só porque sou considerado por vocês como companheiro sindicalista, mas porque eu penso que vocês, nos momentos mais difíceis que eu enfrentei na vida, quem estava do meu lado eram, exatamente, os sindicalistas deste país. Eram exatamente...

Porque, quando você dá um nome deste sindicato, deste auditório do sindicato ao Getúlio Vargas, eu acho que nós estamos recuperando um pouco a memória deste país, recuperando aquilo que um homem – que poderia ter defeitos, como todos nós temos defeitos –, mas a verdade é que nós devemos muitas das coisas boas que nós temos à coragem do Getúlio Vargas, à visão de Estado que tinha o Getúlio Vargas. Está certo que naquele tempo ele não



tinha Ministério Público, está certo que naquele tempo ele não tinha o Congresso com a força que tem hoje, depois da Constituição. Era ele que indicava governador, ele que indicava prefeito... Era um pouco mais fácil, não tinha que prestar contas a tanta gente como nós prestamos hoje. Hoje é muito mais difícil.

Eu digo sempre que se o Juscelino Kubitschek tivesse que fazer Brasília hoje, ele ainda não teria conseguido fazer a pista para ele pousar o aviãozinho dele para ele chegar lá. Porque, até ele explicar o impacto ambiental, acabaria o mandato dele de cinco anos.

Mas, também, eu falo isso brincando, porque essas coisas foram regulamentações que nós mesmos fizemos para evitar que houvesse abuso de autoridade. É importante que a gente tome cuidado porque hoje está ficando cada vez mais visível para todos nós que a questão de preservação ambiental é uma questão extremamente séria. Hoje a gente não faria Itaipu. Ou, se fizesse, a gente não cobriria Sete Quedas... Eu tive a oportunidade de conhecer Sete Quedas. Vocês, da imprensa, são muito jovens, não conheceram. Mas era uma coisa extraordinária! Aquilo jamais poderia ter sido coberto. Ela só foi coberta porque foi feita em um momento de regime autoritário, senão não faríamos. Como também não faríamos Balbina, que é uma grande hidrelétrica, e que é um monumento à insanidade. É um lago imenso para gerar apenas 300 megawatts, que não tem nenhuma explicação.

E nós estamos convencidos de que o Getúlio prestou esse serviço ao Brasil. Lamentavelmente, uma parte da elite brasileira, inclusive envolvendo uma parte da elite intelectual, inconformada porque não conseguiram ganhar o golpe de [19]32... porque ele fala que foi revolução. Aquilo (incompreensível) foi uma tentativa de golpe que tentaram dar ao Estado brasileiro.

Então, tem pessoas que não se conformam, e é muito triste que aqui em São Paulo a gente não encontra rua com o nome de Getúlio Vargas. Você encontra em muitos lugares. Aqui em São Paulo é raro, parece que é uma



coisa ruim, de um homem que foi presidente da República e que deixou um legado onde as pessoas mais pobres são agradecidas.

Eu tinha divergência com o Getúlio Vargas na questão da estrutura sindical, eu tinha divergência, mais eu sou capaz de ter divergência com um companheiro e não ver só defeito, ver as virtudes que as pessoas têm, porque todo mundo tem defeito e todo mundo tem virtude, e a gente não pode apenas ficar criticando as coisas ruins. Eu acho que o Getúlio foi um excepcional presidente deste país, um excepcional presidente deste país.

Pois bem, eu, companheiros, nós ainda temos um ano de governo pela frente, eu gostaria muito de partilhar com vocês as coisas que nós fazemos. Certamente eu vou fazer algumas reuniões ainda com os dirigentes sindicais, mas eu queria dizer a você, Neto, da alegria de estar aqui, por tudo o que vocês representam na relação comigo. Eu sou grato por isso e eu digo sempre o seguinte: eu não deixo um companheiro no meio da estrada. Se tem uma coisa que eu aprendi como legado da minha mãe é construir amizades, e eu prezo as minhas amizades. Eu estou dizendo isso, Neto, para dizer para você que você pode ter consciência – estou falando isso na frente de muita gente – é que eu o considero um grande companheiro, porque sempre teve um comportamento de um grande companheiro. Por isso, eu não poderia faltar à inauguração da sede.

Parabéns, Neto, parabéns à categoria e parabéns a todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das novas instalações da fábrica Cristália
Produtos Químicos e Farmacêuticos**

Itapira - SP, 22 de janeiro de 2010

Meu caro amigo e governador do estado de São Paulo, José Serra,
Companheiros ministros que me acompanham,
Companheiros deputados,

Companheiro Antônio Hélio Nicolai, prefeito de Itapira,

E cumprimentando o Ogari Pacheco, presidente do complexo farmacêutico do Laboratório Cristália, eu quero estender o cumprimento a todos os demais companheiros que estão aqui, porque já foi citado o nome de todos quatro vezes e, no Brasil, quando você cita o nome mais de três vezes, as pessoas já se candidatam a alguma coisa na próxima eleição. Então, não precisa fazer isso.

Bem, eu acho que foi Deus que botou na cabeça do Temporão a ideia de me convidar para vir aqui hoje, porque não tem nada mais importante para um corintiano do que ver um palmeirense perceber que tem tão pouco palmeirense aqui e tanto corintiano. Então... Serra, já ganhei o dia por isso.

Bem, mas para mim, visitar uma empresa bem-sucedida como a Cristália é um pouco também a ideia de passar para a sociedade que na cidade de Itapira, no estado de São Paulo, no Brasil, acontecem coisas boas, porque muitas vezes nós ligamos um canal de televisão ou lemos um jornal ou escutamos um rádio, e parece que o mundo vai acabar dali a dois minutos, porque só tem coisas ruins.

E nesse momento em que o presidente da República sai de Brasília, o governador sai da capital com o seu secretariado, eu saio com os ministros



para vir inaugurar uma nova fase desta empresa, nós estamos apenas tentando reafirmar que não adianta alguém ficar pensando que este país vai andar para trás. Este país aprendeu a andar para a frente, este país aprendeu a se desenvolver, este país aprendeu a investir em ciência e tecnologia.

Quando, há três anos, eu pedi para que o ministro Sérgio Rezende apresentasse um programa de ciência e tecnologia para o Brasil, e ele apresentou um PAC de Ciência e Tecnologia, até 2010, de R\$ 41 bilhões – um programa de ciência e tecnologia aprovado por todos os acadêmicos brasileiros, por todos os cientistas que participam da direção da SBPC –, foi, acho, a primeira vez que eu vi, na minha vida, os cientistas, por unanimidade, aprovarem um programa e defenderem o programa. E no dia em que foi aprovado o programa, Serra, eu fiz um desafio ao Sérgio Rezende e aos cientistas, ou seja, neste país não basta ter dinheiro, é preciso saber executar a utilização desse dinheiro. E propus que a comunidade científica assumisse a responsabilidade de aplicar a totalidade dos R\$ 41 bilhões em ciência e tecnologia para que a gente pudesse, a partir de então, ter condições de propor outro investimento ainda muito maior em ciência e tecnologia neste país.

Ainda ontem eu tive uma reunião de ministros e, ao terminar a reunião, eu perguntei para o Sérgio Cabral: Sérgio... para o Sérgio Rezende: Sérgio, eu quero saber se você vai gastar os R\$ 41 bilhões que nós colocamos no PAC. Certamente, é uma cobrança que eu vou fazer agora, até o final de 2010, para que a gente possa aprender que o que vai fazer a diferença neste país, dando um salto de qualidade, é o investimento que a gente fizer na educação, e o investimento que nós fizermos em ciência e tecnologia. Investir nos nossos pesquisadores e nos nossos (incompreensível).

Este laboratório é um laboratório privilegiado, porque em 2009 ele ganhou o prêmio “Inovar para Crescer”. Um prêmio como a empresa mais inovadora do país, concedido pela Sociedade Brasileira Pró-Inovação Tecnológica (Protec), com o apoio do Senai. Depois a Cristália, em 2007, foi a



vencedora do Prêmio Nacional Finep de Inovação Tecnológica e, em 2008, certamente porque já estava cansada de ganhar títulos, ficou em terceiro lugar, e a escolha foi realizada por especialistas das áreas.

O que eu acho extremamente importante é que a abertura desta fábrica de remédios tem um significado ainda maior, porque o Laboratório Cristália se destaca pelo volume de atividades em pesquisa e inovação, registrando em média dois pedidos de patentes por ano. Esse é um dado muito significativo. E por que é significativo? Porque, como vocês sabem, inovação no setor da Saúde pode representar a cura tão esperada para uma doença.

Tantas doenças... Esses dias eu estava vendo um daqueles canais de televisão que eu nunca decoro qual é, e também não posso dizer qual é para não fazer *merchandising* aqui, do canal, até porque não me pagam publicidade, como é que eu vou falar? Mas uma mulher tem um tipo de doença, ô Temporão, aquela do glúten... as mulheres que não podem comer coisas de trigo, não podem ingerir qualquer alimento que tenha glúten. E essa mulher estava contando que há 30 anos, há 30 anos, ela era tratada pelo médico dela. Ela ainda dizia: “Meu médico, meu médico...” Eu fiquei pensando: quem tem um médico desses, não tem médico. Ela falou: “Eu, há 30 anos, me trato com o meu médico, e essa doença me matando e ele não sabia o que eu tinha”. Ela disse que, um dia, passando em uma banca de jornal ela viu, não sei se em um livrinho daqueles de saúde, e ela viu lá uma manchete sobre o problema da doença dela. E foi com base naquela capa da revistinha que ela comprou, que tinha a manchete de uma pessoa, de um estudo sobre a doença dela, que ela pôde levar aquilo para o médico e dizer: “Olha, o senhor está me tratando errado, aqui está dizendo que é outra coisa”. E por incrível que pareça, a mulher dizia assim na televisão: “Há 30 anos me tratando com o meu médico, e eu fui me curar com uma revista que eu comprei na banca de jornal, que dizia claramente o que eu tinha”.

Ora, por que eu entrei na questão da revista, para dizer os investimentos



da Cristália em inovação? Porque se a gente não acreditar na inovação, se a gente não investir muito mais do que estamos investindo em inovação, o País vai ficando cada vez [mais] para trás na disputa de produção, não apenas de remédios, de qualquer outra coisa que a gente quiser competir, em nível internacional.

Então, todos que são políticos aqui sabem que não há outra maneira de a gente dar um salto de qualidade neste país se a gente não aplicar mais recursos em inovação.

E aí, Pacheco, tem um problema que certamente não é da Cristália, mas de outras empresas, porque esses dias o Ministro de Minas e Energia me dizia que todo o dinheiro que foi colocado para financiar empresas na questão da inovação, muitas empresas ainda não pegam o dinheiro que tem no Ministério, muitas empresas não querem. Houve até um pedido da CNI, da Confederação Nacional das Indústrias, para que o governo divulgasse mais o dinheiro que tem, porque é muito difícil, no Brasil, um governo ter dinheiro disponível. Mas nessa área de inovação nós temos e, muitas vezes, as empresas não encontraram ainda o “caminho das pedras” para tirar esse dinheiro.

Portanto, Sérgio, pelo amor de Deus, não feche o ano sem zerar esse dinheiro, sem convocar quem quiser para fazer inovação, porque é isso que vai permitir que uma empresa como esta possa anunciar, não apenas uma fábrica nova, mas junto desta fábrica, a geração de empregos, e geração de empregos mais qualificados para as pessoas melhor formadas do que as que tinha 20 anos atrás.

Eu estou vendo a cara desta menina aqui. Certamente, certamente, cada vez mais – e quanto mais a empresa investir em ciência e tecnologia, em pesquisa e inovação –, certamente a gente vai ver, cada vez mais, a cara de pessoas bem mais novas trabalhando na empresa. Logo, logo, Pacheco, a gente vai vir aqui e vão dizer: “O diretor não é mais o Pacheco. É o neto do Pacheco, é o filho do Pacheco”, ou é sei lá quem. Porque é um crescimento



extraordinário na hora em que a gente investe dinheiro na formação e na qualificação do povo brasileiro.

Por isso que eu estou aqui hoje, porque essa inovação e o desenvolvimento de novos medicamentos numa fábrica brasileira já é, por si só, um motivo de orgulho. A maioria dos remédios que você vai comprar, muitas vezes você não consegue nem falar o nome. Agora, eu espero que a gente possa aqui – não vou dizer o nome dos remédios – mas aqui me parece que os remédios são com o nome mais parecido de Palmeiras, e Corinthians, e Santos e de Portuguesa. Itapira não tem time? Bom? Já ganhou o quê? Então, ainda vai melhorar, vai melhorar... Bom... Bem, mas aqui, daqui - o prefeito tem razão - daqui saiu a pessoa que me fez virar vascaíno, Serra: o capitão da Seleção de [19]58, o nosso querido Bellini, que...

O Ministério da Saúde e Ministério da Ciência e Tecnologia têm se esforçado no sentido de assegurar o desenvolvimento de fármacos no Brasil para garantir um futuro mais saudável a todos os brasileiros. O Ministério, e é importante também dizer, a Finep. A Finep, neste momento, participa de 14 projetos aqui na Cristália, projetos de desenvolvimento de fármacos, com um recurso estimado neste projeto de, aproximadamente, R\$ 50 milhões. Deus Queira que todos esses projetos dêem certo, e daqui a pouco, Pacheco, você esteja obrigado a fazer mais uma fábrica para a gente poder fazer uma nova visita a Itapira. A não ser que você queira fazer uma fábrica em Garanhuns, na cidade em que eu nasci, lá em Pernambuco.

Bem, por último, eu queria dizer a todos vocês, funcionários e a direção desta empresa, que eu fico extremamente motivado e com muito orgulho quando eu vejo uma empresa brasileira sair na frente, ganhar a concorrência e disputar o mercado mundial. Eu sei que a Cristália já exporta remédios para muitos países aqui na América do Sul, mas o que nós queremos é que a gente possa exportar muito mais. O que nós precisamos é fazer com que a indústria de remédios no Brasil se transforme em uma indústria altamente competitiva,



para que a gente não precise importar determinados remédios que poderiam salvar a vida de muita gente, e que não salvam porque muita gente não tem acesso a esses remédios.

Por isso que eu acho que merecem todos os prêmios que vocês ganharam até agora, Pacheco. E posso dizer para você, e tenho certeza de que essas seriam as palavras do Serra, do Alckmin, do Temporão e de todo mundo: uma empresa que tem a coragem de fazer investimento em inovação, como vocês têm, o governo tem que estar de portas abertas para financiar todos os importantes projetos, porque isso é que vai dar dimensão de grandeza e de independência ao nosso país.

Por isso, Pacheco, meus parabéns. Foi com muito orgulho que eu vim a Itapira. Já tinha vindo aqui. É que você é muito novo, mas eu já vim aqui em [19]82 fazer campanha, já vim aqui em [19]86 fazer campanha. Quando o Breda era diretor desta empresa, eu estava aqui fazendo campanha, isso nos anos 80. Mas eu já vim aqui. Não vim na Cristália, porque a Cristália estava começando, também, e o Pacheco, naquele tempo, tinha medo do PT, então não me convidava. Agora, nem eu tenho medo dele...

Você sabe que o Suplicy contou uma história, que o Breda era sócio desta fábrica. O Breda foi deputado do PT em [19]82. Era do PMDB, foi para o PT. E aí o Breda era sócio. E aí o Jacó Bittar, que era prefeito de Campinas, veio aqui e disse que no PT não podia entrar patrão. Aí, o Breda deixou de ser sócio e foi ficar só no PT. Acho que ele perdeu. Se ele tivesse ficado sócio da Cristália, ele estaria hoje infinitamente melhor. Mas, de qualquer forma, eu acho que valeu a intenção, Breda. Obrigado.

E Pacheco, meus parabéns, de verdade. Eu estou vendo a cara destas meninas e destes meninos aqui. Eu estou vendo aqui que de um lado são os trabalhadores que trabalham, e de lá são os convidados. Eu não sei se vocês... É como uma música do Zeca Pagodinho: aqui está quem trabalha e aqui estão os penetras. Eu estou vendo uma coisa diferente: quem trabalha está abrindo a



boca, porque quer comer. Eu estou vendo umas meninas aqui, como se fossem passarinhos novos, assim, só abrindo o biquinho assim.

Então, eu vou parar de falar para dar chance de vocês comerem, e dizer para vocês que é uma alegria, uma alegria... Podem ficar certos de que vai ter mais empregos nesta nova fábrica construída aí, neste novo espaço. O Pacheco esqueceu de falar, mas eu vou dizer, que ele falou que “daqui para a frente, ainda vou ter que contratar mais 350 pessoas para trabalhar nesta empresa”. Significa que vai ter mais emprego em Itapira.

Não é sempre, Serra, não é sempre que a gente vem em uma fábrica e o dirigente sindical está feliz. O companheiro presidente do Sindicato me disse: “Olha, Presidente, aqui tem um PLR bom, e aqui eles conquistaram o direito de trabalhar 40 horas semanais, em setembro”.

Então, parabéns ao Sindicato. Parabéns a vocês. E parabéns à direção da empresa pelo trabalho extraordinário de investimento em inovação.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do CTBE – Laboratório Nacional de Ciência e
Tecnologia do Bioetanol**

Campinas - SP, 22 de janeiro de 2010

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra;

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa
Civil;

Ministro Sergio Machado Rezende, da Ciência e Tecnologia, e ministro
Alexandre Padilha, de Relações Institucionais;

Senador Eduardo Suplicy;

Deputada Federal Aline Corrêa, deputado federal Guilherme Campos;

Meu caro magnífico Fernando Costa, reitor da Unicamp;

Doutor Hélio de Oliveira Santos, prefeito de Campinas. Eu acho chique
chamar de Magnífico Reitor;

Meu caro Rogério Cezar de Cerqueira Leite, diretor-geral do Centro
Nacional de Pesquisa e Energia de Materiais;

Senhor Marco Aurélio Pinheiro, diretor do Laboratório de Ciência e
Tecnologia do Bioetanol;

Senhor Antonio José Roque da Silva, diretor do Laboratório Nacional de
Luz Síncrotron;

Meu caro Kleber Gomes Franchini, diretor do Laboratório Nacional de
Biociências;

Meu caro José Geraldo Eugênio de França, vice-presidente da Embrapa;
Companheiros e companheiras,

Eu estou com um discurso que não fica em pé aqui, então eu não vou ler
o meu discurso. Eu vou repetir uma coisa que eu digo sempre. Eu não gosto de
ler nominata, mas eu falei para o Serra: a tua nominata não está muito grande?



Ele falou: “É, mas se a gente não falar, as pessoas ficam chateadas”. E é verdade. Se, às vezes, tem um deputado e você não cita o nome dele, quando você vai precisar de um voto, ele fala: “É, você nem citou meu nome, agora você quer meu voto”. E é assim que funcionam as coisas. Um secretário fala: “É, ele agora quer que eu trabalhe rápido, mas não citou meu nome”. Ministro, a mesma coisa. Então, eu vou citar daqui para frente, toda vez. Mas tem dia que tem mais gente no palanque do que gente assistindo e, às vezes, não é permitido a gente citar todo mundo.

A segunda coisa é que vocês sabem que o Presidente tem uma fábrica de produzir discurso, não é? Mas eu acho que é o mesmo que produz para o Sergio Rezende e para a Dilma, porque os discursos estão mais ou menos iguais. Mas eu também não ia falar do Laboratório e não ia falar no meio de tanta gente importante, tanta gente sabida da ciência, não vou eu aqui me meter a falar do Laboratório.

Eu quero dizer para vocês outras coisas importantes. Eu perguntei para o Rogério quantos anos ele tinha. Ele tentou se esquivar, mas percebeu-se que ele tem mais de 60. E eu falei: Quantos anos você quer viver? Ele falou: “mais uns 30”. Então, eu peço a Deus que você viva mais os 30 que você quer viver e que eu viva, pelo menos, mais 15. Porque eu sou muito pragmático com relação à questão da vida. Depois dos 60, eu sei que o limite... Nem todo mundo é Oscar Niemeyer, mas eu sei que o limite. A média, como é 75... A gente pode viver de ilusão, mas um dia a casa cai.

Mas eu penso que toda essa geração que está aqui, toda essa geração que está aqui e, certamente, todos vocês irão ver que nos próximos 20 anos o Brasil passará por uma transformação excepcional. Eu estou convencido disso, porque quando algumas instituições financeiras e de fomento do mundo começam a dizer que o Brasil precisa se preparar porque, em 2016, o Brasil poderá ser a quinta economia do mundo, é importante que a gente esteja preparado para isso. É muito importante que a gente esteja preparado para que o Brasil ganhe uma importância econômica que nós já poderíamos ter obtido



se não fosse a megalomania de que o Brasil não pode crescer acima de um determinado percentual. E também porque durante muito tempo não se quis investir em educação da forma que a educação precisava de investimento.

O Rogério, aos 78 anos de idade, vai ter o prazer de ver o que vai acontecer no Brasil nos próximos anos com os investimentos que foram feitos na educação neste país. Eu disse, hoje, que quando o Sergio Rezende foi fazer o PAC de Ciência e Tecnologia, que tem muita gente que participou da elaboração do PAC, eu disse que foi a primeira vez que eu vi a comunidade científica, por unanimidade, aprovar um programa com a consciência de que também aquele programa não era um programa do ministro Sergio Rezende como habitualmente acontecia no Brasil. O ministro faz um programa, que é muito mais um desejo pessoal seu, quando ele sai, entra outro ministro faz outro programa que é outro desejo pessoal, e você termina não tendo programa, você termina tendo teses acadêmicas dos ministros que vão se sucedendo. O programa que nós fizemos para o PAC não é um programa do Sérgio Rezende. Ele não controla esse programa, porque a comunidade científica está inclusive controlando a aplicação dos recursos do PAC de Ciência e Tecnologia. E eu acho que essa é uma coisa importante que acontece no Brasil.

Da mesma forma, os investimentos na educação: se o Congresso Nacional aprovar a última universidade que falta a gente criar, que é a Universidade Luso-Afro-Brasileira, na cidade de Redenção, no estado do Ceará, para que a gente tenha 5 mil estudantes africanos estudando no Brasil, junto com os brasileiros; ensinar aquilo que é necessário ensinar, e prioridade para a África, junto com a Unila, que foi aprovada e sancionada semana passada, para 5 mil professores, 10 mil alunos, 5 mil brasileiros, 5 mil latino-americanos, currículo latino-americano, professores meio a meio. Ou seja, para a gente poder transformar a integração em políticas de Estado, na formação de quadros para a integração, e a gente então dar um salto de qualidade que este país, que tem um papel de liderança na América Latina, natural, exerça a sua



liderança oferecendo, aos mais pobres do que ele, as oportunidades que eles não têm. Esse é o papel de um país do tamanho do Brasil.

Portanto, nós vamos chegar, com a aprovação dessa – já temos 13 universidades federais novas –, os reitores aqui presentes sabem, são 105 extensões universitárias espalhadas pelo Brasil, e uma coisa sagrada é que muita gente, muita figurinha carimbada das universidades brasileiras, que antes ficavam ou no Rio de Janeiro ou em São Paulo – e em São Paulo, não apenas na USP, vinham aqui para a Unicamp –, hoje você encontra professores renomados brasileiros trabalhando em muitas cidades do interior deste país, porque a universidade está oferecendo oportunidade para que ele possa pesquisar. Outro dia, eu fui a Coari, a quase 300 km de Manaus, e encontrei um companheiro da SBPC, um grande pesquisador, trabalhando em Coari. Duas vezes por semana vai para Coari, porque está montando um laboratório da extensão universitária de Coari. É isso o que, na minha opinião, vai mudar a cara definitiva deste país. É isso. Ah, e aí as coisas têm que ser construídas, companheiros, em parceria. A gente não tem que ficar preocupado a que partido pertencemos, que time torcemos, que religião a gente professa, ou seja, não tem que se preocupar com isso. Nós temos que ter um programa que envolva as necessidades seculares deste país. Nós tivemos presidentes da República neste país que passaram o mandato inteiro e não fizeram uma única universidade. Então, a defasagem nossa é muito grande. Se cada um fizer quatro, se cada um fizer cinco, se cada um fizer seis, a gente vai atender as necessidades da demanda, que é muito grande.

E o que nós desejamos, na verdade? É fazer com que o Brasil inteiro tenha parte daquilo que São Paulo já tem. São Paulo pode ser centro de excelência porque é, há muito tempo, o estado mais rico da Federação. Mas você, quando pega os indicadores deste país, você começa a perceber: onde é que tem mais doutores? São Paulo. Onde é que tem mais mestres? São Paulo. Onde é que tem mais investimentos? São Paulo. Aí você pega: onde é que tem mais mortalidade infantil? No Nordeste. Onde é que tem mais determinada



doença? Ou melhor, no Nordeste, no Norte do País. Mais analfabetos? No Norte e no Nordeste. Onde tem mais doutores? Aqui no Sudeste. E lá você não tem, então é preciso levar essas regiões do País a estarem mais ou menos próximas do centro mais desenvolvido do País, para que esses estados possam crescer e essas cidades possam desenvolver.

É por isso que nós estamos fazendo essa quantidade de universidades e extensões universitárias: para dar desenvolvimento e perspectiva para o empresariado e para o estudante. O empresariado, porque quer investir, e o estudante porque tem onde estudar.

Eu participei da primeira formatura dos estudantes do ProUni e eu acho que essa foi uma revolução, uma invenção de um grande paulista chamado Fernando Haddad, filho de árabe, que conseguiu fazer uma coisa simples, e normalmente as coisas que parecem óbvias são as mais difíceis de fazer porque ninguém quer fazer o óbvio. Todo mundo quer inventar uma coisa espetacular e o óbvio, que é importante, vai ficando de lado. Ele inventou o óbvio: nós não tínhamos dinheiro para fazer todas as universidades que precisávamos, ele pegou, resolveu reduzir imposto das universidades privadas e transformar o equivalente ao imposto numa bolsa de estudo para os pobres da periferia. Já são 625 mil alunos, chegaremos a 720, este ano, alunos formados, o que eu acho que é uma coisa extraordinária porque é o pessoal que...

A contradição do Brasil é essa, não é? No ensino fundamental, o rico vai para a escola particular e paga até R\$ 2 mil, R\$ 1.500 de prestação. O pobre vai para a pública. E está melhorando, mas ainda vai tempo para melhorar. E, ao mesmo tempo, quando chega na universidade que o pobre deveria ir, quem vai é o rico e o pobre vai para a particular, que não pode pagar. Uma contradição absurda e isso era tido quase como uma naturalidade da (incompreensível) brasileira. Isso vai mudar. Pode ficar certo, Rogério, que você ainda vai viver para ver o resultado dos frutos que vai dar essa nova floresta de acreditar na educação como um investimento e não como um gasto.



E não adianta a gente querer imaginar que o Brasil vai ser grande se a gente não investir em pesquisa, e pesquisa, às vezes, é difícil. Você investe e o resultado (falha na gravação) nada. Mas se a gente não tivesse coragem de investir, a gente não estava achando o pré-sal.

Bem, esse é um dado importante e a importância desse laboratório é por isso: esse laboratório não vai competir com nenhum outro. Ele vai, exatamente, pesquisar aquilo que ainda não foi pesquisado. Acho fantástico, e acho fantástico que tira 100% de proveito do bagaço da cana. Só não pode explorar e esmagar o consumidor da cana, produzido pela cana, mas o resto vocês podem fazer o que quiserem.

Bem, por que eu sou um otimista inveterado? Eu tenho conversado muito com os usineiros brasileiros e... Teoricamente não era para eu conversar, porque nem eles gostavam de mim e nem eu deles. Não é que não gostavam: eles tinham medo de mim e eu tinha medo deles. E quis que eu, estando na Presidência da República... ainda no Sindicato de São Bernardo, a história vai mostrar que quem primeiro levantou a ideia da renovação da frota verde foram os trabalhadores na crise de 1990, que os trabalhadores propunham que todos os governantes comprassem carro a álcool para poder incentivar a indústria automobilística. Uma indústria automobilística que tinha 90% de carro a álcool e dez anos depois foi reduzido praticamente a zero. E que agora voltou a produzir 90% de carro *flex fuel*, permitindo que o álcool volte a ser considerado um componente importante na matriz energética brasileira.

Eu fui agora a Copenhague, no debate do aquecimento global, e lá a discussão ficou muito visível, Serra, mas muito visível que muitos países, muitos países que são importantes no debate público não estão querendo discutir a sério a questão do clima. Por que o que estava em jogo em Copenhague? De um lado, você tinha os Estados Unidos da América do Norte, que não são assinantes do Protocolo de Quito, querendo não assumir compromisso na diminuição da emissão de gás efeito estufa. E aí facilitava a vida dos países europeus que queriam sair do Protocolo de Quioto, que



estabelecia metas.

Então, era um compadrio. E utilizavam como instrumento a Índia para justificar... a China para justificar: nós temos que mudar porque a China não vai fazer. Ora, querendo que os chineses fossem tão responsáveis pelo aquecimento global quanto eles que têm 200 anos de Revolução Industrial nas costas e que, portanto, é preciso pagar o preço.

Depois, eles queriam mudar uma outra coisa grave que era o acordo-quadro, que definia claramente quem era que ia financiar. Eles queriam tirar porque o acordo dizia quem tinha que financiar e nós dizíamos não, tem que ficar, porque todos nós temos responsabilidades iguais, ou melhor, todos nós temos responsabilidades diferenciadas nesse processo.

Todos nós temos que resolver o problema, todo mundo vai ser responsável, mas a responsabilidade tem que ser diferenciada. Quem poluiu mais, paga mais e paga mais pelo sequestro de carbono também. Ou seja, foi naquele debate que me deu muito mais certeza de que é inexorável, eu pensei que não ia conseguir falar a palavra inexorável porque tem palavra difícil que, de vez em quando, a minha língua enrola. Mas é inexorável o álcool se transformar na grande, na grande matriz energética na área de combustíveis. Eu penso que não existe outro caminho, de primeira geração, de segunda geração, de terceira geração, de quarta geração. Invente a geração que quiser. Cada uma que eles inventarem, nós vamos na frente, porque nós temos estrutura, temos disposição e temos cientistas preparados para fazer a competição em igualdade de condições. O que precisa é os países ricos transformarem os seus discursos em prática; comecem a colocar, efetivamente, o etanol na gasolina deles; cumprirem o Protocolo de Quioto, porque aí nós vamos dar o salto de qualidade que nós precisamos.

Eu fui a Juiz de Fora esses dias – a Dilma ficou aqui – inaugurar a primeira termelétrica a etanol. Ela é a gás e a etanol. Pois bem. Só a Petrobras tem mais umas sete ou oito que podem fazer a conversão. Mas, pasmem, pasmem: a turbina é uma turbina de um jumbão 747, que faz a termelétrica



funcionar. Ora, se a turbina de um avião 747 pode fazer funcionar uma termelétrica, significa que o etanol pode fazer um bichão daqueles subir com as mesmas garantias que faz hoje.

Agora, eu queria dizer para vocês que é com esse otimismo que nós trabalhamos a questão do clima, a questão da mudança da matriz energética no mundo. E também uma coisa fica clara: ninguém pode dar lição ao Brasil, ninguém. Hoje não existe, no mundo – e não é com soberba, não; é com muita humildade –, não existe no mundo ninguém que venha dar lição ao Brasil sobre a questão ambiental, sobre a questão do clima. Quem quiser vir dar, primeiro faça a lição de casa para depois discutir conosco em igualdade de condições.

Agora, tem uma coisa que eu queria, eu queria dizer para vocês. Nós estamos vivendo um momento em que o álcool está subindo de preço. Há várias informações, governador, não sei se você sabe de todas os argumentos. Alguns empresários argumentam que... e mesmo o meu Ministério da Agricultura, que como houve excesso de chuva, houve impossibilidade de cortar praticamente 60 (falha na gravação) de cana que estão ainda plantadas, que não vai estragar; vai utilizar para a próxima safra. Trabalha-se com a possibilidade de que a safra agora vai ser maior do que a do ano passado e que, portanto, então você vai ter excesso de cana, excesso de álcool. Portanto, o álcool vai baratear. Diz também que o açúcar, que a Índia está comprando muito, e que, portanto, o preço do açúcar aumentou muito, é responsável apenas pela queda de 4% da produção de etanol.

Eu quero dizer aos empresários que estão aqui, e aos cientistas, e ao Serra, e a mim, e aos ministros, que não pode ser assim. O álcool quase acabou neste país porque não havia seriedade, nem havia um ajuste de conduta entre os empresários, o governo, os produtores e a indústria automobilística. E quando a gente tenta fazer do etanol um componente da matriz energética, é preciso que a gente tenha seriedade. Portanto, eu pedi para o ministro Guido Mantega, e o ministro Reinhold Stephanes, na semana que vem fazer uma reunião com o setor. Porque se a gente passar para o



mundo a idéia de que não estamos dando conta sequer do nosso mercado interno, porque o açúcar subiu de preço, nós não iremos levar o álcool, como pensamos que vamos levar, para vender no mundo inteiro.

Quero dizer aqui, com muito carinho, aos meus amigos empresários: a gente não pode estar com um pé no céu e outro no inferno, tem que estar com os dois pés no céu de uma vez. Ou seja, não dá para que quando o álcool esteja com um bom preço vocês sejam empresários energéticos, ou do setor de energia, e quando é o açúcar que está bom vocês voltam a ser empresários da agricultura. Não. É preciso que a gente estabeleça – nós vamos discutir com muita seriedade e com muita serenidade –, porque todo o trabalho de publicidade que nós estamos fazendo para que os europeus, os japoneses e os americanos introduzam 3%, 10%, 15% de etanol na gasolina vai ruir quando eles perguntarem para nós se nós garantimos a oferta, se nós temos competência para atendermos o mercado. Essa certeza, ou a gente dá, ou, realmente, nós vamos voltar a ter uma cara de desconfiança, como eles tinham conosco há vinte anos. Nós, inclusive, no governo, vamos discutir o mercado regulador. Nem o mundo pode acreditar e nem o povo brasileiro, que acreditou no *flex fuel*, pode ficar vulnerável, até porque o álcool não é interessante ser colocado no carro se ele estiver... se ele custar mais de 70% do preço da gasolina. O equilíbrio, me parece, que é 70%. Acima de 70%, coloque sua gasolina porque o álcool está caro.

Então, nós fizemos um trabalho imenso, os empresários fizeram, o governo fez, a indústria automobilística fez, certamente os cientistas fizeram, os governadores fizeram, para que o etanol virasse um componente seguro da matriz energética na área de combustíveis. Se isso começar a falhar, todos nós perdemos. Não tem quem se salve nisso. E como eu acho que o etanol é uma coisa gratificante para este país, e que no momento em que o mundo morria de medo do fim do petróleo, a gente teve a competência de criar a política do Pró-Álcool, eu acho que a gente não tem que ter retrocesso.

E este laboratório está mostrando, ao pesquisar aquilo que a gente não



tem pesquisado em outro lugar, que a gente pode dar o salto de qualidade. Se é verdade aquilo que o governador Serra diz que de [19]75 para cá, de [19]70, a gente cresceu 40% na produção de tonelada por hectare, você imagina agora, utilizando o bagaço, a gente pode crescer os outros 40% (incompreensível) salto de qualidade (incompreensível).

E tudo isso porque um dia alguém teve coragem de investir em pesquisa neste país, porque um dia alguém acreditou na inteligência do povo brasileiro, e é isso que nós nunca mais poderemos deixar de acreditar. Dê oportunidade que este povo vai para a frente. E eu espero, Rogério, que você, que é a figura pública mais visível desse mundo intelectual de Campinas, da Unicamp, dos pesquisadores, cada vez que eu vier a Campinas “ah, vai ter uma reunião com o Rogério Cerqueira Leite”, então... Então, eu penso, Rogério, que você vai, você vai viver, vai viver para ver que nesses próximos dez ou 15 anos nós vamos dar um salto de qualidade neste país. E eu espero que este laboratório, este laboratório possa utilizar todo o potencial que ele tiver, e se for preciso, crescer mais do que ele já está crescido, para que a gente possa transformar o etanol no combustível mais apreciado e mais utilizado do mundo.

Parabéns aos companheiros do Laboratório, parabéns aos pesquisadores e parabéns ao povo de São Paulo e à cidade de Campinas.

Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de entrega da medalha 25 de Janeiro

São Paulo - SP, 25 de janeiro de 2010

Meu caro companheiro, vice-presidente da República, José Alencar,
Meu caro amigo e companheiro, governador do estado de São Paulo,
José Serra,

Meu caro prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab,
Ministro Luiz Barretto, do Turismo,

Deputado Barros Munhoz, presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo, por intermédio de quem cumprimento os demais deputados estaduais que estão aqui,

Deputados federais,

Vereadores,

Prefeitos da região metropolitana que estão aqui,

Vereadores,

Companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Receber a medalha 25 de Janeiro me deixa muito mais do que feliz, me deixa orgulhoso. Feliz, porque entendo esta homenagem como um reconhecimento, não ao cidadão Luiz Inácio Lula da Silva ou ao presidente da República, mas aos novos tempos que vivemos hoje no Brasil. Um tempo em que o governo federal, os governos estaduais e as prefeituras e capitais, pequenas e grandes cidades se unem para trabalhar em prol daquele que é a razão de existir dos governos e dos governantes: o povo deste país.

Esta medalha simboliza o sucesso de uma parceria que está acima dos interesses políticos imediatos. Ela é mais uma prova de que não há aliados ou



adversários quando o que está em jogo é a melhoria da qualidade de vida das pessoas, é o futuro de uma cidade, de um estado ou o futuro de um país.

E é assim, feliz e honrado, com reconhecimento, que quero dedicar esta medalha às diversas gerações de imigrantes que vieram de muitos países e dos mais diferentes cantos do Brasil, sobretudo do Nordeste, para ajudar a construir a grandeza desta extraordinária cidade. Da maioria deles jamais saberemos os nomes, mas é preciso ter consciência de que o concreto desta metrópole que os acolheu contém o suor de homens e mulheres que vieram de longe, deixando para trás terra natal, amigos e, muitas vezes, famílias inteiras.

Vieram como puderam, venderam o pouco que tinham, quem veio de longe, veio de navio, quem veio de perto, como eu, veio de pau-de-arara, outros vieram de ônibus... E chegaram munidos da força do trabalho e do sonho, ferramentas sem as quais São Paulo não teria se tornado o que é. Trouxeram também seus sotaques, suas manifestações culturais, seus diferentes modos de enxergar o mundo. Enriqueceram a diversidade desta grande metrópole. E assim São Paulo cresceu, não apenas do ponto de vista econômico, mas também e, sobretudo, do ponto de vista humano, e não há riqueza maior do que esta.

A verdade é que os imigrantes aprenderam a amar esta cidade, talvez por se reconhecer um pouco nas fachadas de espelhos dos edifícios modernos que ajudaram a erguer, nas indústrias que ajudaram a construir, nos comércios que ajudaram a abrir. Mas creio que eles amam esta cidade, sobretudo, porque São Paulo os recebeu com os braços abertos e se esforçou para dar a eles as oportunidades que buscavam.

Eu sou, como vocês sabem, apenas um desses imigrantes que chegaram um dia a São Paulo e aqui tiveram a oportunidade de construir uma vida digna e um futuro melhor. Aqui encontrei muitos de meus amigos e companheiros. Aqui ampliei meus horizontes, e sempre levarei comigo grandes recordações do período em que morei aqui.



É por tudo isso que hoje, mais de 50 anos depois de ter pisado pela primeira vez nas ruas da cidade, que ainda amo esta metrópole e seu povo com o entusiasmo de quem acaba de conhecê-los. Eu, meu caro prefeito Kassab, cheguei na cidade de São Paulo dia 13 de dezembro de 1952. Até então, eu tinha sete anos de idade. Não parei para morar em São Paulo, fui para Santos, onde morei até 1956 e depois retornei à capital paulista, em [19]56.

Aqui, eu fui morar na Vila Carioca, fui morar ali na frente do IBC, na rua Ouro Verde, 1.156, que dava enchente todo final de ano. Não é de hoje que dá enchente. Naquele tempo – eu trabalhava no Armazéns Gerais Columbia – a gente muitas vezes não ia trabalhar porque a Presidente Wilson enchia e, obviamente, que eu gostava porque eu não tinha que trabalhar naquele dia.

Depois eu mudei, Kassab, para um outro lugar, para me livrar da enchente, porque não era a Vila Carioca que enchia, era a Presidente Wilson. Eu me mudei para a Ponte Preta, ali, divisa da Vila Arapuá com São Caetano, ali na Vila São José. Mudei para uma casa novinha, Kassab, cheirava a tinta, isso no mês de junho. No mês de dezembro e janeiro peguei três enchentes, de entrar um metro e meio dentro de casa. E era engraçado, porque ia dando enchente, a gente ia jogando cascalho na rua e as casas iam ficando para baixo. As casas iam ficando cada vez mais para baixo da rua, e a gente fazia uma mureta, colocava uma porta de ferro, na perspectiva de que aquilo não fosse dar mais enchente. E a desgraça de uma enchente é que a outra é maior, e a água já aprendeu o caminho das pedras.

Aí, eu mudei para a Vila São José, em São Caetano, rua Padre Mororó, acho que era 148. No primeiro ano que eu mudei, meu caro Cláudio Lembo, uma enchente de um metro e meio dentro de casa. Aí eu mudei para o Jardim Patente. Sabe onde é o Jardim Patente? A parte alta, quando você vem pela Estrada das Lágrimas, que você passa a Ponte Preta, você sobe; ali é o Jardim Patente. Ali foi o primeiro lugar alto que eu morei, que não deu enchente no



tempo em que eu morei.

Depois eu fui morar no Parque Bristol, na rua Verão. Era uma pirambeira de barro, que você não queira nem saber o que era. Eu me lembro que em uma campanha, Serra, de 1974, se não me falha a memória – 1974 ou [19]72 – não sei qual é o político, foi lá na Vila... no Parque Bristol, onde eu morava, na rua Verão, e colocaram uma guia, colocaram poste, e que ia arrumar. Acabaram as eleições, recolheram tudo aquilo, Serra, e nós ficamos sem a guia e sem os postes.

Foi aqui em São Paulo que eu aprendi grande parte do que eu sei hoje. Não sei muito, mas aprendi aqui em São Paulo. E eu confesso a vocês que tem poucas cidades do mundo que oferecem o que São Paulo pode oferecer, em qualquer aspecto. De vez em quando a gente lê muito sobre a violência em São Paulo, no Rio de Janeiro, e a gente tem a impressão de que não tem coisa boa, e eu sou... tenho a convicção de que São Paulo tem muito, muito mais coisa melhor do que coisa ruim, e que, muitas vezes, as coisas boas não aparecem. Tem poucos lugares que oferecem a qualidade, a quantidade e a diversidade de comida que oferece São Paulo; de oportunidades de trabalho que São Paulo oferece; de cinema que São Paulo oferece; de cultura, como um todo, que São Paulo oferece. Tem poucos lugares do mundo que oferecem isso.

Então, eu sou grato à cidade de São Paulo, sou grato à cidade de São Paulo, porque foi aqui que eu tive o meu primeiro emprego, foi aqui que eu vesti meu primeiro macacão, foi aqui que fundei um partido e, portanto, eu só tenho que agradecer a São Paulo.

Eu, Kassab, quero, em público, reconhecer minha gratidão pelo fato de você ter me condecorado com esta Medalha 25 de Janeiro. E queria, Kassab, que nós assumíssemos um compromisso de que a gente pudesse dar um presente a São Paulo. Eu dizia para o Kassab, agora há pouco, que nós precisamos – o governo federal, o governo estadual e o governo municipal –



não apenas com relação a São Paulo, mas com relação às regiões metropolitanas deste país, eu acho que está na hora de a gente sentar e tentar encontrar uma alternativa definitiva para resolver o problema das enchentes, para resolver o problema da saúde, para resolver o problema do transporte e o problema da segurança.

Não é culpa do prefeito, do governador ou do presidente individualmente. Possivelmente, seja culpa de todos nós, que precisamos sentar com muito mais gente, e a gente tentar oferecer uma alternativa para melhorar a qualidade de vida desse povo, que sofre todo ano, todo ano. Pode ser o prefeito do PT, do PC do B, do PSDB, do DEM, pode ser... Todo ano vai ter enchente em São Paulo se a gente não tomar uma atitude de saber que custa caro a gente começar a mudar essa situação.

Nós vamos apresentar, agora, dia 26 de março, um novo PAC para 2011-2015, porque nós precisamos colocar dinheiro no orçamento e eu gostaria imensamente, Kassab, que o prefeito da cidade de São Paulo estivesse presente, para que a gente pudesse definir quais as coisas prioritárias para a cidade de São Paulo. Eu tenho a convicção de que fazendo alguma coisa em São Paulo, a gente está fazendo pelo Brasil inteiro. É bem possível, que nem todo paulista, Serra, conheça o Brasil, é bem possível que nem todo paulista conheça o Brasil. Mas eu acho difícil que tenha um brasileiro que não conheça São Paulo.

Muito obrigado, Kassab, e parabéns!

(\$211A)



Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante solenidade de entrega do prêmio Fernando de Azevedo – educador do ano 2009 – ao ministro da Educação, Fernando Haddad

Rio de Janeiro – RJ, 25 de janeiro de 2010

Antes de ler o meu pronunciamento aqui, eu queria avisar ao João Guilherme Ripper, que é o diretor da sala em que estamos aqui – e esse pedaço do meu discurso aqui era do Sérgio Cabral, ele esqueceu na mesa – então é só para avisar, João Guilherme, que essa sala vai entrar em reforma assim que for concluída a reforma no Teatro Municipal, e o Sérgio Cabral vai investir um recursinho aqui para recuperar o brilhantismo e ajudar a nossa secretária da Cultura, Adriana Rattes, a cumprir com os seus compromissos com a cultura do Rio de Janeiro. E do discurso do Sérgio Cabral, vou ler o meu agora. O meu está grosso.

Primeiro, cumprimentar o Sérgio Cabral,
Cumprimentar o Fernando Haddad,
Os deputados Chico D'Angelo e Luiz Sérgio,
Nosso querido companheiro Eduardo Paes, prefeito do Rio de Janeiro,
O acadêmico Carlos Alberto Serpa de Oliveira, na pessoa da qual saúdo os demais acadêmicos imortais,
A acadêmica Terezinha Saraiva,
Os nossos queridos familiares do Fernando Haddad,
Convidados e amigos da imprensa,

Eu penso que ninguém melhor do que vocês que formam a Academia sabem da centralidade que a educação deve ocupar no conjunto das políticas públicas de uma nação que tem por objetivo reduzir suas desigualdades sociais e regionais e viver um longo período de desenvolvimento sustentável. E é



exatamente por esse motivo que me sinto honrado e orgulhoso de ver o companheiro Fernando Haddad ser escolhido por unanimidade como o educador do ano. Eu penso que essa homenagem reafirma a convicção minha e de outros companheiros quando resolvemos, em um momento difícil, chamar o Fernando Haddad para assumir o Ministério da Educação. Eu vou, Fernando, dispensar o meu discurso, pedindo (incompreensível) para colocar ele no lugar. Não era possível falar bem do Fernando Haddad por escrito.

Mas uma coisa eu queria dizer para vocês aqui da Academia: a política talvez seja a única ciência que a gente precisa um pouco mais do que a escola para aprender a exercitá-la. Imaginem vocês se um ministro da Educação, tendo como presidente da República um torneiro mecânico, resolvesse em vez de discutir educação com o presidente, fizesse o que muitas vezes se fez no Brasil. O ministro constrói uma tese e aquela tese ele tenta impor ao governo como se fosse um programa de governo, não discutido com ninguém, mas apenas uma tese que cairia assim que o ministro deixasse de ser ministro.

Quando nós resolvemos discutir o PAC da Educação, e está aqui parte da equipe do companheiro Fernando Haddad, nós, ao terminar a discussão do PAC, a gente poderia dizer que nós tínhamos um programa de educação feito a milhares de mãos, construído pela sociedade, inclusive com forte participação da própria Conferência de Educação. Quando o Fernando Haddad não for mais ministro, certamente quem entrar vai ter que concluir um programa que não é dele, mas que foi construído por grande parte dos educadores brasileiros. Seria diferente.

Quando nós construímos o PAC da Ciência e Tecnologia, que nós decidimos colocar R\$ 41 bilhões de 2007 a 2010, eu jamais imaginei ter presenciado na direção da SBPC um programa de Ciência e Tecnologia ser aprovado por unanimidade em uma plenária com mais de 200 cientistas e pesquisadores brasileiros. E eles diziam exatamente a mesma coisa: “Esse programa não é do governo Lula, esse programa não é do ministro tal. Esse é



um programa feito pela comunidade, portanto, é um programa feito pelo País. Qualquer um que entrar, vai ter que cumprir esse programa”.

Qual foi a grande revolução que aconteceu nesses últimos anos? É que o Fernando Haddad é o tipo de gente que ele pode até encontrar argumento para dizer que uma coisa, que é proposta por um presidente ou por um amigo dele do ministério ou por um outro companheiro ministro, não seja séria, não seja séria, não seja importante, vamos dizer assim, mas jamais o Fernando deixará de discutir e de tentar convencer, argumentando e provando que ele está certo. Ele não tem a tese pronta na cabeça e esse é um defeito de muita gente no Brasil. Ou seja, o defeito de você não saber, mas não permitir que os que sabem mais do que você falem, e não ter capacidade de escutar.

O ProUni poderia ter sido colocado em prática antes até. Eu não queria nem... Nunca tinha ouvido falar no ProUni. O que eu queria é que a gente utilizasse um jeito de financiar para que os pobres da periferia pudessem fazer universidade. Eu, na verdade, imaginava utilizar o dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e, de repente, me trazem à minha mesa a proposta do ProUni, que teve resistência no começo, muita, mas muita resistência no começo, e que nós conseguimos vencer todos os obstáculos e hoje é um programa de notável sucesso.

Eu não sei se em algum momento da história do Brasil, a gente teve tanto pobre fazendo universidade e, dentre esses pobres, tantos negros fazendo universidade neste país. Não é fazendo apenas Letras, porque muitas vezes sobra para o pobre na universidade particular o cursinho mais barato. A gente não vai pelo que quer fazer, a gente vai pelo que pode pagar.

E dessa vez, vocês estão vendo os pobres fazendo Medicina, fazendo Engenharia, fazendo todos os cursos que eles têm direito de escolher como qualquer outro cidadão brasileiro. Uma outra coisa em que o Fernando tem uma importância extraordinária é na questão do Reuni. Muitas vezes, a gente chega em casa, um adolescente, o prato está feito, a comida está na mesa, e



ele reclama: “Ah, não estou gostando. Não tem outra coisa?”. Ele não sabe o sacrifício que a mãe fez, não sabe do dinheiro que faltou para comprar os condimentos para a comida, não sabe nada. Ele só reclama.

O ProUni... Tinha uma elite da educação brasileira que não queria que a gente fizesse o Reuni. Inclusive, estudantes travestidos de esquerda. Você está lembrado quantas reitorias foram quebradas neste país, porque alguém achava que colocar 18 alunos em média, por sala de aula, era muito. Era poluir o ambiente educacional de uma sala de aula com 18 alunos. E foi quase que na marra que foi aprovado o Reuni, que hoje é um sucesso, já dobrando, praticamente, o número de vagas existentes nas universidades federais.

Eu acho, Fernando, eu lembro... Você ainda não era ministro, mas já estava pensando em ser, e o Tarso ainda não era candidato no Rio Grande do Sul, mas já estava pensando em ser, quando nós discutimos com a Suely Druck aqui a Matemática, a Olimpíada da Matemática. Parecia impossível a gente fazer Olimpíada da Matemática no Brasil porque, até então, só tinha em escola particular, praticamente. Nós tínhamos 274 mil alunos participando da Olimpíada da Matemática, a Argentina tinha um milhão e não sei quantos, os Estados Unidos, seis ou nove milhões. E nós tínhamos dúvidas se as crianças pobres das escolas públicas iriam participar das Olimpíadas da Matemática.

O Fernando sabe, a nossa Suely está aqui, que hoje a Olimpíada da Matemática, talvez, nem a China tem uma do tamanho da nossa. Hoje... Este ano foram quantos? Dezenove milhões? Nós tínhamos 274 mil alunos que participavam das Olimpíadas da Matemática, no ano passado se inscreveram 19 milhões e 300 mil crianças para participar da Olimpíada da Matemática. Eu recebi a fotografia dos três gêmeos, lá da Paraíba, e uma coisa fantástica é que a Olimpíada da Matemática é um dos grandes fomentadores das crianças estudarem. Ou seja, as crianças se preocupam em estudar para participar da Olimpíada da Matemática. Já fizemos uma de Português, este ano fazemos a



segunda. É isso, Fernando? A primeira, foi no ano passado. E a primeira de Ciências, quando é que vai ser?

Bem, o que eu quero dizer é que, Fernando, quem vier assumir o Ministério depois de você, uma coisa que está colocada como coisa sagrada é que mudou o patamar da educação no Brasil. As pessoas vão ter que fazer muito mais. Primeiro, vão ter que cumprir tudo que já está aprovado em lei. E, depois, as pessoas vão ter que fazer muito mais. Porque, qual era o problema do Brasil? O problema do Brasil é que nós tivemos presidentes da República que ficaram um mandato inteiro sem construir uma única universidade neste país. Tivemos presidentes da República que ficaram mandatos inteiros sem construir sequer uma escola técnica profissional.

Então, um país que estava atrofiado economicamente, estava se atrofiando intelectualmente e, do ponto de vista educacional, já se dava de barato que só podia estudar quem podia pagar mesmo. Quem não podia... terminasse apenas o ensino fundamental e fosse procurar um emprego para trabalhar, e, se tivesse sorte, chegaria a torneiro mecânico. Era isso, esse país que era pensado assim. E o Fernando sabe que a primeira grande discussão que nós fizemos no governo, já na gestão dele, é de que a gente não poderia utilizar a palavra “gasto”, em Educação. Dentro do governo, acabar com a palavra “gasto” na Educação, e a palavra agora é “investimento”. É investimento na Educação, para que a gente não tenha dó de colocar dinheiro.

E eu acho que o Fernando tem essa grandeza. Primeiro, de ter a competência. Segundo, ter a grandeza de ter ouvidos. Ter a grandeza de passar horas e horas e horas, dias e dias no Congresso Nacional, conversando com deputado, conversando com senador, tentando mostrar. Quantas reuniões nós fizemos sobre a DRU para convencer o pessoal da Fazenda que era importante a gente acabar com a DRU. Quantas? É um processo de convencimento e ele tem, eu diria, uma extraordinária competência. Primeiro,



de montar a equipe. Depois de montar a equipe, de executar as políticas determinadas.

Então, eu queria dizer aos meus queridos e queridas amigas da Academia de que vocês deram um prêmio, eu diria, justo a um homem que fez por merecer e que vai marcar a história da Educação no nosso país. O Brasil nunca mais voltará a ser o país que pensava pequeno na Educação, como pensou durante décadas e décadas. Nunca mais. Hoje, quando a gente visita uma cidade, os prefeitos não reivindicam outra coisa, já não tem mais gente fazendo protesto “fora FMI”, “fora não-sei-das-quantas”. Hoje, o que a gente encontra são estudantes com faixas na rua, pedindo uma extensão universitária para a sua cidade, ou uma escola técnica, ou um Ifet. Na verdade é isso que as pessoas estão reivindicando. Quando um povo começa a reivindicar educação e sala de aula significa que mudou o padrão de comportamento da sociedade, e isso nunca mais, nunca mais terá volta. Nunca mais.

Então, Fernando, parabéns pelo prêmio, viu. Quero te dizer, de coração, que eu acho que você merece. Você poderia ter ganho no ano passado, você poderia ter ganho no ano retrasado, mas eu acho que o pessoal, com a sua sabedoria, de tanta experiência, resolveu [esperar] você ficar mais maduro, para você poder ganhar o prêmio, eu diria, em uma situação privilegiada que o Brasil está vivendo. Não é boa, mas eu penso que muitos desses senhores e senhoras que estão aqui não viveram um período em que autoestima desse povo está como nunca esteve. Eu estou com 63 anos de idade, eu nunca vi o povo brasileiro acreditar tanto em si, como ele está acreditando neste momento. E nós não temos o direito de fracassar, não temos o direito. E, portanto, esse prêmio veio na hora certa, no ano certo e, ainda mais, como presente de aniversário.

Parabéns pelo prêmio, e parabéns pelo teu aniversário!

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante cerimônia de inauguração de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e creche na comunidade Entre Rios, da colônia Juliano Moreira

Rio de Janeiro – RJ, 25 de janeiro de 2010

Eu vou ser muito breve porque não é justo vocês continuarem tomando essa chuva. Olhem, o secretário Jorge Bittar e o Prefeito me disseram que todas essas obras que vocês viram aqui na televisão, tudo isso vai inaugurar até o final do ano. Na verdade, isso já poderia estar muito mais adiantado se o prefeito anterior não tivesse guardado o dinheiro em vez de fazer a obra. Eu penso que uma coisa que é sagrada é que a parceria que nós estamos construindo com o Sérgio Cabral e com o Eduardo Paes aqui, no Rio de Janeiro, não tem mais lugar para intriga, não tem mais lugar para briga pequena, porque quando dois políticos brigam quem perde é o povo e nós não queremos. Ou seja, nós não queremos que o Rio de Janeiro deixe de recuperar o tempo perdido.

Eu, pessoalmente, Eduardo, quero assumir o compromisso de que no final do ano, Bittar, você nos convide, talvez o Sérgio Cabral não possa vir aqui porque vai estar em campanha, talvez a Dilma não possa vir porque vai estar em campanha, mas nós dois não estamos em campanha, a gente vem aqui para inaugurar, para recuperar esse espaço. Sobretudo uma coisa que me deixou muito feliz, Bittar, é a questão da creche que a Dilma falou, tem dois pavilhões. A primeira coisa que aconteceu comigo é que eu ia entrando em uma creche, uma mulher falou: “Presidente, eu não consegui vaga nessa creche”. Pois bem, então ainda este ano ela vai conseguir vaga nas outras creches para colocar a filha dela, o filho dela, para que as mulheres tenham mais liberdade.

Gente, olha, que Deus abençoe todos vocês. Eu acho que nós íamos fazer uma festa grande aqui, mas não deu, fica para outra vez. Um abraço.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(S211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a
cerimônia de comemoração dos 10 anos do Fórum Social Mundial**

Porto Alegre - RS, 26 de janeiro de 2010

Meus companheiros e minhas companheiras,

Eu queria começar cumprimentando o companheiro Olívio Dutra, ex-governador do estado do Rio Grande do Sul,

Queria cumprimentar a ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Queria cumprimentar o ministro da Justiça, Tarso Genro,

Queria cumprimentar o ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República, o companheiro Luiz Dulci,

Queria cumprimentar o companheiro Edson Santos, de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

Queria cumprimentar o companheiro Altemir Gregolin, ministro da Pesca e Aquicultura,

Queria cumprimentar o companheiro Paulo Vannuchi, ministro dos Direitos Humanos,

Queria cumprimentar o deputado estadual Ivar Pavan, presidente da Assembleia Legislativa do estado do Rio Grande do Sul,

Queria cumprimentar o companheiro Jaques Wagner, governador do estado da Bahia,

Queria cumprimentar o senador Paulo Paim e a senadora Ideli Salvatti,

Cumprimentar os deputados federais Beto Albuquerque, Fernando Marroni, Henrique Fontana, Manuela D'Ávila, Marco Maia, Maria do Rosário, Paulo Roberto Pereira, Paulinho, da Força Sindical, Pepe Vargas, Vieira da Cunha,

Quero cumprimentar o companheiro, prefeito de Porto Alegre, José Fogaça, que tem contribuído muito para este Fórum,



Quero cumprimentar a companheira Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar o companheiro Cândido Grzybowski, coordenador do Fórum Social Mundial, por meio de quem cumprimento todos os delegados participantes do Fórum,

Quero cumprimentar o companheiro Artur Henrique, presidente da Central Única dos Trabalhadores,

Quero cumprimentar a Lilian Celiberti, coordenadora de Articulação Feminista do Mercosul, por meio de quem cumprimento todos os participantes estrangeiros deste Fórum,

Minhas amigas e meus amigos,

É com grande satisfação que estou aqui hoje na abertura desta conferência, para conversar com vocês sobre um tema essencial para a democracia e para o exercício da cidadania: a comunicação social.

Companheiros e companheiras,

Eu venho a este Fórum com a mesma vontade, com a mesma disposição com que eu vim aqui em janeiro de 2003, quando tinha apenas poucos dias na Presidência da República. Naquele tempo, o Fórum também era o início de uma experiência de organização da sociedade civil para reivindicar, para propor e para lutar no mundo inteiro, na perspectiva de que nós poderíamos apresentar a ideia de que um novo mundo era possível, um novo Brasil era possível, uma nova América do Sul era possível, uma nova América Latina era possível.

Já se passaram dez anos e o Fórum continua intacto, mais maduro, mais calejado, mais senhor do conhecimento das dificuldades entre reivindicar e conquistar, entre propor e lutar, e entre fazer dos nossos sonhos as conquistas que a sociedade tanto reivindica e tanto quer.

Nós sabemos, depois que chegamos ao governo, que há uma diferença fundamental entre o que um governante sonhou a vida inteira e o que um



governante conseguiu realizar no seu governo. Eu digo sempre, porque isso serve de lição para quem vier depois de mim. Serve para o Pepe Mujica, serve para o Mauricio Funes, em El Salvador, serve para o Evo Morales, para o Rafael Correa, para o presidente Chávez e para todos que ao longo do tempo vão se sucedendo na presidência de países importantes aqui na América Latina.

Eu estou convencido de que nós vivemos um momento excepcional na política da nossa querida América do Sul, na política da América Latina. Eu estou convencido de que nós, em todos os países, com mais avanço ou com menos avanço, demos passos importantes na consolidação da democracia no nosso continente. E sei também que nós precisamos fazer muito mais, e outros que vierem [depois] de nós vão precisar fazer muito mais. E quanto mais nós fizermos, mais a sociedade vai conquistar espaço democrático, mais a sociedade vai se organizar e mais a sociedade vai reivindicar. Tem gente que acha que isso é ruim. Eu acho que a razão pela qual a gente chega ao governo de um país é para criar uma outra relação entre Estado e sociedade, entre governo e movimento social organizado.

Tem gente que se incomoda com o debate. No meu governo, nós já fizemos 60 conferências, de todos os movimentos sociais. Não há, até agora, um único movimento que não teve uma conferência nacional, com conferências municipais, conferências estaduais e conferência nacional.

Eu me lembro, minha querida companheira, quando eu participei da conferência do GLTB [LGBT] no Brasil. Eu me lembro das inquietações, eu me lembro das preocupações de se o presidente da República deveria participar de um encontro daquela magnitude. Tinha gente que tinha até medo que algum militante do GLTB [LGBT] pudesse se aproximar de mim para tirar uma foto. E eu me lembro que eu fui com a minha mulher ao encontro e lá eu ouvi coisas extraordinárias que serviram de lição de vida para mim. Quando as pessoas perguntavam: “Se eu sou marginalizada porque eu tenho uma opção sexual diferente, por que na hora de votar, não recusam o meu voto? Ou na hora de



pagar Imposto de Renda, não recusam o meu imposto, se eu sou diferente?”

Tem gente que acha que democracia é um pacto de silêncio, quando a democracia é a capacidade que a gente tem de produzir muitas manifestações, por milhões de bocas, para que a gente vá, a cada dia, construindo as conquistas de uma sociedade que, no final, se consolidará na democracia que todos nós queremos que aconteça no nosso país e no mundo.

Estou aqui e daqui vou para Davos outra vez, igualzinho eu fiz em 2003: saio daqui e vou a Davos. Eu tenho consciência de que Davos já não tem mais o *glamour* que eles pensavam que tinha em 2003. O sistema financeiro já não pode desfilas como sendo um modelo exemplar de gerenciamento do sistema financeiro, porque acabou de provocar a maior crise mundial dos últimos anos, por irresponsabilidade gerencial, administrativa e de concepção. Mas vou lá, vou lá com o orgulho de quem tem o que dizer, vou lá com orgulho para mostrar... porque se é verdade que em 2003 o grande medo espreado pelo mundo era de que o presidente Lula não conseguiria governar este país, não tinha qualificação, e que não conseguiria montar o governo, eu vou, humildemente, dizer para eles que foi um torneiro mecânico, governando este país, o que fez mais universidades na história deste país e o que mais criou escolas técnicas profissionais.

Vou lá para dizer para aquelas pessoas que é possível a gente mudar a história de cada país. Vocês não sabem a angústia com que eu estava aqui, em 2003, quando eu via um companheiro levantar uma faixa pedindo para que a gente rompesse com o FMI, e o orgulho que hoje eu sinto de ir lá e dizer: não apenas não devemos ao FMI, como ele nos deve US\$ 14 bilhões, que nós emprestamos para eles durante a crise mundial. O orgulho de dizer para eles que neste país, certamente sabedores de que precisamos fazer muitas coisas, nós temos hoje, possivelmente, a mais consolidada política de inclusão social do nosso Planeta. E sabemos que falta muita coisa, sabemos que, quem sabe, precisamos de mais oito, dez, 15, 20 anos, quem sabe uma geração inteira para recuperar o desmando de dezenas de gerações a que este país e a que a



América Latina foram... mantidas no esquecimento.

Mas se nós olharmos o significado das coisas que estão acontecendo no Brasil, nós vamos perceber que não apenas é possível consolidar um outro Brasil, como é possível consolidar uma outra América Latina, como é difícil [possível] consolidar uma outra fábrica [África]... uma outra África. Vamos pegar, por exemplo, o que está acontecendo no Haiti. Eu deveria ter começado a minha fala pedindo um minuto de silêncio para as vítimas do Haiti, mas deixei para falar do Haiti no meio da minha fala, porque o que está acontecendo no Haiti é mais do que descaso. O que estava acontecendo no Haiti, até então, era falta de respeito ao mínimo direito sagrado da cidadania a que um ser humano tem direito.

O Brasil está lá há cinco anos com a Força de Paz. Aqueles que criticavam a Força de Paz do Brasil no Haiti e tiveram a oportunidade de ir ao Haiti para ver o trabalho que as nossas Forças Armadas faziam... lá dentro do Congresso Nacional aprovamos o envio de mais 900 soldados brasileiros, porque nós ensinamos ao mundo como é que uma Força de Paz pode ser uma Força de Paz sem ter ingerência nas decisões políticas ou praticar violência contra os inocentes que moram naquele país.

Nós estamos há cinco anos. Não tem uma reunião de que eu participe, no mundo, que eu não reivindique o direito dos países doadores de darem o dinheiro para os companheiros do Haiti. São bilhões prometidos, mas esse dinheiro não chega, ora porque não se confia no governo, o dinheiro chega via ONG, a pretexto de que o governo não tem condições de executar; e ora o dinheiro não chega. O dado concreto é que embora estejamos a chorar, não sabemos ainda se 150 mil mortes ou 200 mil mortes – ainda que fosse uma –, todos nós deveremos estar indignados de [com] o mundo desenvolvido, que é responsável pelo que aconteceu no Haiti. Não podemos esquecer que foi o primeiro país negro do mundo a conquistar a sua independência, em 1804. E depois de conquistar a sua independência, três vezes esse país foi, na verdade, tendo a sua independência solapada por ocupação americana,



ocupação francesa e ocupação inglesa.

O dado concreto é que agora esse terremoto talvez mexa com a vergonha dos seres humanos que governam este Planeta, para que a gente possa fazer no Haiti agora aquilo que poderíamos ter feito 30 anos atrás, 40 anos atrás ou ter feito dez anos atrás, quando começamos a discutir a democracia do Haiti. E uma coisa eu quero dizer para vocês: o Brasil fará a sua parte. É motivo de orgulho, meu caro Cândido, meu caro Artur, a quantidade de brasileiros que querem se inscrever para prestar serviço de solidariedade ao Haiti, e nós não estamos mandando porque não podemos criar uma desordem de solidariedade no Haiti, se a gente não tiver estrutura para receber as pessoas, e depois criar as condições para que as pessoas possam executar a sua função lá dentro.

Nós, inclusive, no dia 25 do mês que vem eu estarei passando no Haiti e, possivelmente, em 30 dias a gente construa uma Unidade de Pronto Atendimento, de quase 2.160 metros quadrados, para atender o povo daquele [país], junto com o hospital de campanha da Aeronáutica que está assistindo as pessoas. E vamos querer levar médicos brasileiros para prestar solidariedade, para ficar um mês, para ficar dois meses, três meses, quatro meses, fazer um processo de revezamento, para que a gente possa dar àquele país a oportunidade de aquele país se desenvolver e virar um país soberano e um país com democracia consolidada.

Mas não é apenas o Haiti. O Brasil hoje tem uma política voltada para a África, que eu penso que nós nunca tivemos em 500 anos de história do Brasil. Antigamente, os governantes brasileiros olhavam para a Europa, fingiam que o continente africano era apenas uma mancha no meio do Planeta, e fingiam que ali existia quase 700 milhões de seres humanos, parte deles que ajudaram a construir a nossa cor, a nossa cultura, a nossa gente e, portanto, o Brasil precisa, o Brasil precisa... porque não é uma dívida paga em dinheiro; é uma dívida paga em solidariedade, em gesto.

Por isso temos política de solidariedade, por isso abrimos o escritório da



Embrapa em Gana, para que a gente possa estudar o solo africano. E já chegamos à conclusão de que a potencialidade de produção da savana africana é a mesma potencialidade de produção do Centro-Oeste brasileiro, e a gente pode contribuir para que a África se transforme em um país exportador de alimento e em um país que produza a autossuficiência para alimentar o seu povo. E para isso brigamos na OMC, para que o mercado europeu abra para os produtos agrícolas africanos, para que eles possam ter mercado para produzir e para vender, e que se acabe, de uma vez por todas, com o subsídio dos países ricos que, cada vez mais, são responsáveis pelo empobrecimento dos países pobres.

Era muito fácil falar de livre comércio, era muito fácil falar de livre comércio, quando só eles poderiam vender; era muito fácil falar de livre comércio, quando só eles poderiam exportar. O livre comércio, para os países ricos, era eles mandarem os seus produtos para dentro dos países pobres. Mas quando se trata de falar de exportação e de livre comércio, mandando os produtos dos países pobres para o mundo rico, aí eles criam os subsídios que tanto eles criticavam que nós criávamos aqui há tão pouco tempo. Por isso não conseguimos concluir o acordo da Rodada de Doha, no final de dezembro do ano passado, quando estivemos muito próximos, e não construímos [concluimos] por causa de uma divergência entre Índia e Estados Unidos. O dado concreto é que enquanto não for feito o acordo, os países mais pobres do mundo estarão subordinados à lógica de subsídio dos países ricos que, muitas vezes, pagam para um cidadão que tem dez ou 12 vacas, o equivalente ao que um brasileiro não ganhará a vida inteira trabalhando, apenas para manter o homem no campo.

Agora, em Copenhague, a minha querida companheira Dilma esteve comigo. Eu já estava cansado, meu caro Cândido, de ver gente dar palpite na política brasileira, porque durante muito tempo tem um tipo de gente que acha que porque é desenvolvido, pode chegar aqui no Brasil e ditar regras, dizer o que a gente tem que fazer, dar palpite. Pois bem, nós fomos para Copenhague



com a decisão mais séria e mais consistente de todos os países que foram a Copenhague. Nós levamos uma proposta de, até 2020, a gente diminuir a emissão de gases de efeito estufa entre 36% e 39%, e diminuir o desmatamento da Amazônia em 80%, até 2020.

Ora, isso pegou os países ricos de surpresa porque, o que estava em discussão em Copenhague? Em Copenhague estava a seguinte discussão: os Estados Unidos não são assinantes do Protocolo de Quioto e, portanto, eles não têm compromisso de redução de metas [metas de redução]. E a União Europeia queria se livrar do Protocolo de Quioto para se livrar do compromisso das metas de redução. E Estados Unidos e Europa se juntaram para tentar jogar a culpa em cima da China. Por outro lado, a Europa também queria mudar uma coisa chamada Acordo-Quadro, que era o acordo que estabelecia a política de financiamento, e também tentava jogar a culpa em cima da China. Tudo isso a pretexto... porque a proposta americana é uma proposta em que eles estão se propondo a reduzir 17% a partir de 2005 [em relação a 2005]. Mas se eles pegarem a data do Protocolo de Quioto e pegarem a data-base, 1990, a proposta americana é de apenas redução de 4% até 2020.

Ora, o que nós entendíamos, o que é que nós entendíamos? Nós queremos responsabilidades comuns, mas diferenciadas. Se um país está poluindo o mundo há 200 anos, não é justo que um país que está poluindo há dois anos pague a mesma conta que aquele que está poluindo há 20 anos. Não é possível que não se queira discutir o padrão de consumo da Humanidade. Não é possível que não se tenha uma política correta de compensação para os países mais pobres.

No caso do Brasil, para que a gente cumpra o nosso compromisso, nós vamos ter que investir – quantos bilhões, Dilminha? – 60... US\$ 16 bilhões. Vejam, para que a gente cumpra a nossa meta, nós, sozinhos, vamos colocar mais do que os países europeus prometeram agora e mais do que os Estados Unidos prometeram. E nós dissemos: não basta tratar essa questão como se fosse esmola; vocês estão fazendo um favor de pagar pelo sequestro de



carbono. Não. Vocês têm que pagar porque vocês emitiram gases de efeito estufa e agora é preciso sequestrar isso, e vocês têm que dar dinheiro para os países mais pobres. Não é favor.

E agora nós vamos ter que resolver isso no México. Este ano ainda vai ter um encontro no México e nós vamos ter que resolver. E cada um vai ter que dizer o seguinte: “Eu vou limpar a minha sujeira”. Ninguém precisa ajudar o Brasil a limpar a dele, ninguém precisa ajudar nenhum país... cada um trate de limpar a sua, que a gente já dá conta de cumprir as metas corretas para que a gente possa despoluir o planeta Terra.

Mas, companheiros e companheiras, essa é uma discussão, meu companheiro Cândido, meus companheiros da mesa, que ainda levará algum tempo. A única coisa que as pessoas vão ter que ter certeza é que nós estamos iguais ou tão preparados como eles para o debate e não aceitamos mais que alguém coloque o seu dedo sujo de óleo diesel no combustível limpo produzido neste país, que tem a sua matriz mais extraordinária. E para que eles saibam, essa semana eu fui a Juiz de Fora inaugurar a primeira termelétrica a etanol do mundo, com uma turbina feita do avião 747. Pois bem, então agora, o mundo, se quiser se ver livre do óleo diesel ou do óleo combustível, que são grandes emissores de gases de efeito estufa e que não sequestram carbono nenhum, pode começar a pensar em mudar a sua matriz energética na área de combustível ou na área de energia, e copiar o modelo do Brasil.

Portanto, meu caro Cândido, nós estamos prontos para o debate sobre a questão do clima no Brasil, na América do Sul e no mundo, e a única coisa que nós queremos é trabalhar em igualdade de condições. Não somos melhores do que ninguém, não somos piores do que ninguém; não somos mais espertos do que ninguém, nem menos espertos. Nós apenas queremos que a soberania de cada país e os interesses estratégicos de cada país sejam respeitados e sejam levados em conta.

Uma outra coisa que este Fórum precisa discutir... eu acho importante,



Cândido... eu vou dizer uma coisa para vocês que eu já disse uma vez. Eu vou dizer outra vez, ousar dizer neste Fórum aqui. Eu acho que este Fórum, ao terminar este encontro aqui, vocês deveriam... não precisa ter dez decisões porque, em política, quem tem dez não tem nenhuma, quem tem vinte não tem nenhuma, ou seja, é tanta decisão, que a gente não sabe qual vai encaminhar primeiro. Agora, eu acho que vocês deveriam tomar uma decisão: dedicar, dessa data em que terminar este Fórum até a data do próximo Fórum, um ano de solidariedade de todos os participantes do Fórum ao povo, na reconstrução do Haiti, que, quem sabe, a gente possa ensinar como fazer muitas coisas que tem lá. Porque não tem nada pior do que a gente terminar uma reunião como esta, fantasticamente representativa, com aquilo que tem de melhor no movimento social, com um “catatau” de decisões desse tamanho, coloca no nosso criado, na nossa mesinha de cabeceira ou na nossa gaveta, na sala, ou na nossa entidade, e nunca mais a gente pega para ler. Ou seja, a gente termina não produzindo os efeitos das coisas boas que nos motivaram a vir a um fórum como este.

E quero, meu querido Cândido, para terminar a minha fala, dizer para você que vou, eu vou a Davos com outra missão. Eu quero mostrar que se o mundo desenvolvido tivesse feito a lição de casa em Economia, a gente não teria tido a crise econômica que nós tivemos no ano passado. A irresponsabilidade com que o sistema financeiro era manuseado no mundo inteiro, sem nenhum controle... porque vocês estão lembrados que quando era o Uruguai, quando era a Argentina, quando era o Brasil, quando era a Venezuela, quando era o Paraguai, quando era um país latino-americano que devia US\$ 5 bilhões para o FMI, nós cansávamos de ver gente dar palpite do que a gente tinha que fazer. E aí eu lembrava de um ditado popular (incompreensível): “a dor dói no pé de quem tem calo”. Mas eles se esqueceram de olhar para o nariz deles e ficaram olhando para o nosso.

O Fórum de Davos não discutiu em nenhum momento a crise, isso significa que eles não sabiam que iam ter crise. O governo americano não



sabia que ia ter crise, apesar de ela estar anunciada. Então, todo mundo foi pego, eu diria, como se não estivesse preparado. E quando eu disse, aqui no Brasil, que essa crise para nós é uma marolinha, ela vai chegar por último e ela vai sair primeiro, nós fomos criticados e detonados.

O resultado está aí. A Europa, no ano passado, teve uma queda de sete milhões de postos de trabalho. Os Estados Unidos, no ano passado, tiveram uma queda de mais de sete milhões de postos de trabalho. E neste país, no ano passado, nós criamos 945 mil empregos só no setor produtivo, e com carteira assinada. Se pegar o setor público, nós ultrapassamos 1 milhão de empregos, em um ano em que o mundo inteiro estava em crise.

E se nós criamos, em 2009, mais de 1 milhão de empregos, se prepare, Paim, para a quantidade de empregos que nós vamos criar este ano, em que a economia está acertada, os programas estão funcionando. E agora, em março, nós vamos apresentar ao Brasil o novo Programa de Aceleração do Crescimento II, para que a gente assuma compromisso, entre 2011 e 2015, de fazer as coisas que falta fazer neste país. E por que temos que aprovar agora? Porque precisamos colocar dinheiro no orçamento deste ano, para que em 2011 a gente possa começar a governar este país, já podendo gastar os recursos que nós temos que gastar.

Dito isso, meu caro companheiro coordenador deste encontro, meus companheiros delegados, eu queria dizer para vocês que a coisa mais extraordinária que nós vamos deixar neste país foi a nossa relação com a sociedade. Aqui, o companheiro Dulci, pela Secretaria-Geral. Eu lembro das últimas duas conferências que nós fizemos: a dos Direitos Humanos e a da Comunicação. Vocês sabem que na [Conferência da] Comunicação, metade dos empresários de Comunicação não participaram. Poucos participaram, e participaram praticamente todos os movimentos sociais. É engraçado que ninguém mordeu o dedo de ninguém, as pessoas não iam lá para xingar, as pessoas não iam lá para ofender. As pessoas iam lá para dizer: “Eu tenho um olhar diferente do que vocês têm, vocês têm um olhar diferente de mim. Vamos



tentar juntar esses dois olhares e vamos ver qual é o olhar que a gente pode dar para o Brasil, para a política de Comunicação”, que não pode ficar sendo apenas discutida por alguns empresários da Comunicação, mas pela sociedade; como é que a gente trata a internet, como é que a gente trata o acesso desse povo à internet. Então, eu acho que foi uma coisa extraordinária, porque as pessoas imaginavam que ia ter uma guerra, e teve uma conferência que tem um resultado. Obviamente que o resultado tem divergência.

A mesma coisa aconteceu na Comissão de Direitos Humanos. Eu digo para vocês uma coisa: quando nós nos colocamos à disposição de debater as coisas, nós temos que perceber que, se juntar duas pessoas, pode ter três [dois] pensamentos; se juntar três, pode ter três pensamentos; se juntar quatro, tem quatro; [se juntar] mil, tem mil; [se juntar] um milhão, tem um milhão. Qual é a capacidade nossa? É de tentar saber quais as divergências e qual o caminho do meio que nós poderemos construir porque, mesmo dentro das conferências, nós temos divergências e mais divergências entre nós.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, no ano que vem, quando vocês estiverem aqui reunidos neste Fórum, cá estarei eu, não mais como presidente da República, mas como ex-presidente da República deste país. Mas, certamente, aqui no meu lugar terá uma pessoa com o mesmo compromisso, talvez com mais capacidade, com mais sensibilidade, para anunciar a este país o que vai poder ser feito daqui para a frente. Uma coisa eu quero que vocês saibam, uma coisa eu quero que vocês saibam: eu saio do governo com a convicção, saio do governo com a convicção e saio do governo com a certeza absoluta de que grande parte das coisas que nós fizemos só foi possível ser feita porque foi construída pela sociedade civil.

Vocês não imaginam alguma coisa que acontece neste país. A primeira vez que nós fizemos, o Paulinho Vannuchi estava coordenando, que nós fizemos uma conferência dos portadores de deficiência visual. E tinha uma briga, na imprensa, se o cachorro poderia entrar no elevador, se o cachorro poderia entrar no shopping, se o cachorro poderia entrar no ônibus, se o



cachorro poderia entrar na igreja. Eu, para mostrar que o cachorro não era um cachorro, era os olhos do portador de deficiência, enchi o Palácio do Planalto de pessoas com deficiência com os seus cães-guia, para mostrar que se um cachorro podia entrar com o seu dono no Palácio do Governo, ele poderia entrar em qualquer lugar.

Foi com muito orgulho que aquele Palácio, em que só entravam empresários, em que só entravam reis, em que só entravam princesas, em que só entravam banqueiros, começou a receber todos os movimentos sociais. Eu lembro da primeira conferência que nós fizemos sem [com] os sem-teto. O líder dos sem-teto foi fazer uso da palavra e ele disse: “Presidente Lula, permita-me não chamá-lo de Excelência. Permita-me chamá-lo de companheiro Lula, e dizer para você que hoje você não precisa atender nenhuma reivindicação nossa. Hoje nós não vamos fazer reivindicação, porque não tem nada de mais motivo de orgulho para nós que nós conseguimos, finalmente, nós que somos perseguidos pela polícia nas ruas da nossa cidade, nós estamos aqui dentro do Palácio do Planalto, junto com o presidente da República, onde nós nunca tínhamos pensado em pôr o pé.”

Eu lembro, companheiros, quando fizemos a primeira reunião com os portadores de hanseníase, no Palácio do Planalto. Eles nunca tinham entrado no Palácio do Planalto. Eu recebi uma delegação de cem portadores de hanseníase para dizer para eles que nós íamos aprovar a aposentadoria para todos aqueles que morarem em colônias, uma aposentadoria de R\$ 750. Eu lembro que quando eu entrei na sala, que eu beijei cada mulher ou cada homem que estava com hanseníase, muitos, muitos choraram, porque jamais imaginaram que um presidente da República poderia encostar o seu rosto no rosto de uma pessoa que tinha sido deformado por uma doença grave.

Eu lembro, companheiros, de uma revolução que está acontecendo neste país e que vocês vão ver daqui a alguns dias. Antigamente, quando eu andava pelo Brasil, a gente só ouvia pessoas, com faixas, fazendo reivindicações corporativas. Hoje, em cada cidade que eu chego, tem dois tipos



de faixas: uma é pedindo uma escola técnica profissional e a outra é pedindo uma extensão universitária. Então, veja, veja, meu caro Cândido, que coisa vai acontecer no Brasil. De 1909 – quando Nilo Peçanha criou a primeira escola técnica no Brasil, na cidade de Campos, no Rio de Janeiro – até 2003, todos os governantes do Brasil criaram 140 escolas técnicas profissionais. Nós, em oito anos, vamos entregar 214 novas escolas técnicas profissionais.

Nós vamos transformar todas as nossas conquistas sociais em uma consolidação de políticas sociais, neste país. A ideia, companheiros do Fórum, companheiro Artur, companheiros sindicalistas, companheiros do movimento social, é a gente tentar criar, como tem a Consolidação das Leis do Trabalho, a gente criar uma consolidação de políticas sociais, para evitar que por decreto ou por portaria, alguém possa resolver achar que as conferências... e as conferências, nós vamos querer legalizá-las, porque senão as pessoas não vão querer mais convocar conferências, porque nem todo mundo gosta de juntar povo. O político não percebeu que ele tem duas orelhas para ouvir e uma boca para falar. Mas o desgraçado parece que tem três bocas e uma orelha só, e as pessoas não gostam de convocar o povo para decidir as políticas públicas que nós temos que levar em campo. Então, este ano, ainda, nós vamos encaminhar a consolidação das políticas sociais, para que a gente possa garantir a continuidade de todas essas políticas.

No mais, eu quero, meus queridos companheiros, dizer para vocês da minha alegria de perceber que este Fórum está com a mesma saúde e com o mesmo vigor que ele estava em janeiro. Eu tenho certeza, Cândido, que mais maduro, eu tenho certeza que mais consciente, eu tenho certeza que muito mais sabedor das coisas que tem que fazer. Mas, ao mesmo tempo, eu tenho a convicção de que este Fórum precisa continuar, e precisa continuar produzindo a ideia da utopia, a ideia do impossível, porque a única coisa impossível no mundo, para quem crê em Deus, é Deus pecar. O resto tudo a gente pode fazer, é só a gente ter vontade, ter coragem e começar a trabalhar.

Quero agradecer, então, a todos vocês a solidariedade, a solidariedade.



Eu tenho a convicção de que vocês foram muito companheiros durante todos esses anos de governo, e tenho certeza de que, na medida do possível, nós fomos companheiros de vocês naquilo que a gente podia compreender.

Lamentavelmente, lamentavelmente, eu acho que se a gente tivesse consolidado o Fórum Social em Porto Alegre desde que começou, isso aqui tinha virado uma coisa excepcional. Mas a gente fez uma coisa nova, que era tentar levar para o mundo inteiro. E a gente teve encontros bons e desencontros, e eu acho que é preciso a gente consolidar e encontrar uma forma de fazer mais gente participar.

Eu penso que depois dessa crise econômica, depois das incertezas no mundo em que parecia tudo certo, eu acho que o Fórum tem um espaço para crescer muito mais do que nós jamais imaginamos.

Por isso, companheiros, que Deus abençoe cada delegado, cada delegada, que Deus abençoe a Direção, e que vocês possam concluir este Fórum com a grandeza do próprio Fórum.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de celebração do Dia Internacional da Recordação do
Holocausto**

Recife - PE, 27 de janeiro de 2010

Meu caro amigo e governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, e sua companheira Renata Campos,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Ministros que em acompanham nesta delegação, Alfredo Manevy, interino da Cultura; Carlos Minc, ministro do Meio Ambiente; Franklin Martins, da Comunicação Social; Edson Santos, de Política de Promoção da Igualdade Racial,

Meu caro amigo João Lyra Neto, vice-governador do estado de Pernambuco e sua senhora Leila Queiroz,

Senhor Giora Becher, embaixador de Israel no Brasil, na pessoa de quem cumprimento os demais membros do corpo diplomático aqui presentes,

Senador Romero Jucá, líder do governo no Senado,

Deputada federal Ana Arraes,

Deputados federais Charles Lucena, Fernando Ferro, Marcelo Itagiba e Pedro Eugênio,

Senhor e amigo João da Costa Bezerra Filho, prefeito de Recife, e sua senhora Marília Bezerra,

Dom Fernando Saburido, arcebispo de Recife e Olinda,

Doutor Claudio Lottenberg, presidente da Confederação Israelita do Brasil, na pessoa de quem cumprimento todos os membros da comunidade judaica brasileira,

Senhor Ivan Kelner, presidente da Federação Israelita de Pernambuco,



na pessoa de quem cumprimento os demais presidentes de federações israelitas aqui presentes,

Senhor Jack Terpins, presidente do Congresso Judaico Latino-Americano,

Senhor José Safra,

Dona Paola Bernstein e senhor Ben Abraham, sobreviventes do Holocausto,

Senhor Germano Haiut e Fábio (incompreensível),

Senhores rabinos,

Amigos e amigas, companheiros da imprensa pernambucana e da imprensa nacional,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu me sinto especialmente honrado pela oportunidade de me reunir com os senhores e as senhoras no local onde funcionou a primeira sinagoga das Américas. Daqui partiram aqueles que fundaram a cidade de Amsterdã, a cidade de Nova Amsterdã, Nova York. Espero, modestamente, que esta ocasião ajude a divulgar a existência deste local, cujas paredes guardam a história da inserção da comunidade judaica em um país acolhedor, tolerante e democrático.

Desejo que todos os brasileiros conheçam que aqui, ainda no século XVII, já se materializava a amizade entre dois povos tão diferentes. E desejo, também, que todos os brasileiros judeus conheçam esta sinagoga que faz parte da sua história.

Nesse sentido, dou os meus sinceros parabéns, na pessoa da professora Tânia Kaufman, a todos aqueles que contribuem para a preservação, divulgação e manutenção deste tesouro histórico. E agradeço, na pessoa do Ivan Kelner, a todos que se dedicaram a realizar esta singela cerimônia.

Antes de prosseguir, não posso deixar de mencionar a tragédia que o



povo do Haiti está vivendo. E lembrar o exemplo dos 20 brasileiros, militares e civis, que lá perderam suas vidas quando trabalhavam pela reconstrução do país. O que nos conforta neste momento é ver a solidariedade do povo brasileiro em favor do povo haitiano. E, nesse sentido, a comunidade judaica em nosso país vem sendo exemplar, como pôde ser visto pelo apoio imediato que o Hospital Israelita Albert Einstein procura dar às vítimas, apesar de todas as dificuldades de acesso.

Peço licença para homenagear aqui aquela que se constitui em um dos importantes símbolos da compaixão e da solidariedade humana: a embaixatriz Roseana Aben-Athar Kipman. Talvez vocês nem saibam que ela – que carrega uma estrela de David no peito – é neta de um judeu, o médico Jayme Aben-Athar, que dedicou a sua vida aos doentes de hanseníase. Ao aconchegar crianças feridas e, em muitos momentos, até mesmo expor sua vida para salvá-las, Roseana expressa o papel que a nossa presença no Haiti tem desde antes do terremoto: compaixão, solidariedade e convicção de que os haitianos podem um dia erguer uma nação que eles mesmos sustentarão.

Minhas amigas e meus amigos;

Esta é a quinta vez consecutiva em que me encontro com a comunidade judaica no Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto – data instituída pelas Nações Unidas também há cinco anos, em referência ao dia em que o exército soviético libertou o campo de extermínio de Auschwitz.

Naquele 27 de janeiro de 1945, o mundo pôde testemunhar, estarrecido, as barbáries e os terrores que afligiram o povo judeu durante a Segunda Guerra. Este momento que envergonha a humanidade não pode e não deve ser esquecido. O Holocausto e suas vítimas devem ser sempre lembrados. Não apenas como uma obrigação de honrar o passado, mas, sobretudo, como um alerta para que tragédias como essa não se repitam nunca mais no futuro.

Como vocês sabem, este é o último ano em que participo desta cerimônia como Presidente da República – e espero que todos os presidentes que me sucederem também participem todos os anos. Por isso quero, nesta



ocasião, me deter em um aspecto que julgo essencial para a compreensão da História: o Holocausto, o extermínio em massa, a destruição e a humilhação de tantas vidas, tudo isso só pôde ocorrer porque, antes, a democracia e o respeito aos direitos humanos também foram sendo progressivamente aniquilados.

Os nazistas, em um primeiro momento, demonizaram os comunistas, acusando-os falsamente de incendiar o prédio do Parlamento Alemão em 1933. Com isso, suprimiram o seu direito de se organizar em partido, restrição que em seguida foi imposta aos socialistas, sociais-democratas e todos os demais que não se alinhassem ao nazismo. Desde então, a repressão cresceu em uma espiral devastadora. Atividades sindicais foram restritas. As instituições do estado alemão foram sendo substituídas pelo poder de Hitler e de seus auxiliares diretos. Liberdades e direitos civis, como o *habeas corpus*, foram extintos. A imprensa foi posta sob censura. Religiosos que levantassem a voz sofriam punições. E os cidadãos que ousassem discordar eram confinados nos chamados “campos de recuperação”, isolando-se, assim, todos aqueles que se opusessem ao nacional-socialismo do Hitler.

Foi dentro deste ambiente de destruição da democracia que se consolidou o caráter racista do regime nazista. Em setembro de 1935, foram editadas as leis que caracterizavam a pureza do sangue alemão, colocavam os judeus como cidadãos de segunda classe e proibiam o matrimônio entre judeus e não judeus. Uma delas, a “Lei da Cidadania”, enunciava literalmente que “um judeu não pode ser um cidadão do Reich. Ele não tem direito a votar em negócios políticos, ele não pode ocupar cargo público”. Com isso, todos os judeus que ocupavam cargos públicos foram obrigados a se aposentar no final daquele ano.

Às leis racistas e autoritárias e à repressão somou-se um dos maiores esforços de propaganda já vistos até hoje. Seu objetivo: alimentar a discriminação e a intolerância, associando uma imagem cada vez mais repulsiva aos judeus, às pessoas com deficiências, aos negros, aos ciganos,



aos homossexuais. Parecia impossível que a crueldade comandada, planejada e executada pelo Estado nazista pudesse ir além. Mas o odioso episódio da noite dos cristais quebrados – em novembro de 1938 – viria a explicitar com precisão o objetivo exterminador.

Numa única noite, 91 judeus foram mortos. Outros 25 a 30 mil foram presos e levados para campos de concentração. Cerca de 7,5 mil lojas de judeus e 1,6 mil sinagogas foram reduzidas a escombros. A sequência da história nós já conhecemos: a guerra, o extermínio, a máquina da morte.

Estou certo de que todos os participantes deste evento conhecem o trágico roteiro que acabei de narrar. Optei, contudo, por repeti-lo para todos nós lembrarmos que foi a supressão da democracia que abriu a avenida para o fascismo e para o nazismo. Sempre faço questão de reafirmar que a democracia é um bem do qual não podemos abrir mão nunca. E nesta ocasião quero também dizer que a democracia política, social e econômica é a nossa principal arma contra a discriminação e a intolerância. A democracia não é a consolidação do silêncio, mas sim da manifestação das múltiplas vozes reivindicando os seus direitos. O povo brasileiro me deu a honra de governar um país já democrático e tolerante. E chegando ao fim do meu segundo mandato, me orgulho de ter contribuído para o fortalecimento das instituições, para a liberdade de imprensa, para a expansão das políticas públicas a todos os setores e comunidades de nossa sociedade e, especialmente, para a ampliação da participação social.

Fico feliz quando vejo, por exemplo, os catadores de materiais recicláveis e os grandes industriais circularem pelos palácios em Brasília. E não só eles, mas os pequenos agricultores e os empresários rurais; as pessoas com deficiência, os hansenianos, os idosos, os jovens, as crianças; os empresários e trabalhadores de todas as áreas; os intelectuais, cientistas, artistas e devotos de todas as religiões.

E fico feliz de estar aqui com vocês – que também são testemunhas e participantes desse grande diálogo democrático – e celebrarmos mais uma vez



a vida em um país formado por muitos povos que se relacionam em harmonia.

Minhas senhoras e meus senhores,

Como vocês sabem, o presidente Shimon Peres, o presidente Mahmoud Abbas e o presidente Ahmadinejad estiveram no Brasil recentemente. Durante esses encontros, conversamos longamente sobre a necessidade de uma paz duradoura no Oriente Médio e sobre os obstáculos que vêm impedindo alcançar esse objetivo. Mostrei ao presidente do Irã que é impossível negar o Holocausto, que 60 milhões de vidas foram perdidas na Segunda Guerra Mundial em combates, em enfrentamentos de parte a parte. Mas que os 6 milhões de judeus não foram mortos em combates, foram exterminados. E ninguém tem o direito de desconhecer o extermínio de tanta gente. Falamos também da nossa disposição de dialogar com todos os setores envolvidos, sobre como o nosso país, com longa tradição pacifista e de respeito às diferenças, pôde contribuir nos processos que visam à resolução dos conflitos na região.

Em março próximo, terei a honra de visitar mais uma vez Israel, a Palestina e a Jordânia. E mais uma vez, em nome do povo brasileiro, levarei até lá nossa mensagem de tolerância e de paz, nossa convicção em defesa do diálogo comum. Uma mensagem que é baseada não em uma utopia, mas na realidade de uma nação onde as mais diversas comunidades convivem em harmonia.

Todos nós, governo e sociedade, podemos trabalhar para que se aproxime o dia em que israelenses e palestinos vivam em segurança em seus respectivos Estados. Um dia no qual a paz e o respeito serão os pilares de um novo Oriente Médio, próspero e com justiça social, no qual todos os conflitos que existem hoje passem a aparecer apenas nos livros de História.

A Terra Santa é uma referência não apenas para as três grandes religiões monoteístas, mas para toda Humanidade. E cabe a todos ajudar os povos que ali habitam a encontrarem o caminho que levará a um futuro melhor.

Muito obrigado, shalom.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da Unidade de Pronto Atendimento do Jardim
Paulista**

Paulista - PE, 27 de janeiro de 2010

Meus queridos e queridas companheiras da cidade de Paulista;

Meus queridos e queridas companheiras do estado de Pernambuco;

Meu querido companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco, e sua esposa, Renata Campos;

Minha querida companheira ministra Dilma Rousseff; e cumprimentando ela, eu estarei cumprimentando os demais ministros que me acompanham nesta visita a Pernambuco;

Meus caros companheiros deputados federais, estaduais, companheiros prefeitos, vereadores, companheiros médicos, enfermeiras, atendentes.

Eu vou ser muito breve, porque eu estou com a garganta não muito boa e não quero ser o primeiro paciente desta UPA aqui. Eu estava visitando a UPA e eu estava dizendo que ela está tão bem organizada, ela está tão bem-estruturada, que dá até vontade de a gente ficar doente para ser atendido aqui. Mas Deus queira, Deus queira que nenhum de vocês, pelo menos hoje, precise ser atendido pela UPA, que vai começar a funcionar amanhã, é isso Eduardo? Amanhã.

Olhem, agora, agora. Eu acho que aquela mulherzinha que sofreu um desmaio já está lá na UPA. Então, já começou a funcionar. Eu queria dizer uma coisa para vocês, muito carinhosa. Eu estou chegando ao final do meu governo, e eu fico fazendo uma reflexão das coisas que nós fizemos, das coisas que faltam fazer, e quem foi que ajudou a gente a fazer as coisas. Realmente, eu sou grato a um companheiro como o Eduardo Campos, seja



deputado, seja como presidente do PSB, seja como ministro da Ciência e Tecnologia, seja como governador, porque durante toda essa parceria, nós fomos companheiros. Eu sou muito grato a um companheiro como o Humberto Costa, que foi ministro da Saúde, que criou o SAMU, que criou a Farmácia Popular, e que foi um companheiro que prestou um inestimável serviço à saúde brasileira.

Eu sou grato aos deputados de Pernambuco que fazem parte da base aliada, porque, nos momentos mais difíceis, eram esses companheiros que aprovavam as coisas que precisavam aprovar para que este país pudesse evoluir um pouco.

Mas, ao mesmo tempo em que a gente agradece a todo mundo – e eu sei que é cedo para agradecer –, eu tenho consciência de que, se não fosse o carinho, a solidariedade e o companheirismo do povo brasileiro, certamente a gente não teria feito tudo o que a gente fez até agora.

Mas queria lembrar uma coisa: em dezembro de 2008 – e eu quero que vocês guardem essa data, porque daqui a pouco vai chegar a eleição, e a desgraça da política é que o político deveria ter carimbado na testa aquele prazo de vencimento. Não por idade, porque eu fui visitar a mãe do Chico Buarque de Hollanda, com 100 anos de idade, ela está nova. Ariano Suassuna está com 80, parece uma criança. A pessoa não está com o prazo vencido porque tem idade. A pessoa está com o prazo vencido porque tem a cabeça atrasada, tem maldade, e não pensa de forma moderna.

Alguns, alguns políticos brasileiros, e alguns políticos de Pernambuco, com o único objetivo de tentar prejudicar o meu governo, derrotaram, em dezembro de 2008, a CPMF, que era o imposto sobre cheques, que ajudava a pagar a saúde. Eu não conheço nenhum empresário que baixou um centavo no preço do seu produto depois que caiu a CPMF. Então, o problema não era de preço. O problema era de maldade. Por que?

Porque aquele companheiro, o ministro Temporão, tinha aprovado o PAC da Saúde. O PAC da Saúde destinava R\$ 24 bilhões para cuidar de



coisas que nós ainda não cuidávamos, por exemplo, a gente levar médico para cuidar da criança dentro da escola; a gente fazer exame de vista na criança assim que ela nascesse; a gente cuidar das crianças durante todo o período; a gente dar mais atenção à mulher; a gente fazer mais hospital. E eles, com medo de que nós fizéssemos isso, eles derrotaram, embora nós tivéssemos maioria, faltou um voto para a gente poder ganhar a CPMF. E eles então ficaram rindo e certos de que tinham acabado com o governo derrotando a CPMF.

Quando eu falo “esses políticos com data de vencimento”, é porque vocês têm que olhar o que essa gente fez por esse estado e o que essa gente se propõe a fazer, porque nós, quando resolvemos trabalhar... eu nunca perguntei aqui em Pernambuco se o prefeito é amigo do Eduardo, ou amigo do Lula, ou amigo de quem quer que seja. Eu não quero saber se ele é do Santa Cruz, do Náutico, do Sport, não quero saber. Eu quero saber se ele é prefeito e se tem problema na sua cidade. Essa cidade está recebendo uma UPA porque Paulista é uma cidade grande e Paulista precisa de uma UPA, e outras cidades vão receber. Mas o que é importante é que para fazer desaforo para aqueles que em dezembro tiraram o dinheiro da saúde, reprovando a CPMF, nós decidimos fazer 500 UPAs dessa em 2010 neste país. Vamos fazer na maioria das capitais e vamos fazer nas principais cidades brasileiras, porque essa gente precisa aprender que o povo brasileiro cansou da politicalha, da intriga, daquele político que não quer que venha dinheiro para o seu estado porque quem está governando é seu adversário, daquele deputado que não quer que vá dinheiro para aquela cidade porque a cidade é governada por um prefeito que é contra ele. Na medida em que a classe política briga, a vítima é o povo da cidade, é o povo do estado e é o povo brasileiro.

Eu tenho dito, Eduardo, o governador Jaques Wagner, da Bahia, está aqui mas ele foi no outro ato que eu vou participar daqui a pouco, que é um ato contra o Holocausto. É um ato de homenagem aos judeus que foram assassinados na Segunda Guerra Mundial, que foram trucidados na Segunda



Guerra Mundial. Mas o Eduardo sabe, e eu quero dizer aqui para vocês: se Pernambuco, se Pernambuco tivesse tido no meu primeiro mandato o Eduardo Campos, governando Pernambuco - e olha que eu dei mais dinheiro para o meu adversário que governava do que o Presidente, aliado dele, deu para ele quando os dois governavam este país.

Se o Eduardo Campos tivesse participado comigo do primeiro mandato, certamente, Pernambuco estaria muito mais avançado do que está hoje. E, eu acho, eu acho Eduardo, que nós ainda temos muito para fazer. Nós temos muito. Por mais que a gente faça, os governantes brasileiros ficaram tanto tempo sem fazer nada que a gente pode fazer 100 em um dia que ainda, assim, precisa fazer mais 100 no outro dia para que a gente faça, não apenas, uma homenagem à restauração pernambucana, mas que a gente possa, na verdade, fazer um processo de recuperação dos danos que a elite política deste estado causou a este estado ao longo de tantas e tantas décadas.

Eu, agora em março, vou vir aqui conversar com o companheiro Eduardo. Nós dois vamos juntos lá em Salgueiro. Em Salgueiro, nós vamos inaugurar a maior fábrica de dormente de trem do mundo. A maior fábrica de dormente de concreto do mundo. E vamos inaugurar uma usina de brita, que só a usina de brita de Salgueiro vale pelas 40 maiores usinas de brita de São Paulo.

E aí, quando chegar junho, ele não vai poder mais, porque vai estar em campanha como candidato. Eu não sou candidato, portanto, eu vou poder vir. Nós vamos vir visitar a Transnordestina, que vai estar com mais de sete mil trabalhadores construindo a ferrovia, para ligar Suape a Pecém e a Eliseu Martins. E aí, quem sabe a gente já possa até inaugurar uma pequena parte da nossa tão sonhada Refinaria de Pernambuco. Daí, quem sabe, a gente já tenha colocado, antes de você sair do governo, Eduardo, aquele navio que estamos construindo no Atlântico Sul, no mar, para que você possa, como governador, dar uma voltinha pelo menos de meia hora nele para ver o que Pernambuco é capaz de fazer quando tem um governante competente, quando tem um



governante que tem vontade e que atende a vontade do povo. Eu tenho certeza absoluta, companheiro Eduardo, eu tenho certeza absoluta, a gente não pode falar de eleição, eu não sou candidato. Mas você pode ficar sabendo de uma coisa: esse estado não tem o direito de retroceder, esse estado não tem o direito de voltar a um passado danoso e a um passado mesquinho, esse estado aprendeu a andar para frente, esse estado aprendeu como é possível acontecer as coisas.

Pouco tempo atrás, diziam: “Não vai ter estaleiro, não vai ter Transnordestina, não vai ter refinaria, não vai ter UPA, não vai ter nada”. Vai ter isso e vai ter muito mais, porque nunca mais o Nordeste brasileiro será olhado pelos outros brasileiros como a parte pobre desse país, como a parte que é tratada [como] de segunda categoria. E eu posso, eu posso te dizer, Eduardo, eu posso te dizer e ser testemunha: se não fosse uma companheira da coragem e da competência, porque não basta ter coragem, é preciso ter coragem, ter competência e saber fazer.

De vez em quando as pessoas falam: “A Dilma é brava”. E eu vou lhe contar uma coisa: mulher tem que ser brava mesmo, porque homem precisa que as pessoas sejam bravas, sabe? Quem tem que ficar arreganhando os dentes toda hora é homem, mulher tem que ser séria mesmo e mostrar... E a companheira Dilma, é esse comportamento dela que fez com que ela pudesse coordenar o PAC, coordenar o Programa Minha Casa, Minha Vida e que pudesse mostrar que esse país, com um pouco de planejamento, ninguém segura, ninguém segura.

Veja que coisa interessante, Eduardo. Eu estava ontem falando, eu estava ontem falando lá no encontro do Fórum Social, lá em Porto Alegre. Tinha 10 mil pessoas. E eu estava contando como foi duro o sofrimento nosso naquele começo de 2003. E eu saí dia 25 de janeiro de 2003, de Porto Alegre, e eu fui para a Suíça, em Davos, onde estava a fina flor da elite financeira mundial. E, quando eu cheguei lá, era só desconfiança. Era desconfiança de que o Brasil ia quebrar, que o Brasil não ia dar certo, que nós não íamos



conseguir governar, que a inflação ia voltar, que nós íamos ser o fim do Brasil. Eu, agora, meu caro Bruno Maranhão, estou voltando para lá, para receber o título de O Presidente [Estadista] Global do ano de 2009.

E por que nós, por que eu fiz questão de ir lá? Porque, da mesma forma que, em 2003, eu tinha o que falar daquilo que eu ia fazer, hoje eu vou lá para dizer o que eu fiz. E para dizer para eles que é possível, na África, fazer igual. Para dizer para eles que, na América Latina, é possível fazer igual. Para dizer para eles que os países ricos precisam criar vergonha e ajudar a salvar países como o Haiti, que não podem ser vítimas do descaso que estão sendo. Então, eu vou lá agora para dizer: “eu fiz, é possível fazer, e nós poderemos fazer no mundo inteiro”.

Vocês estão lembrados, o orgulho que eu tenho - e vocês me ajudaram - quando o FMI chegava aqui no Brasil humilhando o governo brasileiro. Já descia no aeroporto, dando palpite, dizendo o que a gente tinha que comprar, o que a gente tinha que vender, o que a gente tinha que estatizar. Agora, quem fala grosso sou eu. Porque, se antes, Eduardo, era o Brasil que devia ao FMI e ficava que nem cachorrinho magro, com o rabo entre as pernas, agora quem me deve é o FMI. Agora, somos nós que falamos com eles.

E isso eu não conseguiria fazer se não fosse a solidariedade de vocês. Eu não conseguiria fazer se não fosse o companheirismo de um companheiro como Eduardo Campos, que nunca, que nunca faltou em nenhum momento. Ele, o companheiro José Costa, o companheiro João Paulo, as pessoas.. a Luciana, que eu estou vendo ali, o Renildo... Esses companheiros que acreditaram, que lutaram, e que sabem em que time estão. Nós não somos daquele torcedor covarde, que quando o Sport perde, ele queima a camisa, quando o Santa Cruz perde, ele queima a camisa, quando o Náutico perde, ele queima a camisa. Para nós, quanto mais difícil, mais nós levantamos a cabeça. Afinal de contas, não é por acaso que nós nascemos em Pernambuco. Não é por acaso, que nós somos da terra de Frei Caneca. Não é por acaso, que nós expulsamos os holandeses. É porque quem nasce nesta terra aqui, não tem



medo de cara feia. Quem nasce nessa terra aqui, viu, Dilma, você pode ter certeza, quem nasce nessa terra aqui tem um quilate a mais do que muitas outras pessoas, porque a nossa vida é assim.

Então, eu quero, Eduardo, te dar os parabéns, porque essa UPA... é um sonho desse ministro fazer as 510. É uma construção em parceria. Sozinho, nem nós, nem o Eduardo poderia fazer. É preciso juntar um pouquinho que o Eduardo tem, um pouquinho que a gente tem, um pouquinho que o prefeito pode ter, porque esse pouquinho somado a gente consegue fazer um todo que pode deixar o povo pernambucano e o povo brasileiro muito melhor atendido e muito mais feliz.

Que Deus abençoe a todos vocês. E companheiro, companheiro Eduardo, companheiro Eduardo, você sabe que este ano de 2010 é um ano difícil, é um ano complicado, é um ano eleitoral. É um ano em que muita gente vai começar agora a falar bobagem por tudo quanto é canto.

Eu queria dizer duas coisas para você. Primeiro: não faça o jogo rasteiro dos teus adversários. Não baixe o nível da campanha. Quanto mais eles baixarem o nível da campanha, mais você levanta o nível da campanha. Não perca, em nenhum momento, essa relação humana que você tem com esse povo, porque muitas vezes, muitas vezes, esse povo não quer nada da gente, a não ser que a gente o respeite e o trate com carinho e com amor. E eu sei que você sabe fazer isso.

E para terminar, para terminar, meu caro, eu quero te dizer o seguinte: Aconteça o que acontecer, coloque a sua tropa na rua que a minha tropa virá lutar junto, para que a gente possa manter Pernambuco nessa linha de desenvolvimento e de progresso que Pernambuco está.

Um abraço.

Que Deus abençoe a todos vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, lido pelo ministro Celso Amorim após receber o prêmio “Estadista Global” em nome do Presidente, durante o Fórum Econômico Mundial

Davos – Suíça, 29 de janeiro de 2010

Minhas senhoras e meus senhores,

Em primeiro lugar, agradeço o prêmio "Estadista Global" que vocês estão me concedendo.

Nos últimos meses, tenho recebido alguns dos prêmios e títulos mais importantes da minha vida. Com toda sinceridade, sei que não é exatamente a mim que estão premiando - mas ao Brasil e ao esforço do povo brasileiro. Isso me deixa ainda mais feliz e honrado.

Recebo este prêmio, portanto, em nome do Brasil e do povo do meu país. Este prêmio nos alegra, mas, especialmente, nos alerta para a grande responsabilidade que temos. Ele aumenta minha responsabilidade como governante, e a responsabilidade do meu país como ator cada vez mais ativo e presente no cenário mundial.

Tenho visto, em várias publicações internacionais, que o Brasil está na moda. Permitam-me dizer que se trata de um termo simpático, porém inapropriado. O modismo é coisa fugaz, passageira. E o Brasil quer e será ator permanente no cenário do novo mundo.

O Brasil, porém, não quer ser um destaque novo em um mundo velho. A voz brasileira quer proclamar, em alto e bom som, que é possível construir um mundo novo. O Brasil quer ajudar a construir este novo mundo, que todos nós sabemos, não apenas é possível, mas dramaticamente necessário, como ficou claro na recente crise financeira internacional – mesmo para os que não gostam de mudanças.

Meus senhores e minhas senhoras,



O olhar do mundo hoje, para o Brasil, é muito diferente daquele, de sete anos atrás, quando estive pela primeira vez em Davos. Naquela época, sentíamos que o mundo nos olhava mais com dúvida do que esperança. O mundo temia pelo futuro do Brasil, porque não sabia o rumo exato que nosso país tomaria sob a liderança de um operário, sem diploma universitário, nascido politicamente no seio da esquerda sindical.

Meu olhar para o mundo, na época, era o contrário do que o mundo tinha para o Brasil. Eu acreditava, que assim como o Brasil estava mudando, o mundo também pudesse mudar.

No meu discurso de 2003, eu disse, aqui em Davos, que o Brasil iria trabalhar para reduzir as disparidades econômicas e sociais, aprofundar a democracia política, garantir as liberdades públicas e promover, ativamente, os direitos humanos. Iria, ao mesmo tempo, lutar para acabar sua dependência das instituições internacionais de crédito e buscar uma inserção mais ativa e soberana na comunidade das nações.

Frisei, entre outras coisas, a necessidade de construção de uma nova ordem econômica internacional, mais justa e democrática. E comentei que a construção desta nova ordem não seria apenas um ato de generosidade, mas, principalmente, uma atitude de inteligência política.

Ponderei ainda que a paz não era só um objetivo moral, mas um imperativo de racionalidade. E que não bastava apenas proclamar os valores do humanismo. Era necessário fazer com que eles prevalecessem, verdadeiramente, nas relações entre os países e os povos.

Sete anos depois, eu posso olhar nos olhos de cada um de vocês – e, mais que isso, nos olhos do meu povo – e dizer que o Brasil, mesmo com todas as dificuldades, fez a sua parte. Fez o que prometeu.

Neste período, 31 milhões de brasileiros entraram na classe média e 20 milhões saíram do estágio de pobreza absoluta. Pagamos toda nossa dívida externa e hoje, em lugar de sermos devedores, somos credores do FMI. Nossas reservas internacionais pularam de 38 bilhões para cerca de 240



bilhões de dólares.

Temos fronteiras com 10 países e não nos envolvemos em um só conflito com nossos vizinhos. Diminuímos, consideravelmente, as agressões ao meio ambiente. Temos e estamos consolidando uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, e estamos caminhando para nos tornar a quinta economia mundial.

Posso dizer, com humildade e realismo, que ainda precisamos avançar muito. Mas ninguém pode negar que o Brasil melhorou. O fato é que Brasil não apenas venceu o desafio de crescer economicamente e incluir socialmente, como provou, aos céticos, que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza.

Historicamente, quase todos governantes brasileiros governaram apenas para um terço da população. Para eles, o resto era peso, estorvo, carga. Falavam em arrumar a casa. Mas como é possível arrumar um país deixando dois terços de sua população fora dos benefícios do progresso e da civilização?

Alguma casa fica de pé, se o pai e a mãe relegam ao abandono os filhos mais fracos, e concentram toda atenção nos filhos mais fortes e mais bem aquinhoados pela sorte? É claro que não. Uma casa assim será uma casa frágil, dividida pelo ressentimento e pela insegurança, onde os irmãos se veem como inimigos e não como membros da mesma família.

Nós concluímos o contrário: que só havia sentido em governar, se fosse governar para todos. E mostramos que aquilo que, tradicionalmente, era considerado estorvo, era, na verdade, força, reserva, energia para crescer.

Incorporar os mais fracos e os mais necessitados à economia e às políticas públicas não era apenas algo moralmente correto. Era, também, politicamente indispensável e economicamente acertado. Porque só arrumam a casa o pai e a mãe que olham para todos, não deixam que os mais fortes esbulhem os mais fracos, nem aceitam que os mais fracos conformem-se com a submissão e com a injustiça. Uma casa só é forte quando é de todos – e nela



todos encontram abrigo, oportunidades e esperanças.

Por isso, apostamos na ampliação do mercado interno e no aproveitamento de todas as nossas potencialidades. Hoje, há mais Brasil para mais brasileiros. Com isso, fortalecemos a economia, ampliamos a qualidade de vida do nosso povo, reforçamos a democracia, aumentamos nossa autoestima e amplificamos nossa voz no mundo.

Minhas senhoras e meus senhores,

O que aconteceu com o mundo nos últimos sete anos? Podemos dizer que o mundo, igual ao Brasil, também melhorou? Não faço esta pergunta com soberba. Nem para provocar comparações vantajosas em favor do Brasil. Faço esta pergunta com humildade, como cidadão do mundo, que tem sua parcela de responsabilidade no que sucedeu – e no que possa vir a suceder com a humanidade e com o nosso planeta.

Pergunto: podemos dizer que, nos últimos sete anos, o mundo caminhou no rumo da diminuição das desigualdades, das guerras, dos conflitos, das tragédias e da pobreza? Podemos dizer que caminhou, mais vigorosamente, em direção a um modelo de respeito ao ser humano e ao meio ambiente? Podemos dizer que interrompeu a marcha da insensatez, que tantas vezes parece nos encaminhar para o abismo social, para o abismo ambiental, para o abismo político e para o abismo moral?

Posso imaginar a resposta sincera que sai do coração de cada um de vocês, porque sinto a mesma perplexidade e a mesma frustração com o mundo em que vivemos. E nós todos, sem exceção, temos uma parcela de responsabilidade nisso tudo.

Nos últimos anos, continuamos sacudidos por guerras absurdas. Continuamos destruindo o meio ambiente. Continuamos assistindo, com compaixão hipócrita, a miséria e a morte assumirem proporções dantescas na África. Continuamos vendo, passivamente, aumentar os campos de refugiados pelo mundo afora.

E vimos, com susto e medo, mas sem que a lição tenha sido



corretamente aprendida, para onde a especulação financeira pode nos levar. Sim, porque continuam muitos dos terríveis efeitos da crise financeira internacional, e não vemos nenhum sinal, mais concreto, de que esta crise tenha servido para que repensássemos a ordem econômica mundial, seus métodos, sua pobre ética e seus processos anacrônicos.

Pergunto: quantas crises serão necessárias para mudarmos de atitude? Quantas hecatombes financeiras teremos condições de suportar até que decidamos fazer o óbvio e o mais correto? Quantos graus de aquecimento global, quanto degelo, quanto desmatamento e desequilíbrios ecológicos serão necessários para que tomemos a firme decisão de salvar o planeta?

Meus senhores e minhas senhoras,

Vendo os efeitos pavorosos da tragédia do Haiti, também pergunto: quantos Haitis serão necessários para que deixemos de buscar remédios tardios e soluções improvisadas, ao calor do remorso?

Todos nós sabemos que a tragédia do Haiti foi causada por dois tipos de terremotos: o que sacudiu Porto Príncipe, no início deste mês, com a força de 30 bombas atômicas, e o outro, lento e silencioso, que vem corroendo suas entranhas há alguns séculos.

Para este outro terremoto, o mundo fechou os olhos e os ouvidos. Como continua de olhos e ouvidos fechados para o terremoto silencioso que destrói comunidades inteiras na África, na Ásia, na Europa Oriental e nos países mais pobres das Américas.

Será necessário que o terremoto social traga seu epicentro para as grandes metrópoles europeias e norte-americanas para que possamos tomar soluções mais definitivas?

Um antigo presidente brasileiro dizia, do alto de sua aristocrática arrogância, que a questão social era uma questão de polícia. Será que não é isso que, de forma sutil e sofisticada, muitos países ricos dizem até hoje, quando perseguem, reprimem e discriminam os imigrantes, quando insistem num jogo em que tantos perdem e só poucos ganham?



Por que não fazemos um jogo em que todos possam ganhar, mesmo que em quantidades diversas, mas que ninguém perca no essencial? O que existe de impossível nisso? Por que não caminhar nessa direção, de forma consciente e deliberada e não empurrados por crises, por guerras e por tragédias? Será que a humanidade só pode aprender pelo caminho do sofrimento e do rugir de forças descontroladas?

Outro mundo e outro caminho são possíveis. Basta que queiramos. E precisamos fazer isso enquanto é tempo.

Meus senhores e minhas senhoras,

Gostaria de repetir que a melhor política de desenvolvimento é o combate à pobreza. Esta também é uma das melhores receitas para a paz. E aprendemos, no ano passado, que é também um poderoso escudo contra crise. Esta lição que o Brasil aprendeu, vale para qualquer parte do mundo, rica ou pobre.

Isso significa ampliar oportunidades, aumentar a produtividade, ampliar mercado e fortalecer a economia. Isso significa mudar as mentalidades e as relações. Isso significa criar fábricas de emprego e de cidadania.

Só fomos bem-sucedidos nessas tarefas porque recuperamos o papel do Estado como indutor do desenvolvimento e não nos deixamos aprisionar em armadilhas teóricas – ou políticas – equivocadas sobre o verdadeiro papel do Estado.

Nos últimos sete anos, o Brasil criou quase 12 milhões de empregos formais. Em 2009, quando a maioria dos países viu diminuir os postos de trabalhos, tivemos um saldo positivo de cerca de um milhão de novos empregos.

O Brasil foi um dos últimos países a entrar na crise e um dos primeiros a sair. Por quê? Porque tínhamos reorganizado a economia com fundamentos sólidos, com base no crescimento, na estabilidade, na produtividade, num sistema financeiro saudável, no acesso ao crédito e na inclusão social. E quando os efeitos da crise começaram a nos alcançar, reforçamos, sem



titubear, os fundamentos do nosso modelo e demos ênfase à ampliação do crédito, à redução de impostos e ao estímulo do consumo.

Na crise ficou provado, mais uma vez, que são os pequenos que estão construindo a economia de gigante do Brasil. Este talvez seja o principal motivo do sucesso do Brasil: acreditar e apoiar o povo, os mais fracos e os pequenos. Na verdade, não estamos inventando a roda. Foi com esta força motriz que Roosevelt recuperou a economia americana depois da grande crise de 1929. E foi com ela que o Brasil venceu preventivamente a última crise internacional.

Mas, nos últimos sete anos, nunca agimos de forma improvisada. A gente sabia para onde queria caminhar. Organizamos a economia sem bravatas e sem sustos, mas com um foco muito claro: crescer com estabilidade e com inclusão.

Implantamos o maior programa de transferência de renda do mundo, o Bolsa Família, que hoje beneficia mais de 12 milhões de famílias. E lançamos, ao mesmo tempo, o Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, maior conjunto de obras simultâneas nas áreas de infraestrutura e logística da história do país, no qual já foram investidos 213 bilhões de dólares e que alcançará, no final do ano de 2010, um montante de 343 bilhões.

Volto ao ponto central: estivemos sempre atentos às políticas macroeconômicas, mas jamais nos limitamos às grandes linhas. Tivemos a obsessão de destravar a máquina da economia, sempre olhando para os mais necessitados, aumentando o poder de compra e o acesso ao crédito da maioria dos brasileiros.

Criamos, por exemplo, grandes programas de infraestrutura social voltados exclusivamente para as camadas mais pobres. É o caso do programa Luz para Todos, que levou energia elétrica, no campo, para 12 milhões de pessoas e se mostrou um grande propulsor de bem-estar e um forte ativador da economia. Por exemplo: para levar energia elétrica a 2 milhões e 200 mil residências rurais, utilizamos 906 mil quilômetros de cabo, o suficiente para dar 21 voltas em torno do planeta Terra. Em contrapartida, estas famílias que



passaram a ter energia elétrica em suas casas, compraram 1,5 milhão de televisores, 1,4 milhão de geladeiras e quantidades enormes de outros equipamentos.

As diversas linhas de microcrédito que criamos, seja para a produção, seja para o consumo, tiveram igualmente grande efeito multiplicador. E ensinaram aos capitalistas brasileiros que não existe capitalismo sem crédito.

Para que vocês tenham uma ideia, apenas com a modalidade de "crédito consignado", que tem como garantia o contracheque dos trabalhadores e aposentados, chegamos a fazer girar na economia mais 100 bilhões de reais por mês. As pessoas tomam empréstimos de 50 dólares, 80 dólares para comprar roupas, material escolar, etc, e isto ajuda ativar profundamente a economia.

Minhas senhoras e meus senhores,

Os desafios enfrentados, agora, pelo mundo são muito maiores do que os enfrentados pelo Brasil. Com mudanças de prioridades e rearranjos de modelos, o governo brasileiro está conseguindo impor um novo ritmo de desenvolvimento ao nosso país. O mundo, porém, necessita de mudanças mais profundas e mais complexas. E elas ficarão ainda mais difíceis quanto mais tempo deixarmos passar e quanto mais oportunidades jogarmos fora.

O encontro do clima, em Copenhague, é um exemplo disso. Ali a humanidade perdeu uma grande oportunidade de avançar, com rapidez, em defesa do meio ambiente. Por isso cobramos que cheguemos com o espírito desarmado, no próximo encontro, no México, e que encontremos saídas concretas para o grave problema do aquecimento global.

A crise financeira também mostrou que é preciso uma mudança profunda na ordem econômica, que privilegie a produção e não a especulação. Um modelo, como todos sabem, onde o sistema financeiro esteja a serviço do setor produtivo e onde haja regulações claras para evitar riscos absurdos e excessivos.

Mas tudo isso são sintomas de uma crise mais profunda, e da



necessidade de o mundo encontrar um novo caminho, livre dos velhos modelos e das velhas ideologias.

É hora de reinventarmos o mundo e suas instituições. Por que ficarmos atrelados a modelos gestados em tempos e realidades tão diversas das que vivemos? O mundo tem que recuperar sua capacidade de criar e de sonhar.

Não podemos retardar soluções que apontam para uma melhor governança mundial, onde governos e nações trabalhem em favor de toda a humanidade.

Precisamos de um novo papel para os governos. E digo que, paradoxalmente, este novo papel é o mais antigo deles: é a recuperação do papel de governar.

Nós fomos eleitos para governar e temos que governar. Mas temos que governar com criatividade e justiça. E fazer isso já, antes que seja tarde. Não sou apocalíptico, nem estou anunciando o fim do mundo. Estou lançando um brado de otimismo. E dizendo que, mais que nunca, temos nossos destinos em nossas mãos. E toda vez que mãos humanas misturam sonho, criatividade, amor, coragem e justiça, elas conseguem realizar a tarefa divina de construir um novo mundo e uma nova humanidade.

Muito obrigado.

(\$211B)